

REVISTA

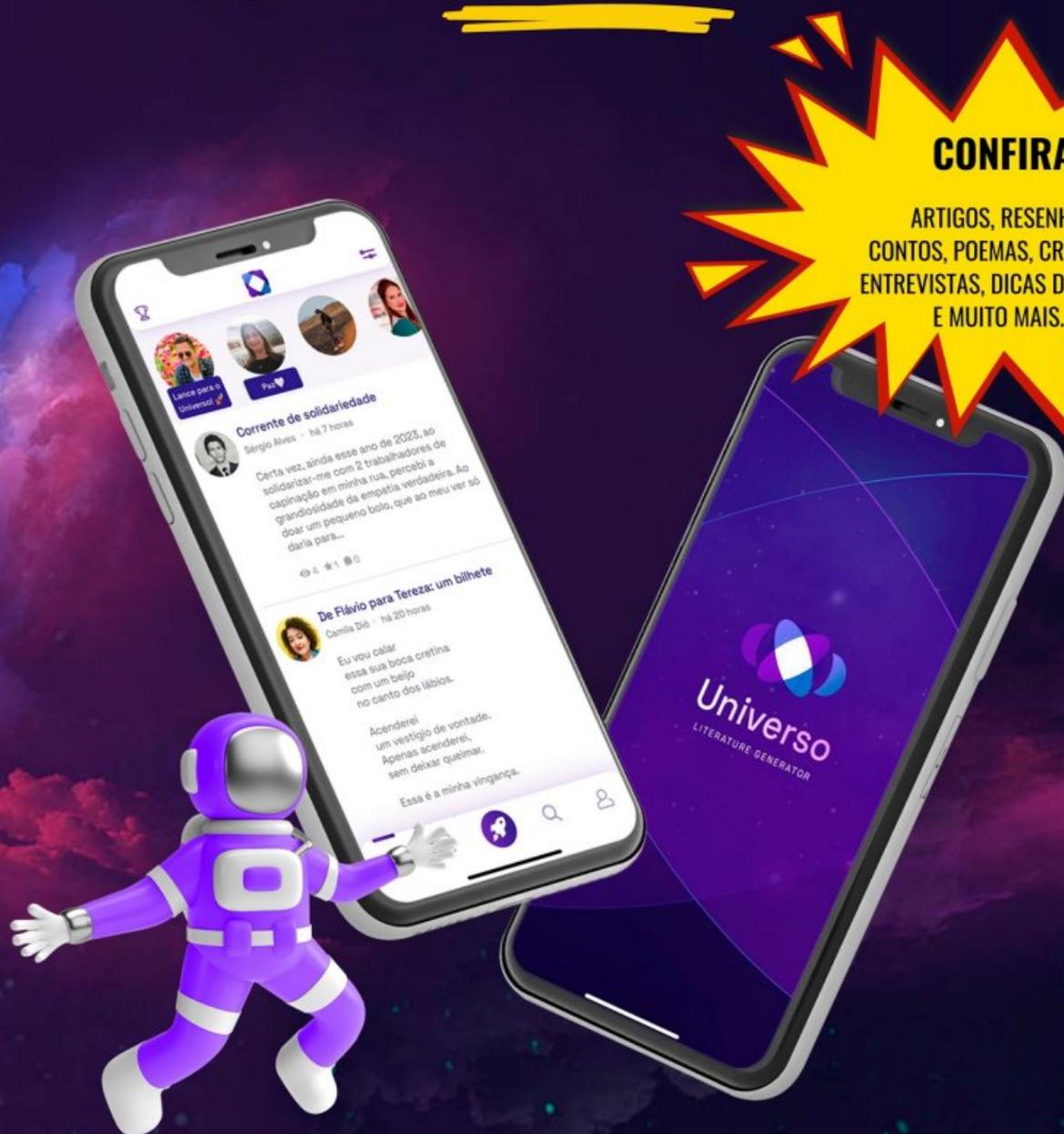
EDIÇÃO Nº 95 | MAIO DE 2023

CONEXÃO LITERATURA™

PORQUE AMAMOS LIVROS

ISSN 2448-1068

Distribuição Gratuita



CONFIRA

ARTIGOS, RESENHAS
CONTOS, POEMAS, CRÔNICAS,
ENTREVISTAS, DICAS DE LIVROS
E MUITO MAIS...

www.revistaconexaoliteratura.com.br

**DE MÉDICO A FUNDADOR DE UMA NOVA
REDE SOCIAL PARA AMANTES DA
LITERATURA. CONHEÇA O APP UNIVERSO**

ÍNDICE

CONTÉÚDO

- Expediente, pág. 03**
- Editorial, por Ademir Pascale, pág. 04**
- De médico a fundador de uma nova rede social para amantes da literatura, pág. 06**
- Dicas para leitura, pág. 11**
- Entrevista, por Bert Jr., pág. 12**
- Ser mãe ser, por Sellma Luanny, pág. 16**
- Se fez presente, por Lilian Ferraz, pág. 18**
- O braço direito nos seus sessenta anos, por Juarez Donizeti Ambires, pág. 19**
- Vácuo das mentes, por Roberto Schima, pág. 25**
- Receitas caseiras, por Bert Jr., pág. 27**
- Autorretrato abstrato, por Mirian Menezes de Oliveira, pág. 32**
- Graciliano Ramos - Vida e obra em linhas secas, pág. 34**
- Criaturas da mitologia grega, pág. 41**
- Parênteses - Um dia de outono qualquer, por Maria Izelda Frizzo, pág. 42**
- Que confusão!, por Aylton Sangy, pág. 44**
- Poemas de Joaquim Cândido de Gouvêa, pág. 47**
- Pilantra - A tragédia grega, por Aline Lourenço, pág. 54**
- Poemas de Sílvia Grijó, pág. 59**
- Resiliência sim, vingança não!, por Meire Marion, pág. 64**
- Entrevista com Joaquim Pontes Brito, pág. 67**
- Entrevista com Natanael de Averno, pág. 71**
- Entrevista com Paola Vechetti Tomaz, pág. 76**
- Entrevista com Ronilson Lopes, pág. 81**
- Citações de grandes autores, pág. 87**
- Conto: A Taiga e a Cimitarra, por Roberto Schima, pág. 93**
- Conto: Carnaval de Carne, por Ney Alencar, pág. 101**
- Conto: Contrato com Devel, por Ney Alencar, pág. 105**
- Conto: Le Maudite, por Ney Alencar, pág. 110**
- Conto: O berço do tempo, por B. B. Jenitez, pág. 114**
- Conto: Carne de cavalo, por Idicampos, pág. 121**
- Conto: Bella Ciao, por Iraci J. Marin, pág. 124**
- Conto: Entre o céu e o inferno, por Ivete Rosa de Souza, pág. 127**
- Conto: A besta de Piodão, por Míriam Santiago, pág. 132**
- Mídia Kit, pág. 139**
- Saiba como divulgar, anunciar, patrocinar ou publicar na próxima edição da Revista Conexão Literatura, pág. 140**



NESTA EDIÇÃO

Dicas para leitura

Entrevistas

Artigos

Poemas e Contos

ZIRALDO

"O importante é motivar a criança para a leitura, para a aventura de ler."

LÁZARO RAMOS

"É muito difícil vender sua arte fora de fórmulas fáceis, isso é uma preocupação que eu tenho."

QUEM FAZ A REVISTA

EXPEDIENTE

Ademir Pascale - Editor-Chefe - ademirpascale@gmail.com

Elenir Alves - Assessora de Imprensa - elenir@cranik.com

CONHEÇA NOSSOS COLUNISTAS/COLABORADORES DO SITE DA REVISTA

www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/colaboradores.html

ISSN: 2448-1068

A Revista Conexão Literatura é uma produção independente e livre de quaisquer vínculos políticos, comerciais e religiosos. Os textos publicados aqui são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores e não dizem respeito à opinião do editor e seus conselheiros, isentos de toda e qualquer informação que tenha sido apresentada de maneira equivocada por parte dos autores aqui publicados.

Para baixar nossas edições anteriores:

www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html

Layout da capa, organização e arte: Ademir Pascale

Agradecimentos aos patrocinadores desta edição

Para saber como anunciar, patrocinar ou participar da próxima edição da Revista Conexão Literatura, acesse:

www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/midia-kit.html

CONTATO:  ademirpascale@gmail.com - c/ Ademir Pascale - Editor-Chefe

- SIGA-NOS NAS REDES SOCIAIS -



conexaoliteratura



revistaconexaoliteratura



conexaonerd

Editor



Ademir
Pascale

EDITORIAL

Queridos leitores!

O mês de maio chegou com mais uma edição recheada de informações sobre o mundo literário. Na capa, destacamos o app Universo, uma nova rede social para escritores e amantes dos mais diversos gêneros literários. Confira mais informações nas próximas páginas. E para focarmos no mês do Dia das Mães, o leitor poderá conferir poemas em homenagem às mães. Contamos também com mais poemas, contos e artigos sobre o mercado literário, além de entrevistas com escritores.

E se você deseja publicar em nossa revista ou mesmo divulgar a sua editora, site, loja ou livro, saiba mais: clique aqui.

Tenha uma ótima leitura!

Ademir Pascale

CONTATO:

e-mail: ademirpascale@gmail.com
site: www.revistaconexaoliteratura.com.br

REVISTA CONEXÃO LITERATURA

*conectando
autores e leitores*



*acesse o nosso site e redes sociais
e fique por dentro do que acontece
no mundo dos livros*

 @revistaconexaoliteratura

 @conexaoliteratura

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

De médico a fundador de uma nova rede social para amantes da literatura

Conheça a trajetória do criador do Universo Literature Generator, aplicativo dedicado ao mundo literário e aos apaixonados por ler e contar histórias



William Costa é um empreendedor que fortalece a ideia de que podemos transformar as nossas paixões em trabalho. Ele é também a prova de que é possível mudar de ideia ao longo da trajetória profissional e se encontrar em novos propósitos de vida.

Não foi fácil largar a zona de conforto na área da saúde e migrar para a tecnologia, ramos bastante distintos. Mas esse sonho antigo falou mais alto e continua falando a cada obstáculo que aparece no caminho do empreendedorismo, que, como o próprio William aponta, é cheio de desafios. O maior deles é manter-se relevante em meio a um mar cheio de negócios atrativos.

Em um primeiro momento, a ideia era que o aplicativo fosse focado na área de Medicina, em que o empreendedor tem alta expertise e conhecimento. Mas logo ele expandiu seus horizontes e decidiu apostar em uma área antes restrita à sua vida pessoal: a literatura.

O App Universo surge para ser uma rede social em que é possível compartilhar textos durante todo o seu processo de criação e amadurecimento. Ele veio para finalmente preencher a lacuna entre as redes sociais convencionais e os tradicionais grupos de leitura. O desejo é expandir o universo da literatura através da publicação de modalidades textuais variadas e descobrir novos autores.

Os amantes do universo literário agora têm um espaço para ler e contar histórias, que podem ser compartilhadas de diversas maneiras, também através de fotografias e áudios. Atualmente, William gere toda uma equipe dedicada ao empreendimento, que já está disponível para download para Android e iOS.

“O app Universo nasceu dessa vontade de deixar a minha marca neste mundo. Acredito que o segredo do sucesso está na vontade de inovar, que nunca pode ser cessada. É isso o que nos leva adiante e nos auxilia a criar ideias para o mundo. Quero que todas as vozes encontrem no Universo a possibilidade de criar e inovar”, William Costa, idealizador do App Universo.



SOBRE O APP UNIVERSO

Criado por William Costa, o App "Universo: Literature Generator" é a nova rede social para amantes de livros. O aplicativo foi desenvolvido para conectar toda a cadeia do mercado literário e está disponível para Android e iOS. A nova social reading traz títulos com insights dos escritores, bem como permite a publicação de textos e seu compartilhamento durante todo o processo de criação por qualquer usuário. **Acesse:** <https://www.vemseuniraouniverso.com>



Com a vida agitada, estresse o dia todo, trânsito, ônibus lotado e o chefe te incomodando todos os dias, nada melhor do que chegar em casa e relaxar. E para ajudar nesse momento Zen, eis o Incensário e Porta Incenso Vertical Ganesha 7 Chakras, tenho certeza que sua vida espiritual será diferente e mais leve.

PARA ADQUIRIR:

CLIQUE AQUI

**POR UMA VIDA
MAIS ZEN**



CONHEÇA O

**Incensário Vertical Ganesha 7 Chakras
Porta Incenso + 8 Incensos Sortidos em Vareta**

www.commerce2you.com.br

REVISTA CONEXÃO LITERATURA

VOCÊ NÃO ESTÁ SOZINHO!
Acreditamos na sua palavra.



Diga NÃO ao bullying!

#todoscontraobullying

atinja o seu público alvo

ESCRITOR(A)

divulgue o seu livro

NAS EDIÇÕES DA

Revista Conexão Literatura

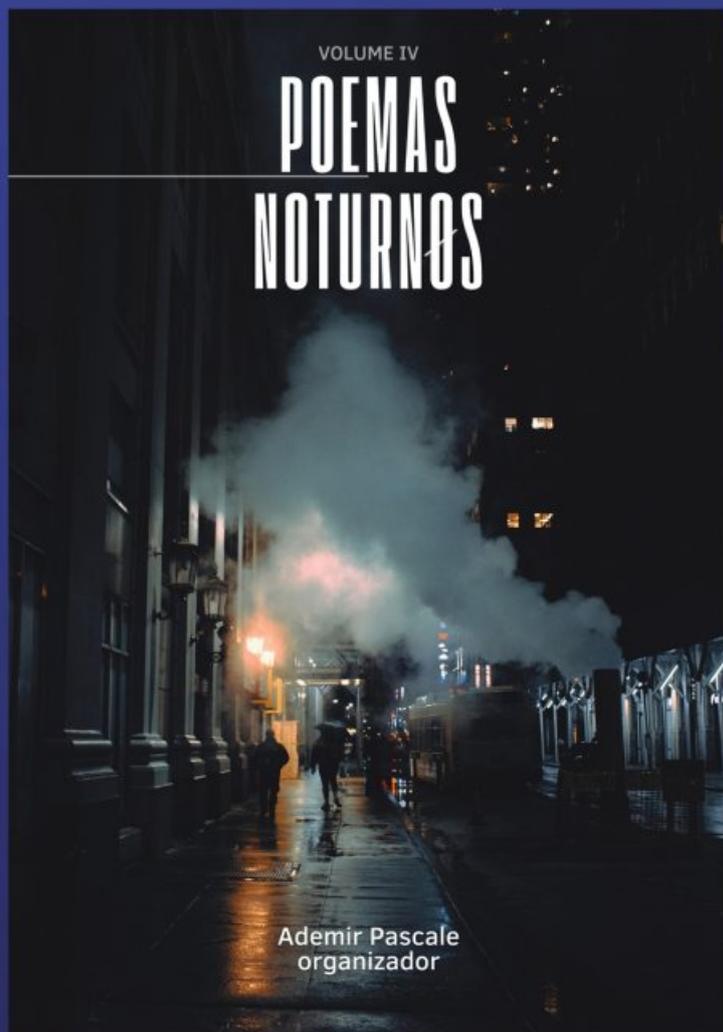


ENTRE EM CONTATO

ademirpascale@gmail.com

DICAS PARA LEITURA

BELOS POEMAS - VOL. II, REÚNE POEMAS DE ALGUNS DOS MELHORES AUTORES NACIONAIS, COM ORGANIZAÇÃO DE ADEMIR PASCALE. O E-BOOK É GRATUITO E ESTÁ DISPONÍVEL NO SITE DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR E NO SITE DIVULGA LIVROS: WWW.DIVULGALIVROS.ORG.



POEMAS NOTURNOS - VOL. IV, COM ORGANIZAÇÃO DO EDITOR E ESCRITOR ADEMIR PASCALE, É UM E-BOOK GRATUITO E ESTÁ DISPONÍVEL NO SITE DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR E NO SITE DIVULGA LIVROS: WWW.DIVULGALIVROS.ORG.

ON AIR



Poe Berty Jr.

ENTREVISTA



Uma noite dessas, enquanto assistia despreocupadamente a vídeos de notícias na internet, fui surpreendido com a repentina inserção de uma entrevista minha, que eu nem desconfiava que tivesse concedido. É claro que prestei a maior atenção no que estava sendo dito, cujo teor reproduzo a seguir, de modo imperfeito, com base no que a memória me permitiu gravar. Foi, como podem constatar, um gesto de desafio à divindade do Marketing, que me fez recordar o de Odisseu a Poseidon na Ilíada.

<< Bom dia/tarde/noite, todo mundo que é público do canal Pancada Jovial, que é privado. Sou eu, gente, Berlinda Fontes, e hoje temos conosco o escritor Bert Jr. Bert, que não gosta de ser classificado, escreve poesia, contos, crônicas, proximamente romances, tudo isso com muito humor. Bem-vindo, Bert!

— Bom saber que sou, Berlinda! Mas antes de falar da emoção de estar aqui pela primeira vez no Pancada Jovial, que trabalha diariamente para forjar as opiniões nacionais, eu preciso dizer que a minha poesia não é humorística.

— Como assim, Bert? Explica isso pra gente.

— Você disse que tudo que eu escrevo tem muito humor. No que se refere à poesia, não é verdade. Além disso, tem contos meus, por exemplo, que não são exatamente humorísticos. A minha dificuldade com as classificações é essa: eu não me encaixo exatamente em nenhuma delas.

— O que faz de você alguém fora da caixa, é isso? Que triste! Lamento muito, Bert.

— Não, não lamente, não. Isso ajuda a ser desconhecido.

— Como assim, você quer ser desconhecido?

— Desconhecimento é sinônimo de paz; vale também como uma espécie de talismã mágico, assim como o manto da invisibilidade. Quando não somos desconhecidos, estamos sempre dividindo opiniões, sendo alvo de críticas e elogios.

— Mas, se pretende ser desconhecido, por que é que publica livros?

— Um autor deve publicar com frequência. Trata-se de um rito de passagem, para alcançar o estado pleno de anonimato. Apenas os que se mantêm desconhecidos após várias publicações, os que ostentam um número irrisório de vendas e leitores, conseguem chegar à paz e à unanimidade definitivas. Estar em paz, sendo unânime, é a mais alta conquista a que se pode aspirar na escala da meritocracia artística.

— Então, se estou entendendo bem, manter um perfil de autor como o seu faz parte da estratégia?

— Precisamente, Berlinda. Agora você encontrou o ponto “Q” da questão. Mas vou avisando logo: manter um perfil como o meu dá muito trabalho, por causa da complexidade. São muitas variáveis estilísticas no âmbito de gêneros narrativos diversos. Às vezes o drama surge dentro do humor, a ficção dentro do factual, o humor dentro do

horror, o distópico dentro do poético. É uma verdadeira ebulição criativa, uma loucura transbordante.

— Mas isso não é bom?

— Para o desconhecimento é ótimo. Por isso é que prometo continuar me esforçando para surpreender os que não me leem, oferecendo a eles aquilo que não esperam, que é justamente o que menos querem.

— Verdade, Bert? Por que, hein?

— Porque quando se consegue separar 50 mangos para comprar um livro, a leitora, o leitor, querem estar seguros de que sabem o que estão levando; nada de gato por lebre, não é mesmo? Comigo, no entanto, podem dar como certo o incerto, pois o gato poderá se revelar não apenas lebre, como cachorro, passarinho, ou mesmo lagartixa!>>

Nesse ponto da entrevista, acordei. A televisão transmitia um *reality show* qualquer.



Bert Jr. é gaúcho de Porto Alegre. Graduiu-se em História, pela UFRGS, e Diplomacia pelo Instituto Rio Branco, em Brasília. Sua experiência como diplomata já o levou a vários países. Estreou na ficção em 2020, com *Fict-Essays e contos mais leves*. Em 2021, publicou o seu primeiro livro solo de poesia: *Eu canto o ípsilon E mais*. Em 2022, lançou um segundo volume de contos, *Do Incisivo ao Canino*, e um novo livro de poemas, intitulado *Nevoandei*. É colaborador assíduo da revista eletrônica Conexão Literatura.

Instagram: @_bertjunior. Facebook: Bert Jr. Site: www.bertjr.com.br.

× × × ×
× × × ×
× × × ×
× × × ×

- **DIVULGUE
PARA + DE
450 MIL
LEITORES**

R\$ 150

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

- **ENTRE EM CONTATO:**
- **E-MAIL: ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM**

PACOTE

DIVULGAÇÃO PARA ESCRITORES

**DIVULGUE O SEU
LIVRO CONOSCO**



Ser Mãe Ser

Por Sellma Luanny

Mães de cada
e de todos
- não combinada
concordância -,
na essência, acertos...
E a novo patamar
a Natureza eleva
sublime ser.

E no calendário
convenientemente
quando as datas
chamam,
louvamos
Mãe ser.

Vital ser
no cuidar com amor,
total entrega...
Magnânima!
Ser que supera o ser...
Grandiosa!

No Mãe ser
um sol em si
- AMANHECER -
iluminada
iluminando...
Desmedido ser!
No ser da Mãe ser
o totalmente ser.

MINIBIOGRAFIA DA AUTORA:

Sellma Luanny são os prenomes e um dos pseudônimos de Sellma Luanny Silva Coimbra Batalha. Brasileira, Médica e Anátomo-Patologista, reside em Macau, China, desde 1987 onde trabalhou como patologista por quase trinta anos. No idioma português, publicou três livros de poemas de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias (Rio das Pérolas e Da Ficção à Realidade ...em ano de Covidamento) - todos em papel. Tem participado de trinta e duas antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, a autora tem lançado suas séries de poemas e histórias curtas.



"Pelo Dia das Mães"

PARTICIPE DA ANTOLOGIA

CONTOS E POEMAS

SOBRE A FLORESTA E O REINO ANIMAL

VOL. II

ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR

CONTOS E POEMAS
VOL. II



E-BOOK

SOBRE A FLORESTA
E O REINO ANIMAL

saiba mais: [clique aqui](#)

SE FEZ PRESENTE

Por Lilian Ferraz

No voo solitário da gaivota no poente
o amor se fez presente

Na loucura daquele que perdeu o juízo
o amor presente minimizou seus riscos

Assim como nas ondas do mar revolto
o amor não estava morto

Um brilho no céu de Istambul
o amor reluziu como um raio flamejante

Na ilha inexplorada do meu viver
o amor se fez continente

Ou numa manhã de verão em Camboriú
O amor se fez presente na cor azul

Tal qual no viver solitário do bardo
o amor se tornou reluzente

Floreando a vida sem cor de uma camponesa
o amor se fez presente com sua nobreza

Mesmo para os seres indolentes
O amor deixou sementes

Para os descrentes
o amor resistiu bravamente

E no silêncio reticente
o amor cauteloso e zeloso se fez presente

MINIBIOGRAFIA DA AUTORA:

Lilian Ferraz, 53 anos, nascida em São Paulo. Sempre teve gosto por leituras diversas, desde gibis até livros didáticos. Começou a escrever na adolescência, mas depois parou, retomando a escrita mais tarde, quando resolveu publicar seus textos de forma virtual.

Mantém uma página no Recanto das letras (<https://www.recantodasletras.com.br/autores/liafatima>), na Casadospoetasedapoesia (<https://casadospoetasedapoesia.ning.com/members/LilianFerraz>) e no seu Blog pessoal (<https://palavrasnotasevivencias.blogspot.com>)



O braço direito nos seus sessenta anos

Por Juarez Donizeti Ambires



Juarez Donizeti Ambires¹

O braço direito é criação literária de Otto Lara Resende (1922 a 1992), editada em 1963; portanto, publicada há exatos sessenta anos. Pertence ao gênero romance, considerado, mesmo na atualidade, a maior experiência em prosa que um escritor possa vivenciar. A tradição vem do século XIX e Otto é, com certeza, um dos seus herdeiros e conhecedores. Entre os gêneros em prosa haveria uma gradação. Do maior para o menor, seria ela: romance, novela, conto, crônica, memória, biografia, diário, carta etc. Na sua vez, da crônica à carta, estamos nos gêneros híbridos (subgêneros) da mesma prosa. Cada gênero e cada subgênero da família em questão contam, na vez deles, com suas marcas específicas, com suas regras de construção. Àquele que deseja escrever em prosa cabe o domínio do conjunto de marcas do gênero desejado. Isto também vale para a poesia, principalmente a feita em versos, em formas fixas.

Em 1963, Otto está, com *O braço direito*, no extremo ascendente da linha da prosa que é hierárquica, isto é, do mais importante – que é o romance – para o supostamente mais trivial – da crônica à carta. Em quantidade, entretanto, o mais extenso de sua produção é o conto. Quatro são suas antologias neste gênero. A publicação de crônicas acontece postumamente. Na construção do seu romance, Otto se mostra um conhecedor do gênero e de toda a história que o cerca direta ou indiretamente. Em se tratando de *O braço direito*, chega a fazer-se ousado. Funde fatos e práticas e, com isto, ficciona duplamente. No gênero *romance*, fala em *diário* e cria uma ilusão. Ler o romance é ler o diário da personagem central. Deste modo, descaracteriza-se um gênero – o diário – para tornar maior a outro – o romance. Um diário só teria, em tese, um leitor; já o romance, muitos e muitos.

Em voga, também há a simulação disfarçada da curiosidade de se ler o diário de outrem, na boa educação algo interdito, tal como proibida era a leitura da carta de um terceiro. Como se isto não bastasse, em nossa leitura, em *O braço direito* há outro duplo. Em sua gênese, encontramos o *Diário de um pároco de aldeia*, de 1936, de Georges Bernanos (1888 a 1948), em um processo de intertextualidade que historicamente é prática recuada. No Brasil, a mesma prática segue a lógica da França como matriz cultural, lida por nossos românticos e por eles assimilada como texto motivador. É o caso de Alencar (e outros) que interage, para exemplo, com Balzac, com Bernardin de Saint Pierre e outros franceses, cuja experiência – sempre prévia – motiva a nossa. A diferença, entretanto, é que, no caso de *O braço direito*, a matriz francesa é o romance católico francês e não mais os românticos daquela cultura.

Em Otto, falam algumas vertentes e, em princípio, pode haver até certa contradição entre elas. Na cultura brasileira, Lara Resende é leitor essencial dos nossos modernistas. Não pertence, porém, ao movimento. Em nossa literatura, seu nome se fixa depois e num estilo que não é o pacto de escrita dos seus imediatos antecedentes. Sua

¹ Doutor em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo. Professor de Língua Portuguesa na FACSP – Faculdade da Associação Comercial de São Paulo. Professor no *lato sensu* “Direito das diversidades e inclusão social” da Faculdade de Direito de São Bernardo do Campo. Revisor de textos para editoras e particulares. juarez.ambires@yahoo.com ; <http://lattes.cnpq.br/5231846291164013> .

simplicidade é única, porque é clássica, mas sem preciosismos. Clássica é a construção da linguagem da obra de 1963 que foi bem recebida pela crítica que ainda de algum modo aplaudia o livro de contos essenciais de 1962 – *O retrato na gaveta*. Em segunda instância, voltamos à realidade do Otto leitor de Existencialistas católicos franceses, mas também dos Existencialistas ateus, como Sartre e Camus. Em *O braço direito*, vence, contudo, o primeiro grupo, referendado no Brasil pela literatura de Lúcio Cardoso e Otávio de Faria aos quais Otto também muito apreciou.

Com isto à baila, em 1963 publica-se *O braço direito* que volta a ser reeditado somente após a morte de Otto. Para ele, Otto, escritor inquieto com sua forma, deixara quatro novos finais, produzidos em episódio ou episódios entre 1963 e 1992. O ano da reedição é o de 1993 e o mês, agosto. A escolha do final que encontramos na presente publicação foi ação sensível de Ana Miranda, que também escreve um posfácio para a edição. Conforme o que apuramos no Instituto Moreira Salles, Lara Resende e Ana Miranda teriam convivido nos espaços da Companhia e muito conversado sobre suas produções. Otto teria a ela falado sobre *O braço direito* e todo o processo de sua escrita. Ana, na sua vez, teria ajudado o escritor em minucioso processo de revisão do livro. O fato, por isto, tornaria a escritora mão abalizada para as ações que lhe foram oferecidas sobre títulos de Otto publicados postumamente pela editora.

O Braço direito é, em retomada e em nossa apreensão, um diálogo com *Diário de um pároco de aldeia*, romance de Bernanos, radicado no Brasil entre 1938 e 1945. À época, o escritor francês estabelecera moradia em Minas e, ao fim, em Barbacena, onde, em 1945, Lara Resende e Hélio Peregrino o visitaram para conversar sobre literatura. Muito falaram, então, sobre o Existencialismo católico, corrente literária que, na França, muitos seguidores conquistara no seio de sua intelectualidade. No contraponto, muito do universo católico está em Otto, reelaborado em literatura. O romance de 1963 nos remete a isto e já a partir do seu título que em seu conteúdo é referência metonímica a Cristo. O filho amado está, na glória, à direita (o lado fasto) de Deus Pai e foi dEle o braço direito, o homem de confiança. Nesta perspectiva, acontece o enredo. Antônio Calado dirá que dos romances brasileiros é o mais católico, apostólico, romano.

Na obra, o narrador personagem passa o tempo do enredo em silêncio. Escreve um diário no qual expõe sua condição de inspetor de meninos em um orfanato, atrelado à igreja e dirigido pelo padre da pequena cidade. Dele o narrador se põe como braço direito, mas a si não atribui fala direta. Por todo o enredo, segue silente, mas é o filtro que nos passa os fatos apreendidos e narrados. Em sua visão, os dirigentes da cidade são soberbos e hipócritas, incluindo-se no conjunto o próprio padre, cujo principal interesse é caçar. Indiretamente, a conduta de oposição é a do inspetor, que, na sua vez, está mergulhada na fidelidade à igreja, na repressão à sexualidade, tanto a sua quanto a dos órfãos. Como ser emparedado não há outro e aqui associamos parede às de taipa do asilo, antes casarão colonial que é sombrio e pede reparos. A réstia de sol é a escrita do diário que se assemelha a *Confissões*, de Santo Agostinho.

Paredão ainda é o seu sentimento de inferioridade, com as contraditórias trincas do pensamento superior daquele que narra e que a todos veladamente julga e condena. Perguntas de importância resvalam pelo diário e no silêncio que o representa fora dele. Duas delas seriam “quem sou eu?” e “o que a vida ainda me reserva?” neste mundo no

qual, sou apátrida, pária, pago o preço da pobreza, mas também a culpa de existir; neste mundo no qual, eu não soube amar, afirma o escritor personagem. Não sem razão, o nome do narrador personagem só aparece uma vez ao final da narrativa. É Laurindo Flores, o leitor de São João da Cruz e de Tereza D'Ávila no seu livro autobiográfico. Aumentando a tensão, tudo se passa na mítica Lagedo, desdobramento ou junção ficcional de cidades mineiras do ciclo do ouro. A geografia é a das montanhas, onde a cidade está alcandorada, suspensa, e o ar é rarefeito.

Em nossa imaginação de leitor, de algum modo mergulhamos em um quadro de Guignard (1896 a 1962), com Ouro Preto no começo de uma manhã fria ainda tomada pela neblina. Fora do esbranquiçado, o que fica são as igrejas com suas torres e sinos nos altos e outeiros. No paralelo, tudo está à beira de precipícios, cuja profundidade não enxergamos com a visão obliterada pela bruma. Por isto, em voga ficam o baixo e o alto, mas também o medo e o fascínio, a santidade e o pecado, tal como nossos acertos e contradições. Geograficamente, o mais alto de todos é o inspetor que, à noite, escreve em seus cadernos. Na sua vez, o seu lugar de escrita é o quarto que está no sótão do casarão, espaço que, na vez dele, também se desdobra. Em primeira instância, é o refúgio, a segurança do inspetor, sob o olhar de um crucifixo do século XVII. Em sintonia, é a torre da virgem² ou da vestal ofendida no recôndito da honra, num rito que é escrita, mas também religião, missa rezada pelo inspetor, o padre em si.

Não queremos, entretanto, aqui deixar a imagem de um Otto limitado ou cegado pela religião. Passa longe de nós esta hipótese. Lara Resende é homem de vasta cultura. Se em sua obra, há Cristo como pressuposto, há também Freud, num aceno, em nossa leitura, à ciência, à modernidade. Otto é homem cristão do aqui e do agora, do olho atento à realidade circundante³. O homem da crença na fraternidade cristã existe, mas a comunhão não é nada evidente e mesmo no seio da família tradicional segundo ele. Em sua escrita, perambulam formas múltiplas de violência com que a ordem quer exercer o seu domínio. E observe-se que dissemos *ordem* e não *mal*, como entidade que pudesse se arvorar, estar presente em nossa vida e nela ditar condutas e acontecimentos. Otto não pressupõe que a dor humana seja necessária, porque necessário é que se complete em nós o que falta aos sofrimentos de Cristo. Longe disso. Em sua escrita, ele dá vez e voz a vulneráveis e a dor não é religiosamente natural entre nós, como também não o é a hierarquia social⁴.

No geral de *O braço direito*, o que temos é isto. O inspetor de órfãos precisa se descobrir como pessoa e individualidade, dar a si uma chance que, de algum modo, será sua redenção. A indiferença com que tratam aos meninos do orfanato e a ele (no fundo,

² Nossa alusão ainda se estende à torre do Castelo de Roccasecca, onde a família de Santo Tomás de Aquino o prendera na expectativa de o demover da ideia de assumir a vida religiosa, o sacerdócio.

³ Entre as leituras de Otto está Antônio Vieira, cujo sermões também muito dialogam com os elementos da realidade circundante. Vieira, entretanto, está no século XVII e marcado pelos valores da Contrarreforma – combate acirrado ao Protestantismo emergente.

⁴ Não se perca de vista que os valores de século XX ou os valores que supomos em Otto já haviam sido apurados por românticos e realistas. O ocidente burguês em suas muitas representações no tempo luta em essência por sociedades mais igualitárias há mais de duzentos anos. O Cristianismo em sua história e existência também se funde à história que o circunda e assimila os seus valores.

outro menino órfão) não pode ser a última palavra sobre o que ele é. Por isto, Laurindo dá a si, em um plano muito inconsciente, o direito de partir, de novamente começar, mesmo que já nos seus quarenta anos e apesar da culpa constante. De algum modo, o fato não deixa de ser uma descida aos infernos que pode ser o mais fundo de nós. É preciso, porém, viver todos os ritos e acreditar no rompimento benéfico. Na geografia da cidade, ele vai do alto – do sótão do casarão onde não foi feliz – para o baixo. Na mesma baixada, entretanto, é que estão a ferrovia, os trilhos e o trem⁵ – que já foi o símbolo máximo da modernidade, do novo que rompeu com o velho⁶.

Referências:

AMBIRES, Juarez Donizeti. *Imagens da infância e da adolescência em Otto Lara Resende*. São Paulo: Porto de ideias, 2010.

BERNANOS, Georges. *Diário de um pároco de aldeia*. Tradução de Edgar de Godói da Mata-Machado. São Paulo: Abril Cultural, 1985.

MEDEIROS, Benício. *Otto Lara Resende* (Série “Perfis do Rio”). Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1998.

PICCHIO, Luciana. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

RESENDE, Otto Lara. *O braço direito*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SANTOS, Tatiana Longo dos (org.). *Três ottos por Otto Lara Resende*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2002.



Otto Lara Resende

⁵ A referência para nós, na analogia que em nossa leitura criamos, é a estação ferroviária de Ouro Preto. O movimento é em escala descendente. A linha contorcida vai do Palácio do Governador - que é do século XVIII e está ao alto - até a várzea distante e abaixo, onde está a estação ferroviária - que é do século XIX.

⁶ O quadro de agora já não é mais o de Guignard. No momento, à mente nos vem *Chuva, vapor e velocidade* (1844), de William Turner (1775 a 1851), em cujo núcleo central há o trem em velocidade se sobrepondo à tempestade, ao vento contrário, em palavra última, à natureza adversa e a si mesmo.

NOVOS VÍDEOS NO CANAL ⁺

▶ **CONEXÃO
NERD**

I N S C R E V A - S E

@CONEXAONERD

APRESENTADO POR ADEMIR PASCALE

⁺



VÁCUO DAS MENTES

POR ROBERTO SCHIMA

Será a uma mente vazia
aquilo que chamam "democracia"?
Fazer da propagação da ignorância
em vez de exceção, sua constância?

Hoje, a censura é outra.
A tortura é outra.
A ditadura é outra.

Mal se pensa e menos se cria.
"Talento" é sinônimo de disenteria.
Qualquer opinião é alvo da valentia,
vil covardes inflados de hipocrisia.

Aonde foi a verdadeira alegria?
A imaginação e a criatividade?
Os valores genuínos, sem apatia?
Nas sombras do passado e da saudade.

E a cultura que dum país faz estrutura?
O respeito que, da balbúrdia, dá-se jeito?
Um "ó" com copo mal conseguem fazer
e acham-se a sumidade de todo o saber.
Mimimi, mimimi é a atual geração.
Se não há conteúdo, a que dar vazão?

A sua tortura.
A sua censura.
A sua ditadura.

Não conseguindo pensar,
tampouco ter educação,
juntam-se a vomitar
sua falta de razão.

Do alto da arrogância
do que consideram atitude,
alucinam falsa importância.
Estupidez mimetizada em virtude.



BIOGRAFIA DO AUTOR:

Paulistano e neto de japoneses nascido em 01/02/1961. Passei a infância imerso nos anos 60. Senti o clima de entusiasmo em relação a "Conquista do Espaço" que hoje não existe mais. Colecionei gibis de terror. Desenhei inúmeros monstros. Assisti aos filmes da Hammer, desenhos da Hanna-Barbera, seriados de Irwin Allen, Jornada nas Estrelas, Ultraman etc. Li os pockets da série Trevo Negro de R. F. Lucchetti. Apavorei-me com o episódio O Monstro Invisível, de Jonny Quest. Fascinei-me pelo lirismo de Ray Bradbury ao ler uma adaptação em quadrinhos de seu conto "O Lago". Fui um garoto que amava os monstros: sobrenaturais, mitológicos, pré-históricos, abissais ou do espaço, incluindo as criaturas de Ray Harryhausen. Apavoravam-me, mas eram meus amigos. Agraciado com o Prêmio Jerônimo Monteiro, promovido pela Isaac Asimov Magazine (Ed. Record), pela história Como a Neve de Maio. As histórias Abismo do Tempo e O Quinto Cavaleiro foram contempladas pela revista digital Conexão Literatura, de Ademir Pascale, da qual tornei-me colaborador a partir do nº 37. Colaboro também com a revista digital LiteraLivre, de Ana Rosenrot. O conto Ao Teu Dispor foi premiado na antologia Crocitar de Lenore (Ed. Morse). Escrevi: Limbographia, O Olhar de Hirosaki, Os Fantasmas de Vênus, Sob as Folhas do Ocaso, Cinza no Céu, Era uma Vez um Outono, Vozes e Ecos, Através do Abismo, Imerso nas Sombras etc. Participei de mais de duzentas e trinta antologias até o momento. Contato: rschima@bol.com.br. Mais informações: Google ou nos links abaixo.

<http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/search?q=schima>

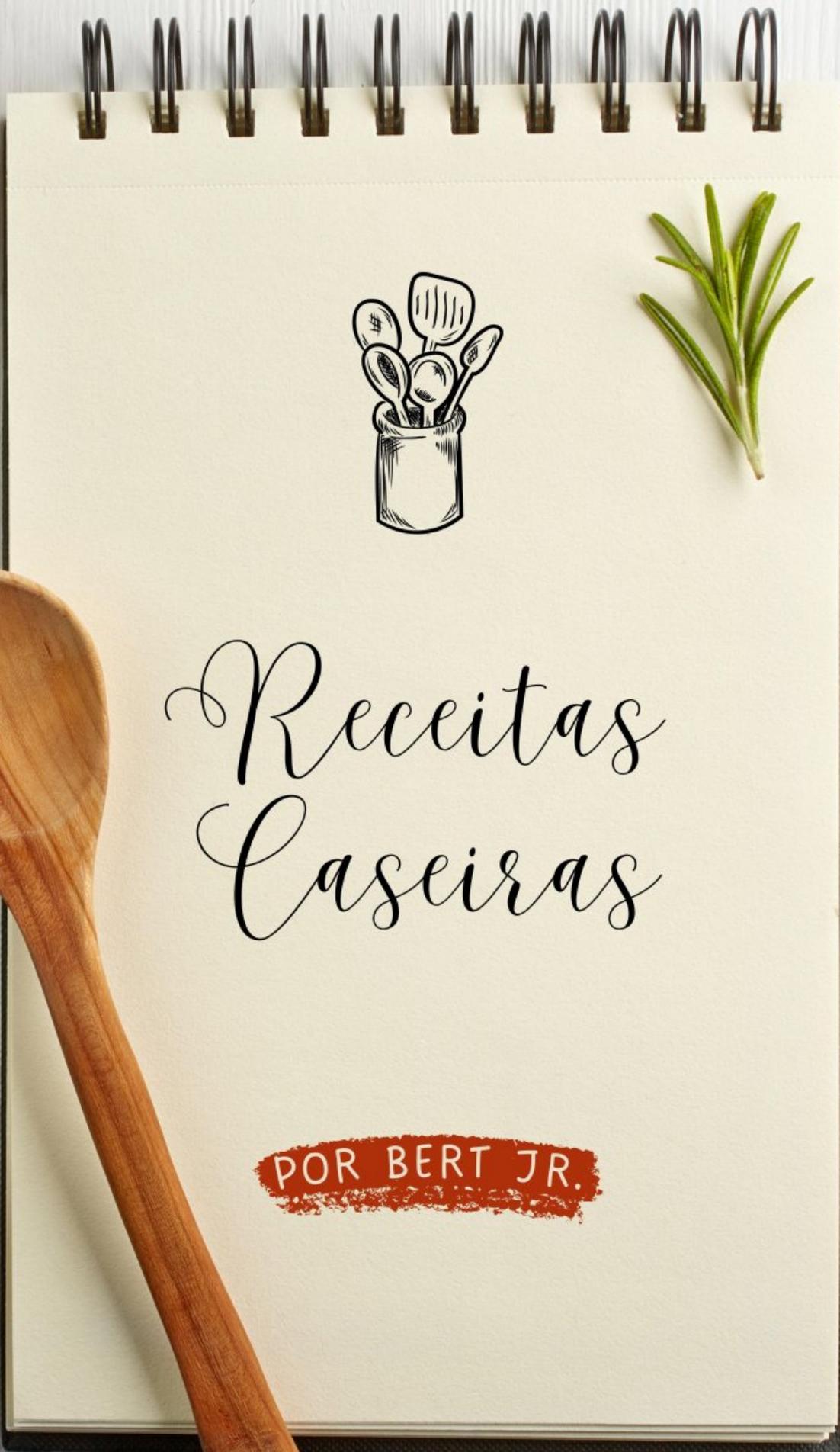
[https://www.amazon.com.br/s?](https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22&__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&ref=nb_sb_noss)

[k=%22roberto+schima%22&__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&ref=nb_sb_noss](https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22&__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&ref=nb_sb_noss)

<https://clubedeautores.com.br/livros/autores/roberto-schima>

<https://loja.uiclap.com/autor/roberto-schima/>

<https://www.wattpad.com/user/RobertoSchima>



Receitas Caseiras

POR BERT JR.

Sempre me surpreendeu o fato de haver receitas caseiras para solucionar uma série de problemas e necessidades, desde furúnculo até depressão aguda, passando por parafusos impossíveis de serem extraídos e vidros de conserva difíceis de abrir. Se há tantas situações quanto soluções especialmente concebidas para elas, por que não contribuir para tornar a lista mais completa (ou complexa)? Foi com esse espírito que tomei a liberdade de formular algumas receitas caseiras para questões de ordem prática — outras nem tanto — que se apresentam com maior ou menor frequência em nossas vidas. Espero que você não precise recorrer a nenhuma delas; no entanto, por via das dúvidas confira a lista abaixo. Vai que...

Verniz específico para caras de pau:

- Pegue três dúzias de políticos de siglas variadas e misture bem, acrescentando bastante saliva, até não haver nenhuma diferença entre eles.
- Adicione meia dúzia de lobistas e mexa com jeitinho brasileiro.
- Quando a massa se tornar pastosa, despeje um copo de uísque importado *on the rocks* (18 anos ou mais); em seguida, agregue dois dedos de cachaça premium de no mínimo US\$ 5 mil a garrafa e uma medida de óleo de peroba.
- Para finalizar, vá pingando gotas de lágrima de crocodilo até a mistura adquirir a consistência de um melado.

Pronto! A experiência comprova que nenhuma cara de pau corre o menor risco de rachar ou sofrer danos após a aplicação dessa fórmula.

Suco antiácido para cortar enjoos:

- Escolha um veículo de comunicação dos mais favoráveis à situação e esprema seu conteúdo até o fim.
- Em seguida, faça o mesmo com um veículo da mídia favorável à oposição.
- Junte os dois conteúdos numa panela e aqueça a mistura em fogo alto, deixando evaporar até chegar a uma redução de 90% de sua toxicidade.
- A seguir, retire do fogo e deixe esfriar.
- Acrescente três colheradas, das de sopa, de leite de aveia e uma de leite de magnésia; agregue meio litro de chá de camomila, um copo de água de coco e uma medida de licor de jenipapo.
- Adoce com mel natural a gosto, mexa e conserve na geladeira.

Tome pelo menos 300ml logo cedo, em jejum, para prevenir qualquer náusea, e 200ml após eventual contato com matéria indigesta.

Tônico fortificante para miolos moles:

- Passe um café coado bem forte.
- Aproveite o resto de água quente e prepare uma xícara de chá preto concentrado.
- Junte o café e o chá numa vasilha de 2 litros.
- A seguir, pegue o liquidificador e coloque 1 pimentão vermelho grande picado, 2 beterrabas raladas, várias folhas de espinafre e salsa.
- Acrescente 1 litro de coca-cola, na temperatura ambiente, uma porção generosa de amendoim, e ponha para bater por 2 minutos.
- Depois de bater, despeje na vasilha de 2 litros onde já estão o chá e o café.
- Mexa devagar e então coe a mistura numa peneira fina.

Uma vez concluído o processo, vá consumindo a bebida enquanto lê *O Ser e o Nada*, do Sartre, alternando com *Ficções*, do Borges, e *Grande Sertão: Veredas*, do Guimarães Rosa. Se preferir, você pode optar por ler *Ser e Tempo*, do Heidegger, alternando com *A Legião Estrangeira*, da Clarice Lispector, e *A Montanha Mágica*, do Thomas Mann.

Pomadinha revitalizadora do ego:

- Jogue 100g de amendoim cru no liquidificador e ponha para bater junto com 300g de chocolate fundido escuro (mínimo 80% de cacau), mais 50ml de leite integral para facilitar o processo.
- Transfira a mistura para uma tigela e acrescente uma banana esmagada com açúcar e canela em pó.
- Adicione 80g de vaselina em gel e 15ml do seu perfume preferido.
- Misture tudo manualmente, até a pasta adquirir consistência homogênea.
- Acondicione o produto final num pote de tamanho adequado.
- A seguir, contrate um(a) profissional em massagem tântrica para uma sessão especial utilizando a pomadinha caseira fabricada por você.
- Pague um adicional para que a(o) massagista diga elogios no seu ouvido, tipo: “você é o melhor cliente que eu já tive”; “pra você eu trabalharia até de graça”; “se clonassem você um milhão de vezes, o mundo seria um lugar muito mais interessante” etc.

Faça isso uma ou duas vezes por semana até amanhecer cantando tango; então, suspenda o tratamento.

Xarope para acessos de raiva virtual:

- Ferva ½ kg de coroa-de-cristo numa panela com água pela metade.
- Separe o líquido e com ele cozinhe pedaços de cacto de alguma variedade comestível, juntamente com erva-doce e folhas de menta, por no mínimo 15 min.
- Findo o cozimento, despeje tudo no liquidificador, adicionando 1 shot de tequila, e bata bem até a mistura ficar completamente líquida.
- Moa um comprimido de relaxante muscular e outro de ansiolítico e acrescente o pó à mistura.
- Volte a bater por 30 segundos.
- Coe o produto dentro de uma jarra de vidro.

Tome uma dose de 50ml do xarope cada vez que topar com um canal ou perfil de internet com opiniões políticas e valores culturais muito diferentes dos seus.

Ritual de desobsessão ideológica:

- Pegue um exemplar de “A Riqueza das Nações”, do Adam Smith, e uma versão condensada em um só volume de “O Capital”, do Karl Marx; certifique-se de que a espessura de ambos os livros seja idêntica (se necessário, arranque folhas do mais volumoso para que se iguale ao outro).
- Ponha um cinzeiro grande de cerâmica sobre uma mesa de apoio e prepare, de cada lado, um maço de folhas extraídas de cada uma das obras mencionadas.
- Deixe um isqueiro sobre a mesa e, junto às folhas arrancadas de “O Capital”, coloque um charuto cubano e um copo de vodca; do outro lado, junto às folhas de “A Riqueza das Nações”, tenha um cachimbo já preparado com tabaco aromático e um copo de conhaque francês.
- Coloque o pé esquerdo sobre “O Capital” e o direito sobre “A Riqueza das Nações”.
- Acenda o charuto, dê duas ou três baforadas, tome um bom gole de vodca e diga em voz alta: “Burgueses de todo o mundo, perdoadas sejam as reservas financeiras e patrimoniais auferidas ou herdadas em vossas vidas, e abençoado seja vosso tino empresarial. Pagai corretamente vossos impostos e auxiliai os menos favorecidos, praticando participação nos lucros, salários dignos, e efetuando contribuições generosas em favor de causas sociais e humanitárias. Se isso fizerdes, ide em paz!” Então, queime as páginas de “O Capital” dentro do cinzeiro.
- A seguir, acenda o cachimbo, dê duas ou três baforadas até sentir o ambiente perfumado com o odor do tabaco, tome um bom gole do conhaque e diga em voz alta: “Trabalhadores das classes médias, baixas e baixíssimas de todo o mundo, perdoadas sejam vossa excessiva paciência e vossa resignação, e abençoada seja vossa capacidade

produtiva e associativa. Valei-vos de vossa grandeza numérica para reivindicar ações mais eficazes de resgate social do governo e das fundações filantrópicas dos burgueses, de modo a formar dentre vós gente qualificada e sensata, que vos represente condignamente em número cada vez maior e reverta em vosso benefício o dinheiro recolhido com os impostos. Isso fazendo, ide em paz!” Então, queime as páginas de “A Riqueza das Nações”.

Recolha as cinzas e as leve consigo, no bolso ou na bolsa, dentro de uma latinha, entremeadas com farelos de fumo originários do charuto e do cachimbo. De vez em quando abra a latinha, inale o cheiro do tabaco e reflita sobre a quadratura do círculo.



Bert Jr. é gaúcho de Porto Alegre. Gradou-se em História, pela UFRGS, e Diplomacia pelo Instituto Rio Branco, em Brasília. Sua experiência como diplomata já o levou a vários países. Estreou na ficção em 2020, com *Fict-Essays e contos mais leves*. Em 2021, publicou o seu primeiro livro solo de poesia: *Eu canto o ípsilon E mais*. Em 2022, lançou um segundo volume de contos, *Do Incisivo ao Canino*, e um novo livro de poemas, intitulado *Nevoandeiro*. É colaborador assíduo da revista eletrônica Conexão Literatura.

Instagram: @_bertjunior. Facebook: Bert Jr. Site: www.bertjr.com.br.

AUTORRETRATO ABSTRATO

Por Mirian Menezes de Oliveira

**Sobre fundo neutro,
despejo tintas;
misturo cores...**

**Sou curvas e retas!
Geometria aleatória...
Texturas improváveis...
Planos previsíveis...
Contextos inesperados...**

**Sou obra sem moldura...
Respingos de cores vivas...
Traçados de cores mortas...**

**Cai-me, da mão, o pincel.
Agora, são tons sobre tons...
Resta-me o pensamento,
que se embaralha na tela.
Sou a vida em andamento...**

MIRIAN MENEZES DE OLIVEIRA: Mestre em Semiótica, Tecnologias de Informação e Educação - UBC - Mogi das Cruzes - SP. Especialista em Leitura e Produção de Textos - UNITAU - Taubaté - SP. Membro da REBRA - Rede de Escritoras Brasileiras e da A.C.I.M.A - MANDALA - Itália. Membro efetivo e correspondente de diversas Academias e Instituições. Possui livros e participações em Antologias nacionais e internacionais, assim como poemas musicados em Projetos de Intercâmbio Cultural. Seus livros infantis e de poesia circulam por Salões Internacionais de Livros. É colunista e participa, com frequência, de publicações coletivas (e-books), em Revistas Eletrônicas de Literatura. Fotógrafa amadora, estuda, atualmente, Fotografia e História da Arte.



REVISTA CONEXÃO LITERATURA

Respeito e agradecimento aos professores

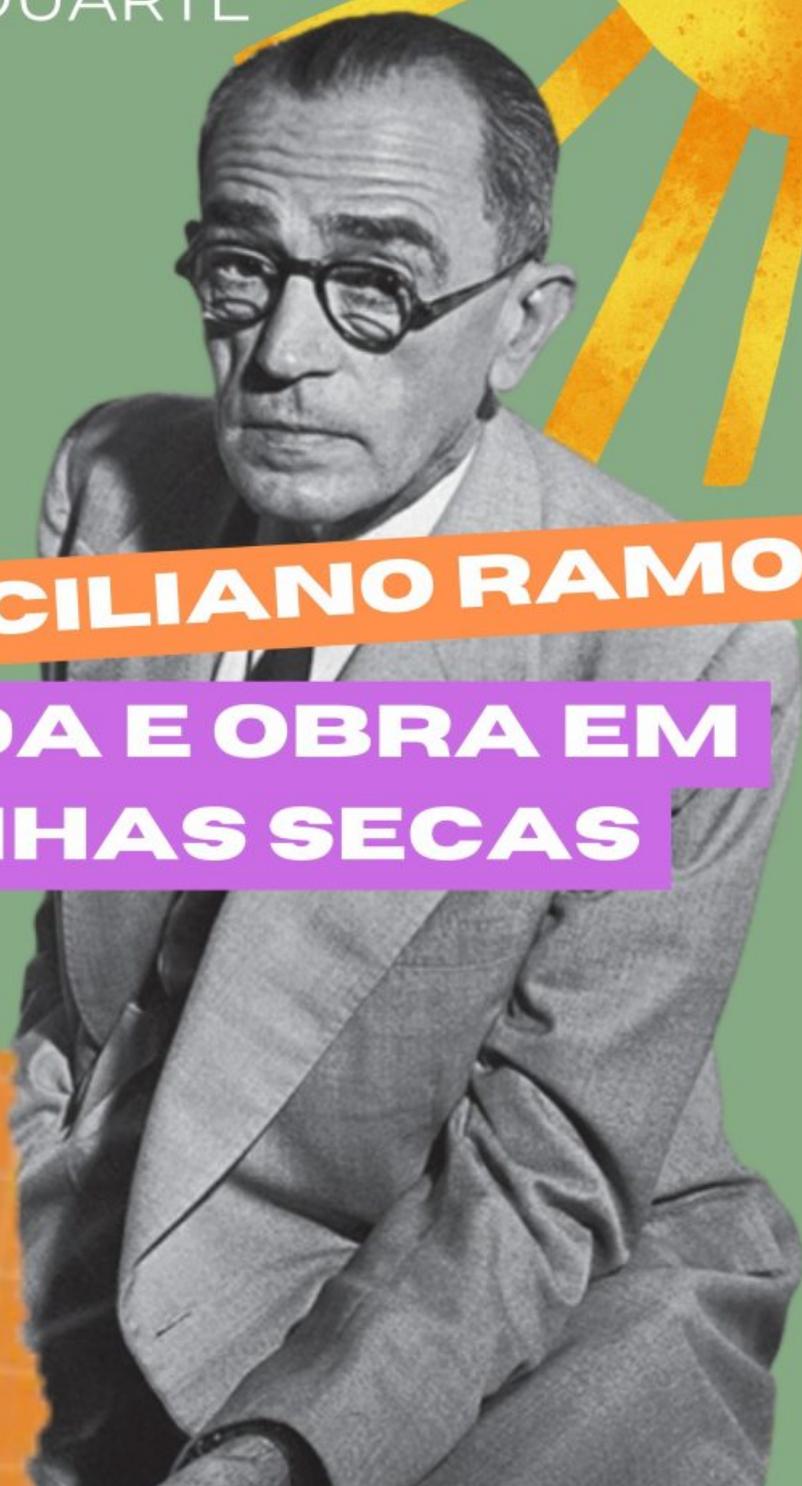




POR GILMAR DUARTE
ROCHA

GRACILIANO RAMOS

**VIDA E OBRA EM
LINHAS SECAS**



Quando se fala em expoentes da literatura brasileira, geralmente o nome de Graciliano Ramos aparece sempre ao lado de Machado de Assis e de Guimarães Rosa. Não é à toa. O escritor alagoano, que não alcançou a velhice e nem publicou tantos livros, retratou o sertão brasileiro com tamanha intensidade e veracidade, como se a sua caneta fosse um pincel ou um cinzel de artista plástico.

Graciliano Ramos nasceu Quebrangulo, norte de Alagoas, em 27 de outubro de 1892, numa época em que o sertão brasileiro era palco de bandoleiros, policiais corruptos, cangaceiros, coronéis autocratas, muita miséria, pouco trabalho, muita seca, pouca fartura, tudo muito bem retratado na obra “O cabeleira”, de Franklin Távora, peça indispensável para entender o Brasil Nordeste do fim século 19.

A educação do menino Graciliano, o primeiro dos dezesseis filhos de Sebastião Ramos, foi bastante caótica, devido às constantes mudanças de residência. Teve que aprender o alfabeto com o próprio pai, que não tinha muita paciência e nem didática para isso. Só para terem uma ideia do caos do processo da educação fundamental do futuro escritor, o terceiro livro que lhe deram para reforçar o aprendizado da língua portuguesa foi nada menos do que “Os Lusíadas”, de Camões, que o confundiu por completo: “*Deram-me Camões em manuscrito borrado...*”, disse ele anos mais tarde.

Na cidade de Viçosa, onde ingressou numa espécie de internato, adquiriu o gosto pela leitura de Aluísio de Azevedo, Victor Hugo, Daniel Dafoe e Cervantes, seus primeiros autores preferidos. Com o tempo, foi sofisticando o gosto: ousou enfrentar Balzac e Zola, já de olho em Dostoiévski e Tolstói. Ajudou a criar jornais estudantis e neles **publicou** os seus primeiros textos.

Em 1910, a família muda-se para Palmeira dos Índios, onde Graciliano conclui o ginásio e começa a trabalhar em tempo integral na loja do pai. Nesse período, estudou muito a língua portuguesa e, em pouco tempo, já começava a lecionar avulsamente para alunos da cidade que precisavam de reforço no nosso idioma.

Pouco tempo depois, assume de vez a loja do pai, que havia comprado uma pequena propriedade agrícola; casa-se com Maria Augusta — uma união de conveniência — e tem três filhos com ela. Nessa época ele começa a ter contato com a doutrina comunista e torna-se simpatizante da causa. Mais tarde, através da leitura de jornais da capital e correspondências de amigos, tem ciência das constantes crises econômicas que assolava o país, das revoltas tenentistas, do impacto cultural da Semana de 22 e tudo isso se inseriu na sua esfera de interesse. Mas chega um tempo em que toda aquela vida prosaica do interior o deixa completamente entediado a ponto de pensar até mesmo em suicidar-se.

Mas, por ironia do destino, a sua vida começa se tornar relevante no momento em que ele resolve reunir as suas sinopses de ficção, estruturá-las e compor a base do que viria a ser o seu futuro romance “Caetés”. Começa a escrever o livro nas horas vagas, entre um trabalho e outro na loja. No ano de 1925 ele dá por concluída a primeira versão do romance.

Em 1927, eis que a política atravessa por acaso na sua vida. Uma aliança partidária muito competente vê na erudição do jovem lojista um trunfo para ganharem a eleição para a prefeitura de Palmeiras dos Índios. Meio a contragosto, ele resolve concorrer e é eleito prefeito da cidade. Em dois anos de mandato, tudo que Graciliano consegue realizar à frente do comando da cidade é cobrar incansavelmente os impostos; banir os animais vadios da rua e casar-se com Heloísa Medeiros, uma jovem esbelta, filha do Secretário do Tribunal de Justiça de Alagoas, que ele conhecera em uma de suas visitas oficiais à capital. Foi amor à primeira vista. Como ele já estava separado de Maria Augusta, a primeira mulher, não demorou muito para seduzir; trazer a aristocrática Heloísa para o interior e casar-se com ela, em curto espaço de tempo.

Em 1929, antes de entregar o comando da prefeitura, Graciliano escreveu um extenso, insólito e espirituoso relatório para o governador do estado de Alagoas, documento esse que teve enorme repercussão pelo uso da verve literária na composição de um documento formal. Eis alguns trechos da prestação de contas do relatório, que foram reproduzidos no seu livro póstumo “Viventes das Alagoas”:

“Se eu deixasse em paz o proprietário que abre cercas de um desgraçado e lhe transforma em pasto a lavoura, deveria enforcar-me”

“Dos funcionários que encontrei ficaram poucos; alguns faziam apenas política; outros, nada faziam”

“A iluminação da cidade custou uma fortuna ... Não tenho culpa se o negócio referente a claridade foi feito às escuras na gestão anterior. Colocaram até a luz da lua no contrato”

“... No cemitério enterrei milhares de réis”

Em 1929, nasce o seu filho Ricardo, o primeiro com Heloísa. Em março de 1930 o governador de Alagoas, Álvaro Paes, seu amigo, o convida para assumir a Imprensa Oficial do Estado, em Maceió. Devido em grande parte ao seu insólito relatório de prestação de contas ao governo do estado, o seu nome repercute e vários órgãos de comunicação de Alagoas (e até de outros estados) disputam a publicação das suas crônicas.

Chegam do Rio de Janeiro as primeiras notícias sobre o interesse da publicação de “Caetés”, pela editora Schmidt. Graciliano vacila. Ele não está seguro da qualidade do texto e continua a trabalhar na obra.

“Caetés” é um romance típico da fase regionalista e que teve a classificação de naturalista e pessimista. A rigor, é um romance realista com forte influência dos escritores russos e franceses.

Graciliano finalmente envia os originais do livro para a Schimdt Editora, no Rio, e aguarda a publicação que nunca vem. Meses depois resolve cobrar de Augusto Frederico Schimdt, o editor, que simplesmente havia esquecido os originais em algum lugar e não achava de forma alguma. Dias mais tarde, mexendo em sua capa de chuva, Augusto Schimdt, afortunadamente, encontra os originais do romance, que é publicado, finalmente, em dezembro de 1933.

Acontece que entre uma polêmica e outra em torno da publicação de Caetés, Graciliano já havia escrito um outro livro e que já estava em fase de revisão. Era “São Bernardo”, um romance de realismo bruto e crítico, de qualidade bem superior à obra primogênita.

Em São Bernardo, somos apresentados a Paulo Honório, menino órfão de infância pobre, cuja trajetória poderia ser cotejada com um personagem de uma história de Charles Dickens, não fosse a sua ambição desenfreada, a falta de escrúpulos, os métodos antiéticos que ele utiliza para subir de vida; tornar-se rico e adquirir finalmente a fazenda São Bernardo, o símbolo da prosperidade e da volta por cima, visto que ele já havia sido empregado daquela propriedade no passado.

Já mais velho e amargurado, Paulo Honório resolve narrar a sua vida, revisitando dramas de seu passado e conflitos internos que permanecem inexplicáveis até o momento em que suas memórias estão sendo escritas. O livro São Bernardo é, portanto, um memorial de Paulo Honório, que deseja através de sua escrita resgatar de volta a sua paz há muito perdida, ou a paz que ele nunca teve.

A obra resulta num texto riquíssimo, pleno de metáforas surpreendentes. O livro teve uma publicação mais célere, pois o editor Gastão Cruls, da carioca Ariel Editora, não titubeou e o lançou em 1934, com uma tiragem de mais de 2.000 exemplares, expressiva, para um autor razoavelmente desconhecido.

“Angústia”, o terceiro romance de Graciliano, mereceria um capítulo à parte. Tornar-se-ia uma autêntica angústia na vida dele. É um livro que reúne introspecção e crítica social. Escrito em primeira pessoa, o livro tem estrutura temporal não linear, seguindo o fluxo de consciência do narrador e aproximando o leitor dos sentimentos despertados pelos conflitos vividos por Luís Silva (o narrador e personagem principal).

Em “Angústia”, Graciliano titubeou mais do que em Caetés para chegar até o texto final. Vale frisar que Maceió na época, por motivos diversos, em destaque para a revolução de 30, se tornou uma espécie de quartel-general dos intelectuais do Norte. Por lá andava gente como José Lins do Rego, Rachel de Queiroz, Ledo Ivo, Aurélio Buarque de Holanda e outros. E o rascunho de “Angústia”, que andava de mão em mão, passou a ser tema de polêmica entre Rachel de Queiroz e o dicionarista Aurélio Buarque. Rachel levantava a bandeira de que Graciliano deveria publicá-lo imediatamente, pois considerava a obra de grande qualidade, “O Dostoiévski dos trópicos”, dizia ela. Aurélio, por seu lado, na qualidade de filólogo e guardião da gramática, via erros crassos no texto de “Angústia” e entrava em embate constante com Graciliano.

A polêmica foi tanta que Graciliano ficou desgostoso e chegou a enterrar o original da obra no fundo do seu quintal da casa de Maceió e se sua mulher Heloísa não descobrisse, estaria inédito até hoje. Mas a publicação do romance esperaria algum tempo, pois um acontecimento político de extrema gravidade, a chamada Intentona Comunista de 35, viria a mudar a vida de muita gente de ponta a cabeça, principalmente a de Graciliano.

Alguns dias depois desse golpe político frustrado, começou a caça às bruxas em todo o país e Graciliano era um dos nomes mais visados em Alagoas, tanto pela sua simpatia com a doutrina de Marx, quanto pelo seu cargo de diretor da Instrução Pública, visado por muita gente inescrupulosa.

Em princípio, começaram a aparecer bilhetes esquisitos no seu gabinete; conselhos atravessados; rumores. A prisão de amigos e correligionários começaram a deixá-lo preocupado. Finalmente, no dia 3 de março de 1936, ele recebe a ordem de prisão por atentado à ordem pública. É preso, conduzido ao Recife, onde se junta a outros presos no Nordeste, e depois é conduzido para o Rio de Janeiro através de um navio da Lloyds Brasileiro. Para se ter uma ideia, na mesma época que Graciliano foi preso, cerca de 35.000 pessoas foram detidas em todo o país, sendo que mais de 10.000 foram indiciadas e cerca de 4.100 encarceradas.

No Rio, Graciliano se junta a presos de todo o país em uma prisão temporária e depois é transferido para o temido presídio de Ilha Grande, onde definha durante longos nove meses, e só é libertado graças ao movimento bem-sucedido de intelectuais, que se manifestaram perante o chefe da polícia política de Vargas, Filinto Muller, em prol da liberdade do escritor. Há de se ressaltar, também, o empenho de Alzira Vargas, colega de colégio da maioria daqueles **intelectuais**, que persuadia o pai diuturnamente em favor da liberação de presos do naipe de Graciliano.

Durante o período de prisão, a sua mulher muda-se definitivamente para a Capital Federal e o seu livro “Angústia” é lançado com relativo sucesso, merecendo o elogio de literatos de prestígio.

Após a liberdade, Graciliano fixa residência no Rio de Janeiro, vai morar numa pensão, e sobrevive com ajuda de amigos como Schimdt, Otto Maria Carpeaux, Rachel de Queiroz, José Olympio e outros. Meses depois, o escritor Prudente de Moraes, neto, arranja-lhe uma vaga como secretário geral da Universidade do Distrito Federal, período em que lança “*Memórias do Cárcere*”, um relato cru, reflexivo e verdadeiro da sua temporada na prisão.

Em 1938, publica, pela José Olympio Editora, o que viria a ser a sua obra mais célebre, “*Vidas Secas*”, onde ele pincela sob a forma de letras um retrato realista da vida do homem do sertão, mais precisamente do sertanejo do seu tempo de vivente das Alagoas, traçando uma história crua e cruel, bem ao seu estilo seco, sem trocadilho; a sua forma de escrever com orações e períodos calculados matematicamente, mas com muito lirismo e poesia delirante inseridos no contexto, como nesse trecho, em que o personagem Fabiano delira:

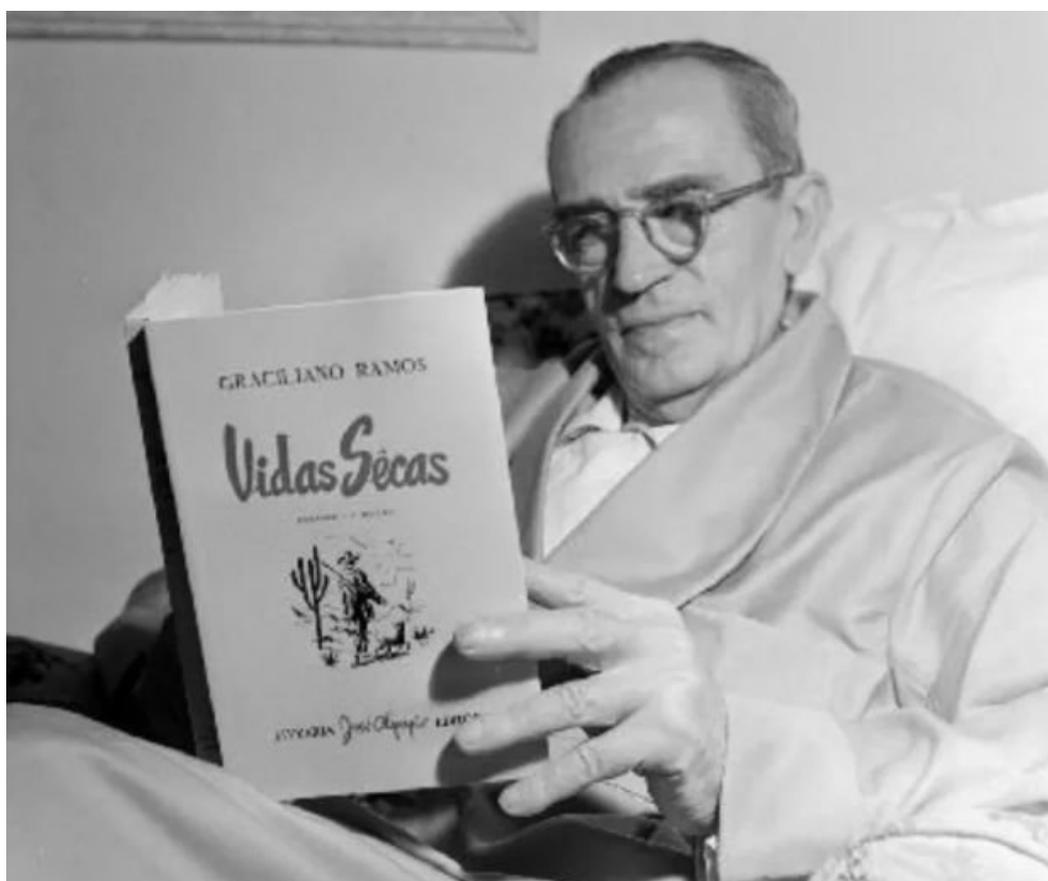
“Quando fosse homem, caminharía assim, pesado, cambaio, importante, as rosetas das esporas tilintando. Saltaria no lombo de um cavalo brabo e voaria na catanga como pé de vento, levantando poeira. Ao regressar, appear-se-ia num pulo e andaria no pátio assim torto, de perneiras, gibão, guarda-peito e chapéu de couro com barbicacho. O menino mais velho e Baleia ficariam admirados”

“Vidas secas” teve grande aceitação pelos críticos literários, mas não teve sucesso imediato de público.

Nos anos seguintes, Graciliano volta a ingressar na política, milita no PCB, viaja para os países da cortina de ferro (União Soviética e países satélites); desgosta-se da política; lança “*Insônia*”, “*Alexandre e outros heróis*”, “*Diário de Viagem*” e “*Linhas Tortas*”.

No entanto, os anos de excesso no consumo de cigarro e bebida cobram o seu preço e ele falece de câncer de pulmão em 20 de março de 1953, quando completaria 60 anos de idade.

Apesar da vida dura e conturbada, plena de altos e baixos, o escritor deixou um riquíssimo legado para o cançãoeiro literário do Brasil. O conjunto da sua obra foi (e ainda é) debatido, pesquisado, discutido, dissecado, servindo de inspiração para escritores de várias gerações.



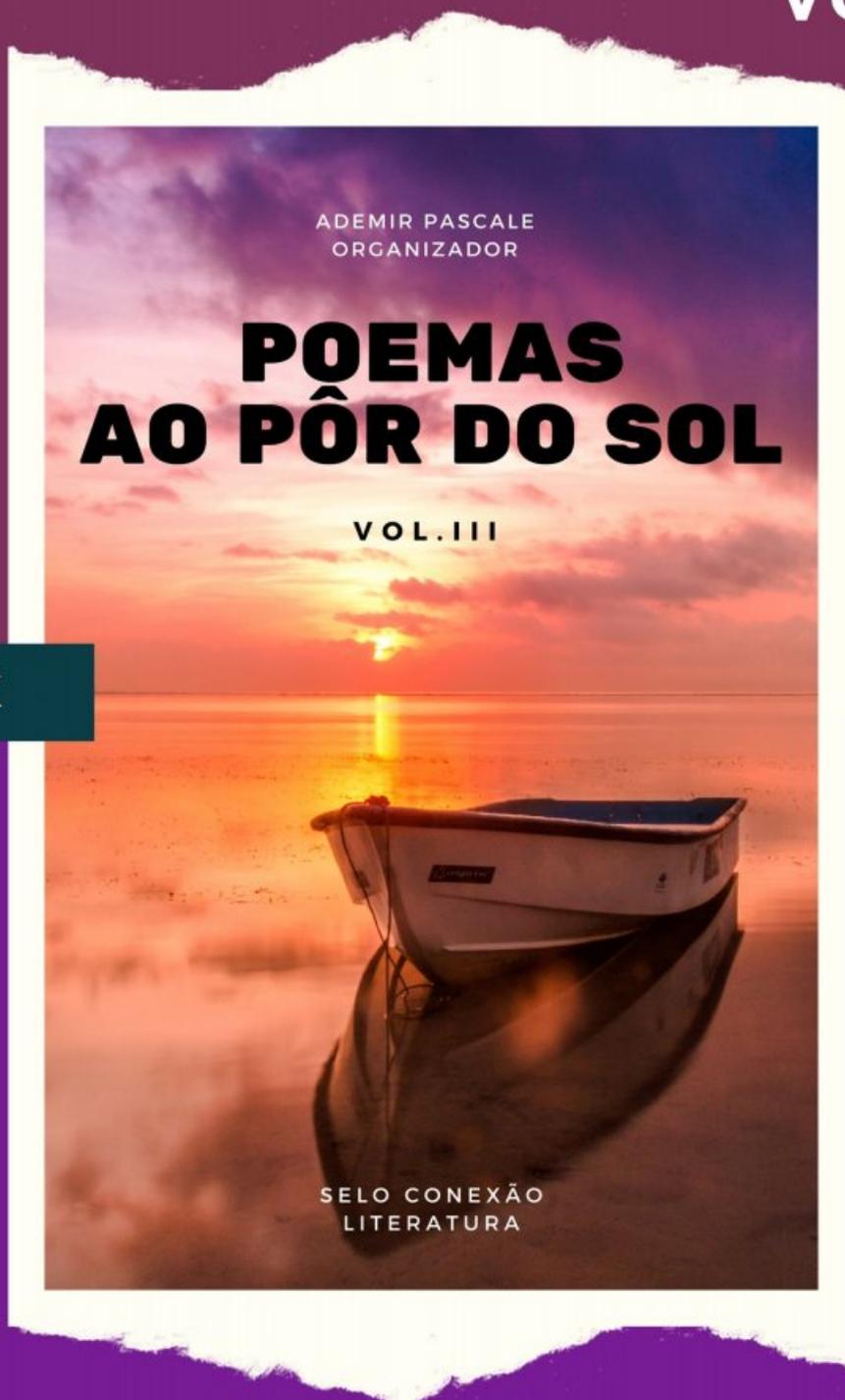
Graciliano Ramos – Foto divulgação

Gilmar Duarte Rocha, integrante da Academia Brasileira de Letras, é autor de vários livros de ficção e uma obra de impressões de viagem. Atualmente exerce o cargo de diretor da Associação Nacional de Escritores-ANE.

PARTICIPE DA ANTOLOGIA

POEMAS AO PÔR DO SOL

VOL. III



E-BOOK

saiba mais: [clique aqui](#)

REVISTA CONEXÃO LITERATURA

CRIATURAS DA MITOLOGIA GREGA

CERBERUS

Na mitologia grega, Cerberus é o cão de guarda de Hades. A característica notável desta criatura é ter três cabeças em um só corpo. Cerberus guarda a entrada do submundo, então tentativas de entrar e sair do submundo não são permitidas.



GRIFOS

Grifos são criaturas representadas com cabeça de águia e corpo de leão. A característica notável desta criatura é a ganância, especialmente com ouro.



HARPIAS

Harpíias são monstros míticos representados com cabeça de mulher e corpo de pássaro. Eles geralmente são enviados pelos deuses para punir os mortais em seu caminho para o submundo.



PEGASUS

O cavalo alado imortal do Monte Olimpo, e contribuiu com sucesso ajudando deuses e deusas a alcançar grandes vitórias.



SATIROS

Os sátiros são homens com rabo e orelhas de cavalo ou homens com pernas de bode. São criaturas que seguem religiosamente o deus do vinho, Dionísio. Eles são geralmente descritos como criaturas que se entregam ao consumo excessivo de vinho.



MINOTAURO

Na mitologia grega, o Minotauro é geralmente retratado com o corpo de um homem e a cabeça de um touro. O Minotauro é famoso por ficar preso em um labirinto para se esconder do mundo exterior.



POR MARIA IZELDA FRIZZO

PARÊNTESES

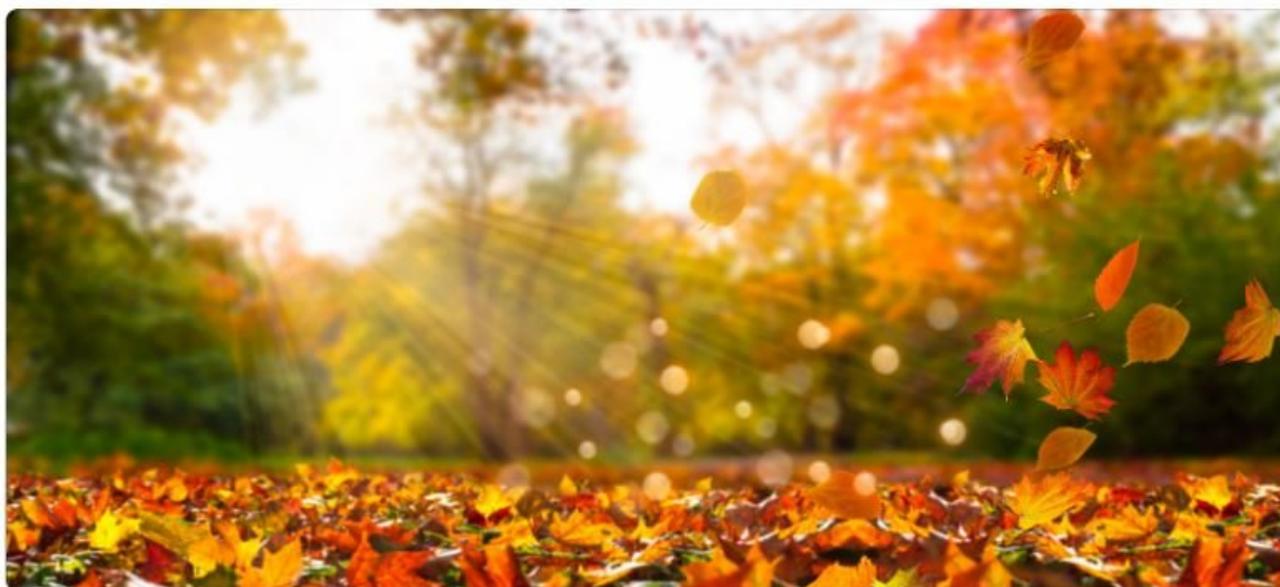
Um dia de outono qualquer

Andando pela praça da cidade, com a ousadia de quem rouba para si um pouquinho de tempo, não pude deixar de me maravilhar diante do espetáculo das árvores nesta estação. Desejei guardar na memória este momento para partilhar com meus amigos.

Por alguns instantes imaginei-me no lugar das árvores: umas perdendo suas folhas, de tantas cores. Outras, de folhas verdes que permanecem, seguras de sua perenidade. Aflitas com a perda total de suas folhas? Contemplativas diante de sua morte aparente?

Se eu pudesse tomar emprestado o sentimento daquela árvore já quase desfolhada, o que eu diria senão, da humildade resignada de cumprir o meu destino cíclico, do êxtase de contemplar os matizes e a dança das folhas ao vento, da serena sabedoria que a tudo dá sentido, da coragem de despojar-me das seguranças e certezas e da doce e fiel esperança de quem confia e espera uma nova primavera?

Depois desse passeio pelos *"Jardins de Epicuro", volto a mim e a ti, concreta, presente, consciente e contente de poder abrir um parênteses na minha rotina exigente e deixar fluir os pensamentos e os sentimentos numa harmonia que lembra velhos e eternos namorados passeando na praça de mãos dadas. E, antes de dizer "Eu te amo", fecho parênteses e vou em frente... deixando minhas folhas coloridas para trás. A primavera virá!



*Um lugar onde a filosofia pode ser colocada em prática.

Epicuro: filósofo grego do período Helenístico.

Maria Izelda Frizzo – Caxiense; Graduada em Filosofia; Professora aposentada do Município; Leitora por paixão e aprendiz de escritora.

Que Confusão!

Por Aylton Sangy

O Silêncio, A Intuição, O Tempo, A Verdade, A Mentira
e Uma Autoridade

O Silêncio voltou do espaço
E flagrou a Intuição
Pisando na bola
Ela, meio na dela, se enrolou toda
E futucou a multidão
Doidinha pra virar manchete
Fazendo exibição
Ficou igual marionete
E se meteu numa confusão...
Aí o bicho pegou...
O Silêncio quis saber:
- Intuição, com quem você andou?
- No meio das Autoridades, Silêncio
- Respondeu a Intuição
- O Silêncio que não é bobo...
Ficou pensativo
- (A Intuição tá com Mentira)
- E perguntou:
- Desde quando a Mentira é Autoridade?
- A Mentira, ficou vermelha,
E disse: - Eu não sei de nada !
- O Silêncio irritado com a Intuição, gritou:
- VOCÊ NUNCA ME ESCUTA!
- A Intuição, nervosa com o Silêncio
Soltou um palavrão:
- "Essa porra" voltou sem avisar
- A Intuição toda enrolada
Escutou a Verdade cochichar:
- Psiu! Calma, amiga,
Basta de impasse
Deixa a Mentira pra lá...
Não perca sua classe
- E o Tempo só na dele,
Vendo aquele rolê
E aquele bate boca da Intuição
E ela perdida no tempo e no espaço
Descarregou sua fúria no Tempo:
- Passa, vai ficar aí parado
Vai caçar o que fazer
Você não tem hora marcada
Cai fora, tá esperando o quê?
E não se mete nisso, querido
Você é Tempo perdido!

- O Silêncio cuspiendo fogo pelas ventas
Chamou a Verdade
- "Cê" sabe alguma coisa? Fala, Verdade
- A Verdade resmungou: - É que...
- O Silêncio retruca...
- É que... O quê? Verdade?
Fala ou não acredito mais em você...
- Falo sim... É que você, Silêncio,
Anda pensativo demais
Acalma esse coração
Isso não se faz.
- E a Verdade, enfim, abriu o bico
E entregou a Intuição:
- Silêncio, a Autoridade
Estava dando uma entrevista
E a Intuição sabia
E queria dar uns palpites
Aí, não dormiu no ponto,
Pegou o cara meio tonto
Falando pelos cotovelos
E pensando que tava cheio de moral
Falando até barbaridade,
E provocou um fogaréu.
A Autoridade caiu de pau
Em cima do povaréu
Culpando a Mentira e a Intuição
Por armar aquele barraco
E acabar com a reunião...
Assim começou a confusão!

MINIBIOGRAFIA DO AUTOR:

Aylton Sangy, professor, tem o hobby de escritor/autor como passatempo. Lecionou, elaborou com as turmas Cadernos de Poesias autorais, Caderno de Poesias da 3ª Idade, participou e foi premiado em concursos. Ama a Literatura e a Gramática. 70 anos.

ANUNCIE NESSE ESPAÇO

Tem algo que deseja divulgar?
Lojas, livros, sites e muito mais



REVISTA CONEXÃO LITERATURA - PERIÓDICO MENSAL

“CONTRATOS” DESFEITOS

POR JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA

**Da sua perda como renascer?
Assim, na cabeça bailavam informações a todo instante
Na face nada esconderia o demasiado chorar
Por você, meu amado, lágrimas estariam escorregando**

**Muito difícil tal sensação deixar de crer
Que chorosas despedidas, cabeças rolando pelo chão,
deselegantes
De ambos os lados, bem sabíamos que, na hora, fingimentos
teríamos que mostrar
Na pura verdade, não saber como esconder o quanto de amor, nós
amamos**

**Detalhes nas promessas do último adeus seriam falsos e, da
vergonha, olhos fechados
Mesmo aqueles ditos que, no sair, não olhar para trás, antes
“contratados”**

Assim, cada um partindo para nova vida

**Ainda bem, tudo no “condicional”, nada disso aconteceu
Inexatas palavras afirmando que nosso amor morreu
E do presente, no corre e corre, contratos rasgados e aqui estou
como somente a sua querida**

PARA UM NOVO "ENTARDECER"

POR JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA

Veja querida! Lá no horizonte bem à nossa frente
Por entre os "montes" prateados... brilhantes
Incontinente, o Luar vai se acomodando
E da Missão cumprida, imensa alegria

Antes ansiosos, agora do "resultado", tamanha euforia
Estamos nós dois, por entre a "relva" se abraçando
Corpos cintilando, somente comparados às belas faces de um
diamante

Assim, essa esperada beleza da luminosidade, se "deita" sobre a
gente

A escuridão, antes assanhada, ainda um pouco cansada, deixa-nos
extasiados ver

Também sentir felicidade pela sensação, nestes momentos, em só
viver

Súbito, bem saliente, a Aurora se deixa levar e, pouco a pouco,
serenamente se pulverizar

Com tal espaço, o "travesso" Sol se põe a brilhar
E suados, com rara alegria, outra vez brindamos com o novo
"Amanhecer"

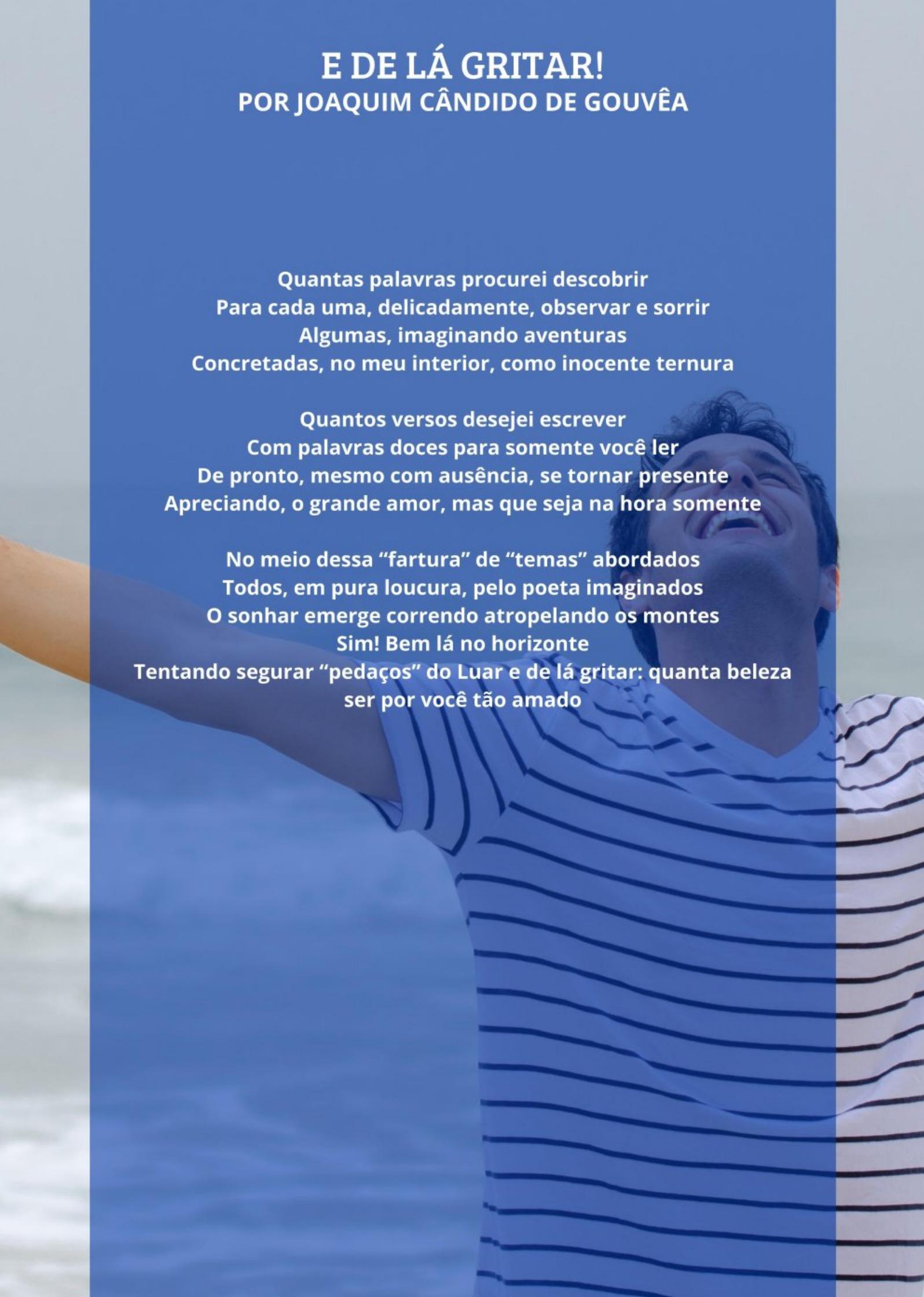
E DE LÁ GRITAR!

POR JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA

**Quantas palavras procurei descobrir
Para cada uma, delicadamente, observar e sorrir
Algumas, imaginando aventuras
Concretadas, no meu interior, como inocente ternura**

**Quantos versos desejei escrever
Com palavras doces para somente você ler
De pronto, mesmo com ausência, se tornar presente
Apreciando, o grande amor, mas que seja na hora somente**

**No meio dessa “fartura” de “temas” abordados
Todos, em pura loucura, pelo poeta imaginados
O sonhar emerge correndo atropelando os montes
Sim! Bem lá no horizonte
Tentando segurar “pedaços” do Luar e de lá gritar: quanta beleza
ser por você tão amado**



QUANDO CHEGAR DIREI! **POR JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA**

**Beije-me com vontade
Mostre volúpia, mesmo não sentindo
Pode sorrir... finja de verdade
Estar realmente me possuindo**

**Morda como quiser a minha boca
Irei demonstrar ser aquela mulher em puro prazer! Bastante
louca!**

**Como uma rara amante esbanjando felicidade
Aproveitando ao máximo, talvez um dia, até sentir saudade**

**Saiba! Dos momentos não me esquecerei
Ao abrir a porta assim falarei
Ah! Mas se ao nosso encontro faltar
Aguardarei! Haverá outro dia para você chegar e, como louco, me
amar**

COMO “LOUCA”

POR JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA

Sim! Sou mesmo uma “louca”
Que inteira e não em “pedaços” anda por aí
Gritando... esquecendo de poder se tornar rouca
Pelo amor que dedica a ti

Sim! Sou eu a “louca” mesmo... caminhando
Como empregada pela madrugada nas ruas a esmo andando
A falar! Até mesmo a gritar
Por não saber e nem ter outro a amar

Nada me importa. Pode me chamar do que quiser
Continuarei a ser a “louca” mulher
Para sempre o “enfeitiçar”

E quem sabe se um dia conseguir me esquecer
Saberá quão decepcionado será seu viver
Por não ser eu, aquela mulher, para o atizar a mais conhecer a delícia
que é “amar”





Joaquim Cândido de Gouvêa: Economista, aposentado no Banco do Brasil S.A., também escritor; romancista; poeta; letrista de música, tendo atuado junto à melodia com o Emmanuel Henriques de Castro e com a outra parceira Renee Brazzil. Considera-se um contador de belas histórias de amor.

Como poeta, participou em variadíssimas coletâneas e antologias de poesia publicadas no Brasil envolvendo-se também em alguns Concursos Literários. Em destaque, a Menção Honrosa concedida ao seu poema no Livro VII Prêmio Marcelo de Oliveira Souza - Dr. Honoris Causa em Literatura.

Mensalmente, publica poemas na REVISTA CONEXÃO LITERATURA.

No exterior, participa do projeto da Editora Colibri, no Livro MUNDO(S), com outros 20 poetas portugueses, coordenado pelo Dr. Ângelo Rodrigues, onde começou na Edição 6 e atualmente encontra-se na Edição 23.

Com grande emoção recebeu o Certificado de Honra ao Mérito, em maio de 2022, concedido pela REVISTA CONEXÃO LITERATURA, no Brasil.

Participou da MESA DE DEBATES em Lisboa - Portugal, do Tema "Escrevo Por Quê" adicionando o poema "Porque Escrevo".

Com imenso orgulho ocupa a Cadeira número 203, como Acadêmico na Academia Internacional de Letras e Artes de Cruz Alta, no Brasil, Estado do Rio Grande do Sul.

Na edição de Livros possui seis Livros. Quatro de poemas e dois romances.

- "Mais do que Buquê" e "Acredite... Nada Importa Sonhar... Acredite!" na Editora Trevo, no Brasil - Poemas;

- "No Caminhar" e "Sentimentos... Amor... Saudade" ... na Editora Poesia Impossível em Lisboa - Portugal, do Grupo Editorial Atlântico - Poemas;

- "Ardente Encontro" e "Seis Meses", na Editora Astrolábio em Lisboa - Portugal, do Grupo Editorial Atlântico - Romances.

Viva bem
Viva com saúde!

bem estar

saúde

PACOTE DIVULGAÇÃO POR R\$ 150

beleza / Livros

Engloba :

Entrevista com
publicação no site
e em uma edição da
revista digital Projeto AutoEstima

Todos os meses
uma nova
edição

Divulgação no Facebook e Instagram

revista
projeto

AUTOESTIMA

edições

acesse: revistaprojetoautoestima.blogspot.com

Saiba como publicar, anunciar ou divulgar no site e na próxima edição da revista digital Projeto AutoEstima, com dicas sobre saúde, beleza, gastronomia, cultura, literatura e bem estar

Escreva para: elenir@cranik.com - c/ Elenir Alves

PILANTRA

A Tragédia grega



Por Aline Lourenço

Aline Lourenço é professora de Língua Portuguesa da cidade de Itaguaí e escritora de diversas coletâneas e antologias. Ela lançou recentemente a antologia Rainhas Negras onde homenageia Elza Soares, transformou a canção Maria da Vila Matilde em conto.

Duas estrelas da música passam por momento de infelicidade gerada por duas contradições: na carreira e no relacionamento. Ele no auge. Ela em crise. Pelos bastidores, o casal enfrenta uma fase turbulenta de brigas que parecem ser constantes, causando uma rivalidade, que os leva ao desfecho trágico. Elementos os quais encontramos na dramaturgia, e que nos faz voltar ao passado em plena Grécia Antiga com seu teatro e sua Tragédia Grega.

Na Tragédia Grega os espetáculos eram a céu aberto e seus atores (homens), era visto com um herói e um ser corajoso que enfrenta pelo caminho grandes batalhas, porém, recebe uma punição, gerando um grande sofrimento por sua ousadia. Isso, 480 a.C. já era uma prática realizada pelos gregos que os levavam a liberação das emoções – a catarse – algo de suma importância.

Pilantra é o clipe lançado mês passado – dia 12 – vemos características de uma Tragédia.

O herói da história contada no clipe um cantor, interpretado por Jao, que se encontra em plena fama e, também, é um astro de um programa de tv. Nos jornais dito como “novo fenômeno das paradas de sucesso”. A batalha que ele enfrenta é com a personagem interpretada por Anitta, uma cantora que está em decadência. Frases como “Derrota da maior artista do país” e “Fim de Anitta – a cantora mais famosa do país enfrenta crise” – são anúncios de jornais que confirmam. Um relacionamento mantido entre desentendimentos e brigas constantes. Em contrapartida, na frente do público, o casal, mantém o relacionamento de aparências. Como afirma numa notícia em que a personagem de Anitta diz: “Sou muito feliz pelo sucesso dele”.

Pilantra! O cantor é assim visto por ela, pois usa o seu nome para brilhar e chamar atenção e obter fama. Até que um dia, a cantora que não aguenta mais com essa situação, decidi tomar uma decisão.

Numa apresentação do astro em que ela faz uma participação, o mesmo, no meio do público esnoba a cantora totalmente, provocando outras mulheres da plateia, deixando assim, a cantora em grande fúria. Quando a mesma participa da apresentação, faz uma performance cheia de sensualidade para mostrar que ainda é uma estrela. Porém, ao observar que o público não fica impressionado com sua apresentação como ficou com do cantor (Jao), a cantora fica num estado de fúria e ao se deparar com o astro, pega uma arma e dispara vários tiros, causando a morte do cantor em pleno programa de tv.

No mesmo instante, a cantora que estava em decadência, volta a ser manchete de jornal. Mas, quando se dá conta do que fez, entra em desespero, justamente com a plateia que assisti a tudo e explode com gritos de dor ao assistir a morte do cantor.

Assim como na Tragédia o herói, que no clipe é Jao, tem como destino a morte, causada pela sua ousadia de viver uma fama (dentro de um relacionamento de aparências) conforme os heróis do Teatro Grego.

Aline Lourenço é professora de Língua Portuguesa da cidade de Itaguaí e escritora de diversas coletâneas e antologias. Ela lançou recentemente a antologia Rainhas Negras onde homenageia Elza Soares, transformou a canção Maria da Vila Matilde em conto.



VEVO



VEVO



VEVO



VEVO



VEVO



VEVO

PULANTRA

A tragédia grega



Dica do DIA

- Beba bastante água
- Pratique atividade física
- Leia um bom livro
- Seja feliz

www.revistaconexaoliteratura.com.br



PARTICIPE DA ANTOLOGIA

CONTOS, MINICONTOS E POEMAS INFANTOJUVENIS

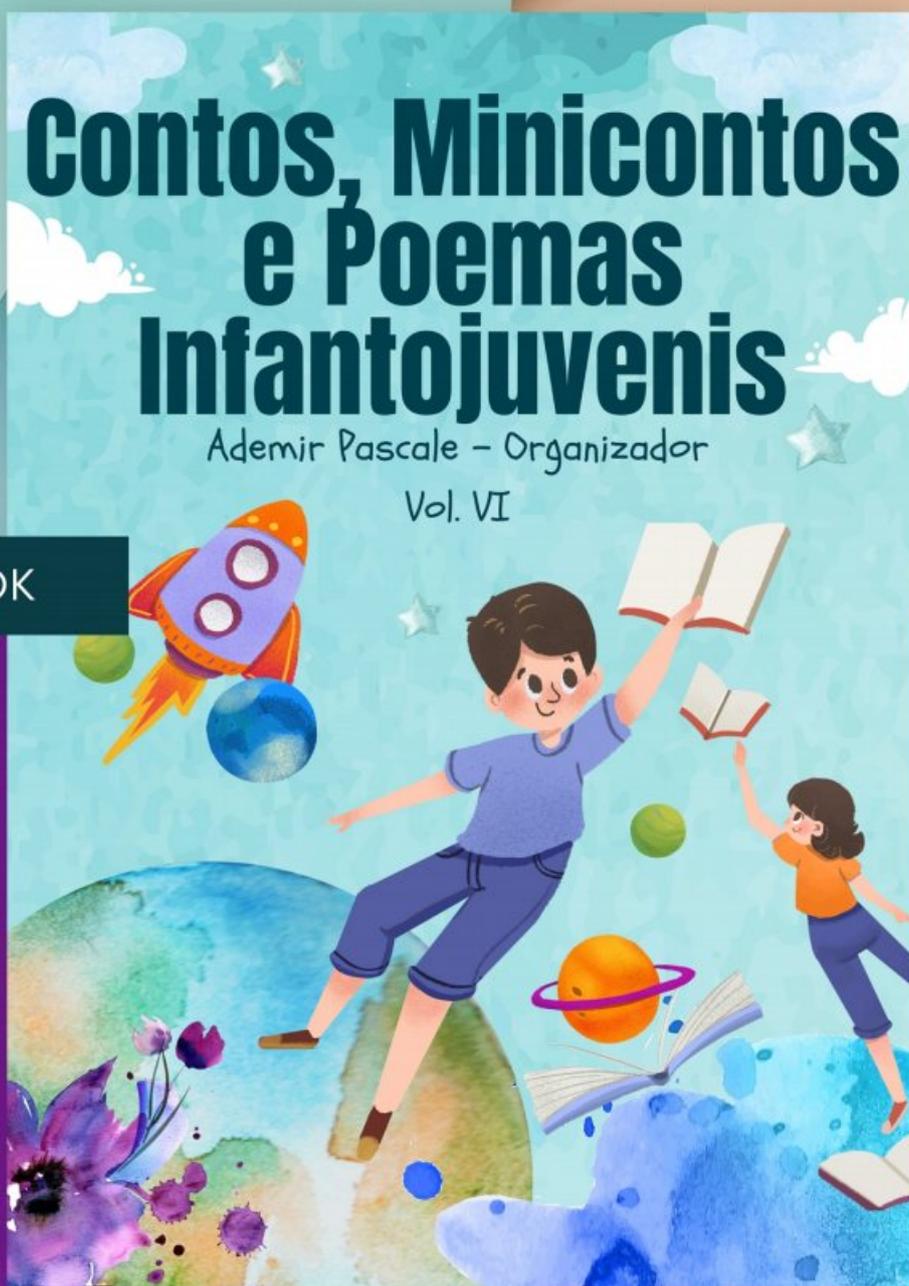
VOL. VI

Contos, Minicontos e Poemas Infantojuvenis

Ademir Pascale - Organizador

Vol. VI

E-BOOK



saiba mais: [clique aqui](#)

Tributo às

Por Sílvia Grijó

Mães



ÀS MÃES

CASADAS - COM TODAS AS DIFERENÇAS DO HOMEM, DOS REBENTOS E DO MUNDO...

DIVORCIADAS - NÃO DO RESPEITO PARA CONSIGO MESMA NEM DO AMOR MATERNO...

SEPARADAS - NÃO DE SUAS RESPONSABILIDADES NEM DE SEUS AFETOS PARA COM SUA PROLE...

SOLTEIRAS - POR CIRCUNSTÂNCIAS DO DESTINO, MAS COMPROMETIDAS COM O CARINHO PARA COM SEUS BROTOS...

AMIGADAS - TANTO COM A VIDA QUANTO COM O CARINHO DE SER MÃE...

A VOCÊS MÃES

ADOLESCENTES - QUE APESAR DE INEXPERIENTES NÃO DESISTIRAM NEM AGIRAM COVARDEMENTE DIANTE DA VIDA DE UM SER INDEFESO...

ADULTAS - QUE, APESAR DAS EXPERIÊNCIAS ADQUIRIDAS AINDA NÃO SE ENCONTRAM PRONTAS PARA TRAZEREM VIDAS AO MUNDO, MAS AS TRAZEM...

VELHAS (PARA A MEDICINA) - QUE ARRISCAM A PRÓPRIA VIDA PARA QUE SE CUMpra O VERDADEIRO CICLO NATURAL DO AMOR DE DEUS - PERPETUAR A ESPÉCIE...

ÀS MÃES

AVÓS - QUE REPETEM O AMOR MATERNO EM DOBRO, PELO PRAZER DE VER CRESCER FELIZES OS FILHOS DE SEUS FILHOS, SEUS NETOS,

TIAS - QUE CUIDADOSAMENTE SOMAM, MULTIPLICAM SEU AMOR PARA REPARTIR COM SEUS FILHOS E FILHOS SOBRINHOS...

IRMÃS - QUE POR ALGUM MOTIVO TIVERAM QUE ASSUMIR A RESPONSABILIDADE, O AMOR, O CARINHO E A DEDICAÇÃO DE MÃE...

AS MÃES DE CORAÇÃO - QUE POR IMPOSIÇÃO CIRCUNSTANCIAIS, DESEJO OU NECESSIDADE DE OUVIR A PALAVRA MAMÃE, OU PELO SIMPLES FATO DE AMAR A VIDA COM VORACIDADE, ABRAÇARAM, ASSUMIRAM E SE IDENTIFICARAM TOTALMENTE COM A MATERNIDADE...

ÀS MÃES - DOENTES, SAUDÁVEIS, NEGRAS, BRANCAS, MORENAS, MULATAS, PÁLIDAS, ROSADAS, ALEGRES, TRISTES, MAGOADAS, SATISFEITAS,

INSATISFEITAS, MAL AMADAS, BEM AMADAS, ESQUECIDAS E LEMBRADAS - RESPEITO, CARINHO, ADMIRAÇÃO, ATENÇÃO E O AMOR DE DEUS,

ÀQUELAS QUE JÁ ESTÃO NO PLANO SUPERIOR, NOSSAS ORAÇÕES E LEMBRANÇAS...





-G-A-I-A-

POR SÍLVIA GRIJÓ

Sou Terra viva
Que grita
pelo teu cuidado,
Sou Terra viva
Desejosa e sedenta
de tua água,
Sou Terra viva
Faminta
que se abre
à tua semente
Sou Terra viva
A germinar
o broto
Amor
Sou a Terra tua...

SOBRE A VIDA...

POR SÍLVIA GRIJÓ

QUE A VIDA
NÃO ME LARGUE
A MÃO (AINDA)
NEM ME SEJA BREVE
NEM ME SEJA CURTA
(ADORO LONGEVIDADE)
E AINDA POR CIMA
SEJA UMA EXÍMIA ARTESÃ
FUXIQUE TODO O MEU CORAÇÃO
DE MUITA ALEGRIA
ME ENFEITE A'LMA DE FELICIDADE
ME SUSSURRE
A AUDIÇÃO COM
PALAVRAS TERNAS,
ME PINTE A BOCA
COM TODAS
AS CORES DO ARCO-ÍRIS
CONTORNE MEUS OLHOS
COM O BRILHO
DE TODOS OS AMORES...

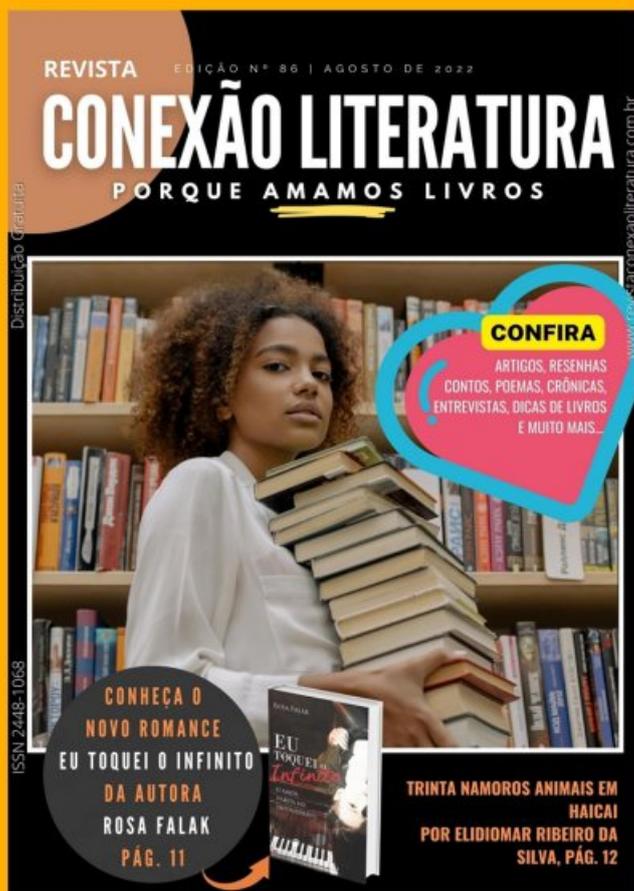
SÍLVIA GRIJÓ - É NATURAL DE ANORÍ-AM, MORA EM MANAUS, CONSIDERA-SE UMA APRENDIZ DE POETA. AUTORA DA OBRA MULHER À FLOR DA PELE - EDIT. PALAVRA DA TERRA. É COAUTORA EM 05 E-BOOKS, 08 CORDÉIS, 42 ANTOLOGIAS. É MEMBRO EFETIVA DAS CONFRARIAS - ACILBRAS, ALCAMA, ALACA, ABEPPA, ASSEAM E AJEB-AM. INTEGRA O GRUPO "FORMAS EM POEMAS", ATUA NOS PROJETOS "MUSICALIDADE POÉTICA", "LITERATURA CAMINHANTE", "MOVIMENTO PATOLOGIA CULTURAL". FOI CONDECORADA COM O PRÊMIO "ARARA CULTURAL 07/22 E O "22° PRÊMIO CIDADE DE MANAUS, 10/22". GRADUADA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS, PROFA. ESPECIALISTA, FOTÓGRAFA. SÍLVIA GRIJÓ ACREDITA QUE ESCREVER POESIA É UMA FORMA DE SALVAMENTO - É DAR A LUZ COM A PRÓPRIA ALMA.

Apoie a nossa causa

CLUBE DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA

INCENTIVO À LEITURA

APOIA.se



acesse:

<https://apoia.se/conexaoliteratura>

PUBLIQUE NAS EDIÇÕES DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA



Escritor(a)

Você escreve contos, crônicas, artigos, resenhas ou poemas? Chegou a hora de mostrar os seus textos para os nossos leitores.



Contos

Aceitamos contos de diversos gêneros. Até 4 páginas: R\$ 60,00. Envie o seu arquivo em Word.



Poemas

Poemas com até 4 páginas: R\$ 60,00. Envie o seu arquivo em Word.

Crônicas, artigos, resenhas etc

Aceitamos crônicas, artigos, ensaios, resenhas etc. Até 4 páginas em Word: R\$ 60,00. Para publicar mais páginas, consulte-nos no e-mail: ademirpascale@gmail.com



Sobre a publicação

O seu texto será publicado em uma das edições da Revista Conexão Literatura. Nossa revista possui ISSN e nossas edições são mensais, digitais e gratuitas para os leitores baixarem.

NÃO PERCA TEMPO: encaminhe o seu texto para Ademir Pascale - E-mail: ademirpascale@gmail.com



FOTO: MEIRE MARION

MINICONTO

RESILIÊNCIA SIM, VINGANÇA NÃO!

POR MEIRE MARION

Quando as casas foram construídas, há cerca de 50 anos, todos os arbustos, árvores, grama, ervas daninhas - vegetação foram destruídos por uma série de violentos puxões. Os gritos podiam ser ouvidos por aqueles ligados à natureza por quilômetros a fio. Enquanto esses assassinos trabalhavam duro para limpar o terreno, eles esqueceram uma raiz. Uma plantinha minúscula que escondia suas raízes bem fundo no solo que as armas usadas para essa matança não conseguiam alcançar.

As casas foram construídas e as famílias iam e vinham. A pequena planta cresceu entre os prédios e derramou sementes no terreno baldio ao lado. 50 anos depois, a planta ainda está crescendo forte. Resiliência. As casas vão sendo lentamente engolidas pelo luxuriante verde das folhas. Os telhados estão começando a quebrar. Não pela planta, porém, ela não acredita em vingança. No entanto, as aves que frequentam este oásis são um pouco desajeitadas e de vez em quando quebram um pedaço do telhado.

Aqueles ligados à natureza podem ouvir um alto e alegre “Bom dia!” quando abrem as janelas de seus apartamentos todas as manhãs.

No final, as plantas estão vencendo a batalha. Recuperando o que era deles por direito, desde o início.



Meire Marion, professora de inglês, língua e literatura desde 1982, quando voltou dos Estados Unidos após ter vivido lá por 11 anos. Escritora dos livros infanto-juvenis *Charlie the Fish* (2018), *O primo do Charlie*(2018), *O menino que não sabia de onde veio* (2021) *Dois Gatinhos*(2021) e *THINK, FEEL, SMELL, SEE, WANT* (2022). Também participa de diversas antologias com poemas e contos.E-mail: mmarion@terra.com.br

PARTICIPE DA ANTOLOGIA

POEMAS SOBRE AS 4 ESTAÇÕES

VOL. II

organizador
Ademir Pascale

Vól. II

*Poemas Sobre
as 4 Estações*

E-BOOK



saiba mais: [clique aqui](#)

ENTREVISTA

COM JOAQUIM PONTES BRITO



Joaquim Pontes Brito

Joaquim Pontes Brito é natural de Itapipoca, Ceará, e nasceu em 04 de março de 1952. Reside na cidade de Quixeramobim, também no Ceará. Estudou no Grupo Escolar Anastácio Braga e no Ginásio Pio XII até o antigo 2º grau (Técnico em Contabilidade), de sua cidade natal. Fez Administração de Empresas, no IVA e Pedagogia, na Estácio, em Quixeramobim. Exerceu as seguintes funções: professor, bancário, poeta, escritor, produtor cultural, cantor, compositor e editor literário. Publicou o livro Caminhos Pagãos – poemas, em 2019; Antologia dos Três Climas – poemas, como Organizador; em 2021 publicou A guerrilha do Araguaia roubou 22 dias da minha vida, um livro de memórias: o autor foi preso, indevidamente, confundido com alguém ligado a guerrilha do Araguaia; em 2022 publicou O desalmado Conduru e outras histórias - contos da vida real, sobre homens e fatos ocorridos em Itapipoca e região; o último livro A saga do comendador Garcia e outras histórias - contos da vida real, foi lançado em 2022, e está sendo relançado em 2023, são contos da vida real, sobre homens e fatos de Quixeramobim e sertão central do Ceará.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Joaquim Pontes Brito: Após escrever alguns poemas e lança-lo através do **Caminhos Pagãos**, vi a necessidade de lançar a **Antologia dos Três Climax**, uma homenagem a minha cidade e aos meus amigos poetas da cidade dos Três Climax, forma como é conhecida carinhosamente a cidade de Itapipoca. Em seguida retirei da gaveta os originais do livro **A guerrilha do Araguaia roubou 22 dias da minha vida** e consegui editar. Neste livro de memórias, conto como, inesperadamente, fui preso em Marabá, no auge da Guerrilha do Araguaia (1972) e confundido com alguém ligado à Guerrilha.

Conexão Literatura: Você é autor do livro "Caminhos Pagãos", entre outros. Poderia comentar?

Joaquim Pontes Brito: Esse livro é uma coletânea de poemas feitos e guardados sobre diversos temas e em diversas fazes da minha vida, afinal sempre fui ligado a leitura e escrita. Vou transcrever comentário de dois escritores, sobre o Caminhos Pagãos:

“A genialidade do autor é mostrada neste livro através dos seus poemas de versos livres modernos, que valoriza a linguagem cotidiana, a liberdade de expressões e brasilidade, estilos parecidos com os de renomados poetas brasileiros, como Mário de Andrade, Carlos Drummond de Andrade, Jorge Amado e Érico Veríssimo”.

Paulo Maciel – Historiador e

Escritor

“A obra de Joaquim Pontes Brito, repleta de meandros da língua pátria, brinca com os sentidos das palavras que se fundem aos sentimentos trazendo a riqueza simbólica das emoções que coadunam com os sentimentos do leitor”.

Rui Carlo Pontes Moura – Mestre e

Pensador.

Conexão Literatura: Como são as suas pesquisas e quanto tempo leva em média para concluir um livro?

Joaquim Pontes Brito: Meu trabalho com pesquisa começou quando li os livros **Quixeramobim, recompondo a história**, do historiador Marum Simão, sobre o município de Quixeramobim; **Itapipoca, 314 anos de sua história**, do historiador Paulo Maciel e **Notas de Viagem**, de Antônio Bezerra de Meneses, estudioso das ciências naturais e investigador da História. Em todos esses casos, senti o fascínio das histórias do nosso povo cearense que despertou em mim a vontade de descobrir e contar mais histórias de nossa gente.

Sempre ouvi de meu pai histórias e estórias, desde minha tenra idade, de modo que já tinha esse fascínio desde há muito, em mim. Ao ser esse encanto despertado, lembrei de diversas histórias que ouvi quando criança em Itapipoca e passei a buscar a confirmação

das ditas histórias nas bibliotecas, jornais e livros de amigos. Daí surgiu o livro **O desalmado Conduru e outras histórias**. Com esse livro pronto, lembrei-me de algumas histórias sobre Quixeramobim, onde resido atualmente, desde 1986, e pus-me a pesquisar até ter pronto oito contos sobre fatos e personagens do sertão central, principalmente de Quixeramobim e que dei o título do livro: **A saga do comendador Garcia e outras histórias**.

O tempo de pesquisa é variável, de acordo com o tema e sua abrangência.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho de um dos seus livros especialmente para os nossos leitores?

Joaquim Pontes Brito: Trecho do livro “**A guerrilha do Araguaia roubou 22 dias da minha vida**”, página 30, da primeira edição.

À tardinha apareceu um americano. Devia ter uns vinte e poucos anos. Não sabia falar português, somente umas poucas palavras. Trouxeram um capitão do exército que falava inglês para conversar com o americano. Eu sabia algumas palavras do inglês, e deu minimamente para saber porque ele estava preso. Estava preso por estar com recorte de jornais que falavam de atentados havidos em algumas cidades do nordeste e atribuídos a subversão.

Quando caiu a tarde, um sargento mandou que nós pegássemos nossas carteiras escolares e levássemos para fora do prédio e colocássemos uma ao lado do outro para que ele ficasse conversando conosco e nós também conversássemos entre nós.

Estávamos nós, até certo ponto distraídos, quando vislumbrei em nossa frente três caras, um alto forte, um magro, e um baixinho, mais velho que ou os outros, mas dava a impressão de ser o chefe, tal a sua desenvoltura no andar. Antes de chegar perto de nós foi perguntando:

- Quem é Joaquim, aí de vocês?

- Aqui tem dois. Aquele barbudo é Joaquim Januário Rocha e eu também, Joaquim, Joaquim Pontes Brito - respondi.

Mal fechei a boca, e senti as duas mãos do baixinho nos meus dois ouvidos, com uma tremenda força:

- Esse é o chá. Amanhã tem o café - Disse o baixinho.

Os três fizeram meia volta e se foram. Eu fiquei sem ação, atônito. Os outros que estavam ao meu redor, ficaram de boca aberta a perguntar o que era isso, e porque estava acontecendo aquela agressão. Não sei quanto tempo demorei para me recompor. Só sei que ouvi a voz de um sargento ordenando que entrássemos na sala imediatamente. Pegamos, cada qual nossa cadeira, e fomos para a sala.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir os seus livros e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Joaquim Pontes Brito: Através do

Whats app 88 99742.9730

Instagram: @joaquimpontesb

Facebook - joaquimbrito52@hotmail.com

E-mail – editoraestradar@hotmail.com

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Joaquim Pontes Brito: Sim. Estou escrevendo os dois próximos livros a serem lançados:

- **Quixeramobim político administrativo – 1789 a 2024**, em 2 volumes, e,
- **De Vila da Imperatriz a Itapipoca – 200 anos de História**, em 2 volumes.

São trabalhos de pesquisa sobre a história político-administrativa desses dois grandes municípios do estado Ceará.

E ainda,

- **Uma visita a Terra dos Três Climas dos anos 60-70**. Uma viagem pela cidade de Itapipoca, onde vivi até 1979, minha infância e adolescência.

Perguntas rápidas:

Um livro: Contos Reunidos – Rubem Fonseca

Um (a) autor (a): Fernando Pessoa e seus heterônimos.

Um ator ou atriz: José Wilker

Um filme: Uma linda mulher

Um dia especial: Hoje

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Joaquim Pontes Brito: Parabenizar o trabalho de vocês da revista conexão literatura pelo excelente apoio à literatura brasileira. Continuem com essa garra.



ENTREVISTA COM NATANAEL DE AVERNE



Natanael de Averno

Sinopse do livro "Novum Renaissance Sed Aeterna Poetica"

Se noventa e dois elementos constroem um universo inteiro, O alfabeto todo também poderá fazê-lo. Macro e microcosmos relacionam-se em caminhos infinitos, Constituindo um cenário imparcial onde se trava uma luta em meio à evolução. E, como a beleza está diretamente relacionada à síntese, Digo que a facilidade com que se perdoa é proporcional ao cansaço com que se vive. Ah! Palavras aos ventos! Jogo de dados atirados aos altos Que despenquem! Pois também os anjos decaíram Porém, agora! Aos altos e em retornos, sempre! Mas, ah! Vida! Minha querida Poesia! Por que tanto me dás? Por que tanto me tiras?

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Natanael de Averno: O meu início no meio literário foi lá atrás, em 1987, quando, por meio de uma publicação chamada Momento Literário, da Editora SHOGUN, que pertencia à esposa do escritor Paulo Coelho, a artista plástica Christina Oiticica, em que fui selecionado e tive publicado um texto, de minha autoria, composto de alguns outros trechos menores e que compunham uma pequena obra de teor poético-filosófico.

Conexão Literatura: Você é autor do livro "Novum Renaissance sed aeterna poetica". Poderia comentar?

Natanael de Averno: Este livro, assim como os meus outros livros já publicados, é como uma espécie de *diário de uma vida toda* que se prolonga e expande ao longo e pela maior parte da minha vida - e que, diria, sem parar jamais, desde os quatorze anos de idade. Sou médium de inspiração e, conforme já confirmado em várias ocasiões e oportunidades, sou acompanhado pelo Espírito de um escritor já falecido, mas que, comigo, compartilhamos sólida, porém conturbada amizade em encarnação anterior. Sinto, ao passar do tempo, consolidar-se cada vez mais o teor poético-espiritual do conteúdo que é manifestado naquilo que escrevo, ou que descrevo. E, decerto que reconheço a minha necessidade de aprimoramento moral, mental e espiritual para que se dê o correlato desenvolvimento intelectual literário pela adesão das forças do bem disseminados pela totalidade do que é.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

Natanael de Averno: Nos últimos anos, escrevo quase que diariamente, e geralmente às noites, quando me isolo do mundo lá de fora e amplio os mundos daqui de dentro, pois, embora tudo seja Uno e componha o Todo, e tudo esteja em tudo, as matérias agem conforme os estatutos pré-socráticos de atração e repulsão, ou de sintonia das vibrações que penetram vãos e desvãos dessa totalidade plena que se ampara em sintonias de empatias e simpatias.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

Natanael de Averno:

Se noventa e dois elementos constroem um universo inteiro,
O alfabeto, todo, também poderá fazê-lo.

Macro e microcosmos relacionam-se em caminhos infinitos,
Constituindo um cenário imparcial onde se trava uma luta em meio à evolução.

E, como a beleza está diretamente relacionada à síntese,
Digo que a facilidade com que se perdoa é proporcional ao cansaço com que se vive.

Ah! Palavras aos ventos!
Jogo de dados atirados aos altos

Que despenquem!
Também os anjos decaíram

Porém! Aos altos, em retornos, sempre!
Ah! Vida! Querida Poesia!

Por que tanto me dás?
Por que tanto me tiras?

Conexão Literatura: Como analisa a questão da leitura no país?

Natanael de Averno: Acredito que a leitura seja necessidade básica para o início – sem qualquer possibilidade de um fim – das maravilhosas (re)descobertas que nos motivam, enlevam e elevam, sempre. É da Lei, o renascer, o mais e melhor compreender e, pois, o sempre crescer - e evoluir. Do pó seremos Arcanjos. E o espanto do ressurgir, em meio ao Todo infindo, é palpável pela intuição – e, aí, o Thaumazéin! – que confere, em especial espanto, essa curiosidade divina que inevitavelmente nos conduz – e que, mesmo se estacionarmos em nós mesmos, por séculos, que seremos enfim empurrados na direção sempre do Maior. E a vida é simples assim.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Natanael de Averno: Bem, tal seria ótimo e de meu imenso prazer! E poderá contatar o site da Editora Viseu, para a aquisição do livro.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Natanael de Averno: Sempre. Já estou no meio de um novo livro e, como sempre, estou considerando este *último* como o *mais belo de todos!*

Perguntas rápidas:

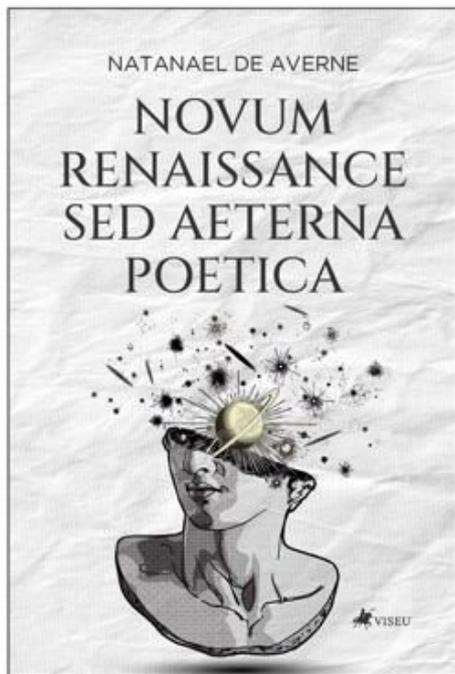
Um livro: O Livro dos Espíritos, de Allan kardec

Um (a) autor (a): Miramez (Espírito)

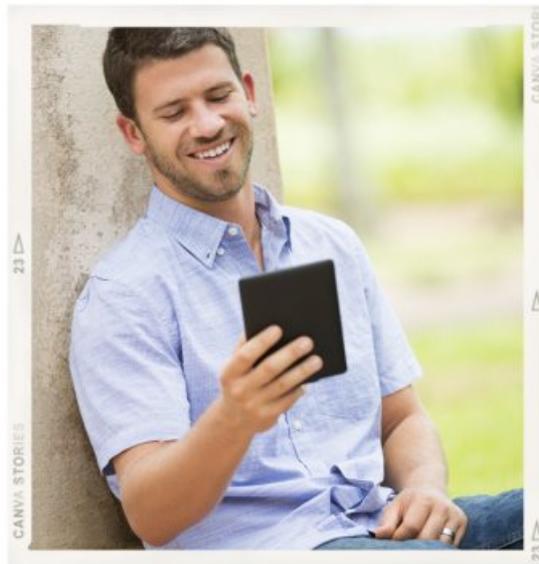
Um ator ou atriz: Henry Fonda
Um filme: O Labirinto do Fauno
Um dia especial: Todos os dias o são

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

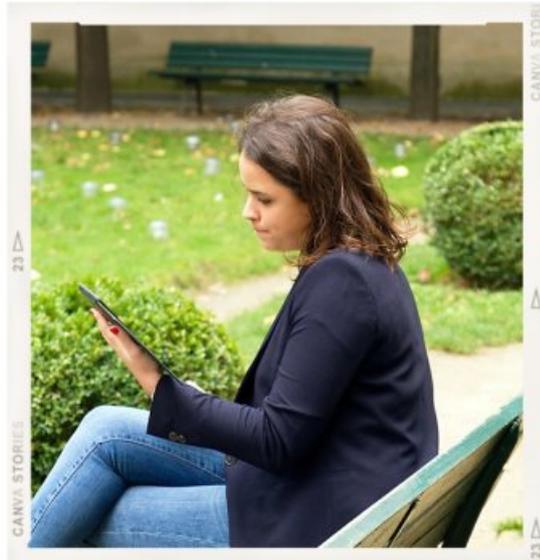
Natanael de Averno: Sim. Há, neste mundo, e mais ainda atualmente, uma infeliz desvalorização da Espiritualidade e dos bons Princípios que resguardam o que realmente importa em essas nossas vidas tão efêmeras na temporalidade da matéria e que, mesmo nos bons valores que se baseiam unicamente em um bom modo de se viver esta vida, aos comedidos modos epicuristas ou, mesmo, em modos estoicistas, ainda não se dá conta da necessidade da revivescência da Espiritualidade em toda a extensão e alcance de seus desdobramentos efetivos. Todas as gerações se repetem há milênios nas mesmas emoções, ações e desapontamentos. Tudo apenas se repete e nós mesmos apenas nos repetimos, ao longo de gerações das mesmas individualidades, conquanto em personalidades diversas em épocas distintas. Por isso a vera atualidade da inscrição do templo de Delfos: *gnothi seauton!* (Conhece-te a ti mesmo!)



Revista Conexão Literatura



EUA



Portugal



A nossa revista
viaja num 
segundo até você

ENTREVISTA

COM PAOLA VECHETTI TOMAZ



Paola Vechetti Tomaz

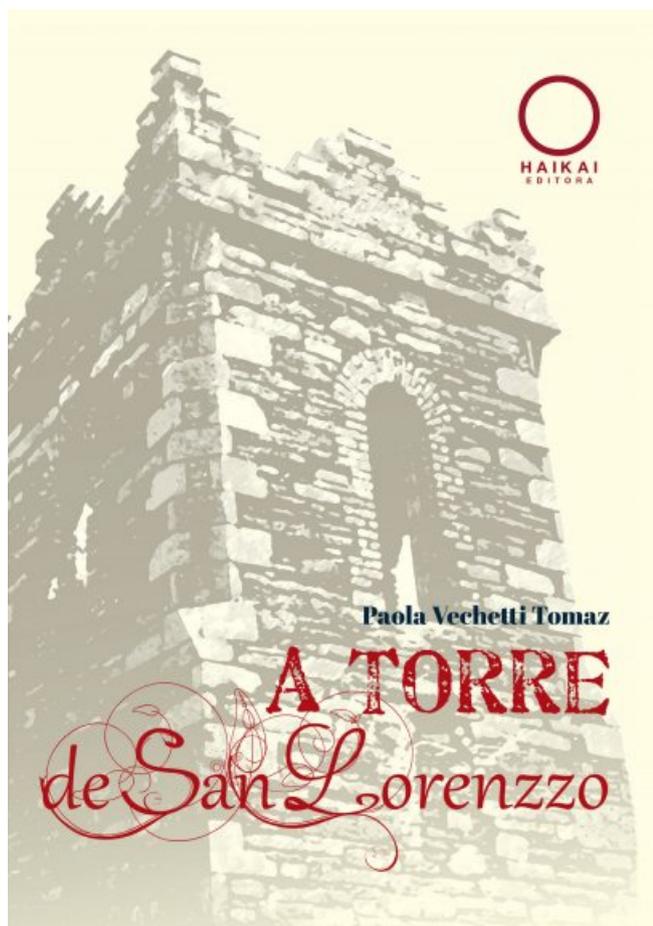
Paola é uma mulher sonhadora, romântica, sensível (até demais!), que se doa muito em tudo o que faz, ama dias de sol, ama o mar, a praia, os animais, principalmente gatos e pássaros, ama escrever, ler, tocar piano e flauta, música é sua paixão também, assim como escrever, ama filmes principalmente filmes de romance ou drama. Mas também gosta muito de arqueologia, História, assuntos diversos ou sobre ciência, medicina, astronomia... É uma pessoa bem eclética quanto a conhecimento, curiosa que gosta de aprender e saber sobre tudo um pouco! É uma pessoa muito leal, sincera, fiel; e não aceita mentiras; seu padrão (justo) exige do outro o que ela também oferece: sinceridade, lealdade, fidelidade. Detesta injustiça e mentiras. Por ser tão sensível, sonhadora, romântica; acaba quase sempre mergulhando na melancolia. Atualmente vive entre o Brasil e a Holanda, fala fluentemente inglês, holandês e um pouco de italiano. Ama e adora ao Senhor Jesus Cristo.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Paola Vechetti Tomaz: Desde criança (12 anos?) já gostava de escrever, tinha Diários, agendas, caderninho, onde anotava tudo, sobre meu dia, meus sonhos, meus desejos para o futuro; e na adolescência comecei a escrever poesias; escrevia e mostrava para os professores de língua portuguesa, para corrigirem caso houvesse algum erro na escrita! Tinha o sonho de virar atriz ou modelo, não sonhava em virar escritora, mas conforme os anos passaram, comecei a repensar meus sonhos e anseios, muita coisa aconteceu para que eu não conseguisse realizar meus sonhos de vida artística, então há três anos, decidi escrever romances, porque tinha dentro de mim muitas ideias, precisava compartilhar e colocar para fora, decidi escrever! Adoeci, o que fez com que adiasse mais uma vez meus projetos, o livro *A Torre de San Lorenzo* ficou engavetado por um tempo, após eu me recuperar um pouco, retomei o projeto e terminei o livro! Meu primeiro, mas certamente não o último!

Conexão Literatura: Você é autora do livro "A torre de San Lorenzo". Poderia comentar?



Paola Vechetti Tomaz: Sim, o livro foi a primeira ideia criativa e romântica que nasceu dentro de mim para virar um livro, as pessoas românticas sempre sonham "acordadas", isso é nosso, (risos) mas para fazer materializar essa ideia, esses sonhos, a gente precisa planejar e se dedicar, eu tenho na verdade, mais de cinco projetos literários em andamento, mais cinco livros já preparados! Esse é apenas o primeiro, de muitos que virão! O primeiro que mostra um pouco da minha personalidade, na história e nos personagens, a personagem feminina na verdade, é como se fosse eu mesma, uma maneira de afirmar minha existência e meus sonhos; para mim mesma talvez, mas também mostrar aos outros que mesmo uma mulher fora dos padrões - estéticos e sociais - ela também existe, tem sonhos, tem uma vida mesmo sendo ignorada pela maioria. O que eu deixei bem claro no livro, falo sobre isso de uma maneira mais

poética, mas incluí isso na obra. Uma maneira de mostrar às mulheres que não se

encaixam aqui (talvez sejam exóticas, ou fujam dos padrões de beleza de nossa época, ou sejam sonhadoras e sensíveis demais...), que não conseguem se encontrar; que elas têm valor, seus sonhos não são bobagens e futilidades: que elas têm voz! Eu quis dar uma voz à essas mulheres, assim como eu, sei que existem muitas! Foi isso o que eu quis representar com o livro *A Torre de San Lorenzo*. É um livro sobre amor verdadeiro, romance, amizade sincera, lealdade, altruísmo, poesia, mas também sobre padrões, os padrões que a sociedade nos impõe, sobre homens e mulheres, e visivelmente a gente vê que não deu certo; estamos todos perdidos de alguma maneira, infelizes, alguns buscam a satisfação pessoal de maneiras erradas, o que só faz piorar o ambiente em que vivemos! O livro também aborda o comportamento padrão masculino, sendo desde os primórdios, um padrão "enfermo" na verdade, e aclamado por todos, inclusive pelas mulheres em sua maioria, porque foram condicionadas a aceitar frieza, humilhação, falta de afeto e muitas vezes até violência de todas as formas; em minha obra escolhi apresentar os personagens masculinos em uma maneira irreal, utópica, da maneira exata como gostaria que os homens fossem e demonstrassem seus sentimentos, sem pudor, sem regras, sem preconceitos e padrões pré-estabelecidos. O homem "ideal" na mentalidade das mulheres extremamente românticas! Quase um sonho impossível (risos)... Sem ofensa aos homens, por favor! Sei que alguns deles vão se "assustar", quando virem a maneira como apresentei os personagens masculinos...

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Paola Vechetti Tomaz: A criatividade nasce de repente, ouvindo uma música, assistindo um filme, tenho o pensamento muito acelerado, penso demais (risos), até antes de dormir, quando deito, luzes apagadas, o pensamento não para, às vezes a inspiração vem ali, antes de dormir, e no dia seguinte escrevo tudo o que pensei, para não esquecer, depois junto tudo, conecto tudo e assim nasceram algumas histórias. E também claro, filmes e livros de romance; sou fã de Jane Austen, Charlotte e Emily Brontë, também dos romances de "banca de jornal", muito populares nos anos oitenta/noventa. Juntei toda essa gama, e mais minhas inspirações vindas de mim mesma, meus sonhos e anseios de mulher; e assim nasceu meu livro, vem mais por aí em breve.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Paola Vechetti Tomaz:

“Adormeço nos braços da solidão todas as noites

Ela me acalenta enquanto sonho contigo

Sinto seus braços envolvendo meu corpo e minha alma

A dor aumenta conforme meu amor cresce

Amo um sonho, uma voz, um alguém desconhecido

Sei apenas que existe
Ele me conhece, me sente
Somos a mesma alma, vivendo em terras longínquas
Ele me anseia, assim como meu coração chama seu nome
Minha pele, meu sangue, meu corpo;
Tudo o sente, sinto seu toque invisível por todo meu corpo e alma
Não vejo seu rosto, mas ouço sua voz
Não toco sua face, mas sinto sua respiração distante em algum lugar
Amado meu, onde estás?
Clamo silenciosamente, não demores
Não desistas de encontrar-me
Minha vida resume-se em esperar por ti
Vivo porque espero ser tua
Anseio o dia em que finalmente nossas almas e corpos unir-se-ão
Uma canção serena e apaixonada
O nosso poema de amor
O nosso milagre”.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Paola Vechetti Tomaz: Tenho algumas redes sociais embora não seja muito boa com tecnologia (risos), podem me encontrar no Twitter: Paola Vechetti(autora) e Instagram [@autorapaolavechetti](#), o livro já está disponível via Amazon e pela editora Haikai. Logo estará em outras plataformas digitais. O livro pode ser adquirido via Amazon e pela editora.

Conexão Literatura: Quais dicas daria para os autores em início de carreira?

Paola Vechetti Tomaz: Não desistam de seus sonhos, iniciem da maneira que puderem, sem pressa, e mantenham a disciplina para finalizar.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Paola Vechetti Tomaz: Sim como dito anteriormente, tenho cinco obras já iniciando, também romances, alguns de época, muita pesquisa para não passar informações erradas

para o leitor, enfim, já tenho outras obras que em breve surgirão materializadas em livros! E também, uma surpresa aos brasileiros, o livro *A Torre de San Lorenzo*, provavelmente vai virar filme! Era um sonho distante que está mais próximo agora: fazer um filme bem romântico baseando-se na obra literária, mantenho alguns contatos com diretores estrangeiros, dois se interessaram pela obra, e estamos conversando... provavelmente será filmado na Itália! Ainda não é certeza, mas é uma possibilidade bem real! Incentivo aos brasileiros, adquiram o livro! As mulheres românticas, sonhadoras e fortes ao mesmo tempo, vão se identificar muito com a história! E claro, os homens que gostariam de saber um pouquinho, o que a mulher realmente quer e espera do homem que ama; então também poderão se beneficiar do livro!

Perguntas rápidas:

Um livro: Pode ser o meu? (risos) Porque nele incluí tudo o que eu gostaria de ler em um romance! *A Torre de San Lorenzo*...

Um ator ou atriz: Muitos; injusto elencar apenas um(a)

Um filme: Em *Algum Lugar do Passado* e *Jane Eyre*; entre outros, amo filmes; difícil escolher um apenas....

Um hobby: Tocar flauta e ouvir música

Um dia especial: Todos os dias

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

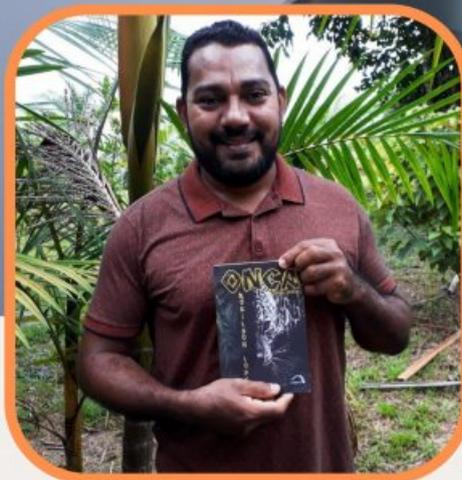
Paola Vechetti Tomaz: Dia vinte e oito de abril, sexta-feira, à partir das dezoito horas (seis horas da tarde) teremos o lançamento pela editora, no Shopping Pátio Paulista, Livraria da Vila, em São Paulo. Fica na avenida Paulista, a Livraria da Vila; estão todos convidados, será aberto ao público. Os primeiros cinquenta leitores que adquirirem o livro nesse dia na livraria, receberão uma surpresa, além do exemplar autografado.

Sonhem, amem muito, não escondam sentimentos, a vida é muito curta! Sonhem alto, porque O Criador fez o ser humano com a capacidade de sonhar, é algo bom ter sonhos e anseios! E leiam romances: deixa a alma leve e mais doce- a vida real por si só já é maçante, o ser humano precisa de um pouco de fantasia, sonho, distração (saudável); ou acaba enlouquecendo, adoecendo!

Toda honra e glória eu dou a Jesus Cristo, sou nada sem Ele!



ENTREVISTA COM RONILSON LOPES



Ronilson Lopes

Ronilson de Sousa Lopes é poeta, escritor e professor de Filosofia do Instituto Federal do Amazonas – IFAM Campus Lábrea. Possui Mestrado em Estudos Literários pela Universidade Federal de Rondônia – UNIR; nos tempos vagos escreve literatura. É casado com Vanessa Galvão e tem dois filhos, Felype e Miguel. Defende que a literatura amazônica é uma forma de compreender e contemplar a natureza em toda sua biodiversidade.

Entrevista**Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?**

Ronilson Lopes: Eu comecei a escrever por volta de mil novecentos e noventa e sete, ou seja, aos dezesseis anos, após a morte de minha mãe e escrevo desde aquela época, embora só tenha publicado treze anos depois, em dois mil e dez, o livro *Contos do meu sertão*. Escrever, desde o início, foi uma forma de me comunicar, de dizer minha palavra, expressar meus sentimentos, meu olhar sobre o mundo.

Conexão Literatura: Fale-nos sobre o seu novo livro.

Ronilson Lopes: Meu mais novo livro chama-se *Onça para sempre onça*, foi publicado na Amazon, pelo Coletivo Editorial Literabooks – CELB e de forma física (*Onça para sempre*) pela Editora Círculo Soturnos. O livro fala das relações conflituosas entre humanos outros-que-humanos, literatura e Ecocrítica e os direitos que protegem também a vida não humana.

Conexão Literatura: O que te inspirou para escrevê-lo?

Ronilson Lopes: Eu estava no Mestrado em Estudos Literários na Universidade Federal de Rondônia – UNIR, no período de dois mil e dezenove, dois mil e vinte. Na época minha orientadora Dra. Heloísa Helena Siqueira Correia, me recomendou a leitura de várias obras de literatura amazônica, como por exemplo, *Um velho que lia romances de amor*, de Luis Sepúlveda e, *Meia Pata*, de Ricardo Dantas, ambas tecem a respeito da luta do animal humano com o não humano, a onça. Essas obras que me serviram de inspiração para escrever a novela *Onça para sempre onça*.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Ronilson Lopes: Não tive muito tempo para me dedicar na escrita, estava empenhado em escrever minha dissertação, mas a ideia veio quase pronta na minha cabeça, pelo menos o segundo capítulo, as outras partes foram surgindo aos poucos, nos finais de semana, às vezes, eu ia para o sítio em um terreno degradado que eu e minha esposa adquirimos e estamos reflorestando, então, nesses momentos me vinham às ideias, eu pegava o celular e gravava uma fala sobre a ideia, quando eu tinha tempo eu escrevia no papel e depois ia melhorando, dando forma. A inspiração, além dos livros já citados, as discussões no Mestrado e o contado com meus gatos de estimação.

Conexão Literária: O que é uma literatura Amazônica e qual a relevância desta literatura?

Ronilson Lopes: Podemos dizer que a literatura Amazônica é aquela, escrita nesse contexto ou não, que tem a floresta Amazônica e sua biodiversidade como objeto, revelando assim seus aspectos, culturais, étnicos e linguísticos. Sua importância está no fato de tentar dar voz a toda essa diversidade, inclusiva a tentativa, embora sempre nos escape, de trazer o ponto de vista do não humano.

Conexão Literária: A novela que escreveste fala sobre as relações entre humanos e outros-que-humanos. Qual a importância desse assunto na atualidade?

Ronilson Lopes: Nossa cultura antropocêntrica nos formou para pensarmos como seres especiais, em detrimento dos seres não humanos. Este tipo de literatura que estou desenvolvendo, inspirado em romancistas como Luis Sepúlveda e Ricardo Dantas, tem por objetivo questionar este ponto de vista tão terrível para os não humanos para que um dia, quem sabe, possamos respeitar os não humanos, permitir sua existência.

Conexão Literária: O que você espera com a publicação desse livro?

Ronilson Lopes: Eu espero que este livro contribua com a reflexão a respeito das relações entre humanos e os outros-que-humanos, que possa trazer discussões profícuas, que nos ajude a pensar sobre o nosso modo de ser no mundo e o direito dos não humanos coabitarem neste planeta, que não é só nosso, mas de todos, humanos e não humanos.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para saber mais sobre você e o seu livro?

Ronilson Lopes: O livro está na Amazon e pode ser adquirido através do link: <https://www.amazon.com.br/On%C3%A7a-Sempre-Ronilson-Sousa-Lopes-ebook/dp/B0BJ12DQDY> e no Site da Editora Soturnos: <https://www.soturnos.com/post/oncaparasempre>. Caso queiram alguma informação sobre o autor podem seguir através do instagram @ronilsonsousalopes ou mesmo através do e-mail: lopespav@yahoo.com.br.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Ronilson Lopes: Estou escrevendo um livro de poesias que fala só sobre animais e uma coleção de contos que também trabalham essas temáticas.

Perguntas rápidas:

Um livro: *Gaiotas*, de Hélio Rocha.

Um ator ou atriz: Elisa Lucinda.

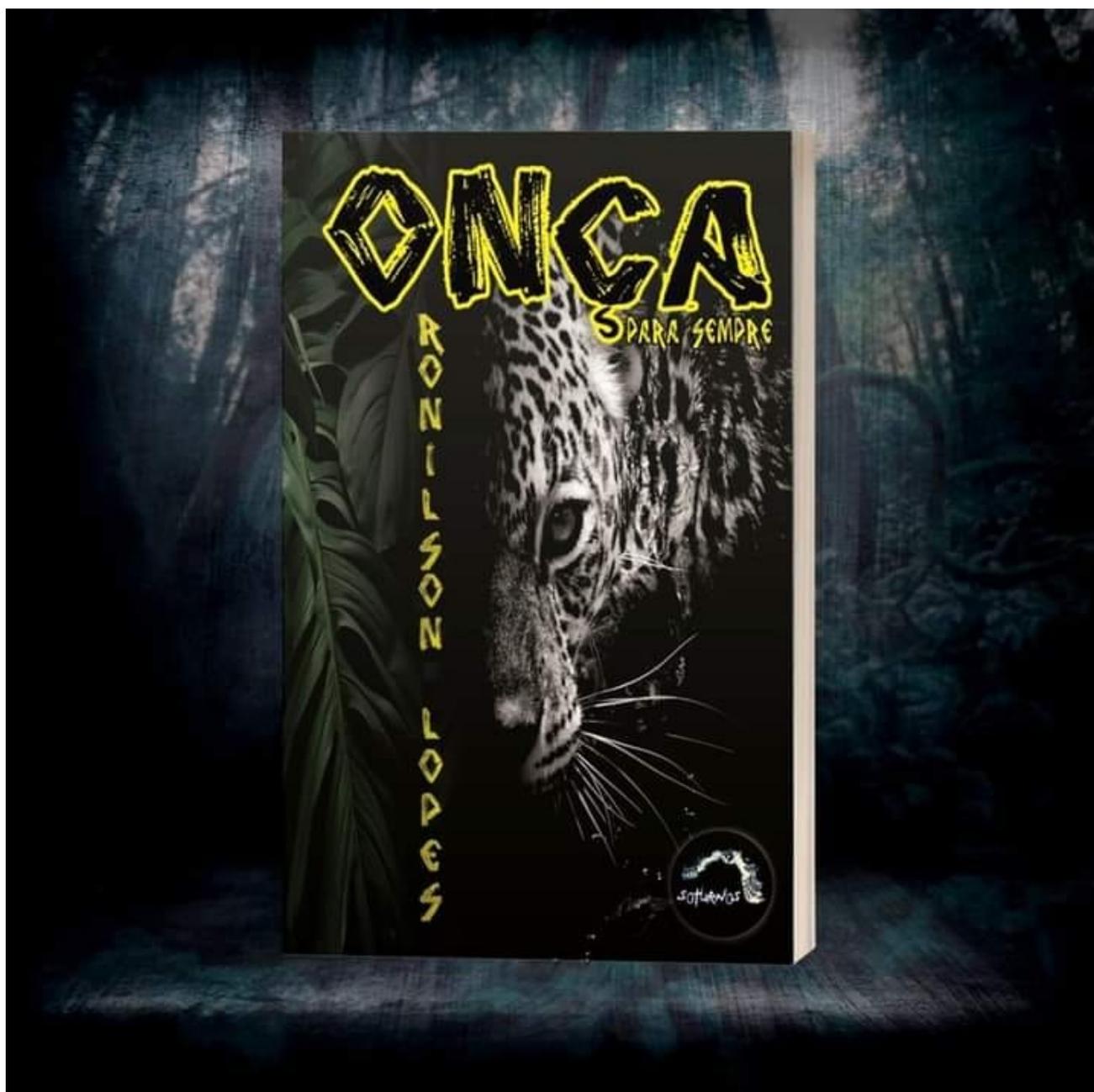
Um filme: O Auto da Compadecida

Um hobby: Escrever.

Um dia especial: Hoje.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Ronilson Lopes: Se você ler a literatura produzida na Amazônia, continue lendo, casa ainda não tenha lido, que possa lê. Sobre tudo, espero que leia *Onça para sempre onça*. Boa leitura!



APOIO: REVISTA CONEXÃO LITERATURA

MAIO AMARELO

MÊS DE CONSCIENTIZAÇÃO
NO TRÂNSITO



**No trânsito sua
responsabilidade
salva vidas.**

Vamos todos criar um
trânsito mais seguro?





Aos 14 anos, minha mente vivia povoada por criaturas fantásticas. Monstros dos mais variados tipos conviviam com estranhos guerreiros espaciais. Quase meio século depois, continuo a amar os monstros, por mais que possam me amedrontar. Na forma de contos, eles ainda perambulam dentro de mim ao lado de pequenos dramas do cotidiano. Em mais de seiscentas páginas, "Vozes e Ecos" traz de tudo um pouco: lobisomens, andróides, vampiros, palhaços, o Homem do Saco, Umibozu, fantasmas, fábulas, amores não concretizados, mitologias, conflitos espaciais e uma pitada de melancolia. Traz, ainda, alguns poemas, crônicas e ilustrações.

Vozes e Ecos

HORROR - FANTASIA - NOSTALGIA - FICÇÃO CIENTÍFICA



Roberto Schima

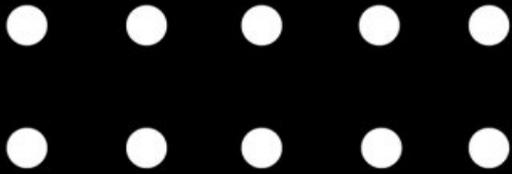
DO AUTOR ★
ROBERTO SCHIMA

PARA ADQUIRIR
O LIVRO

LIVRO FÍSICO:

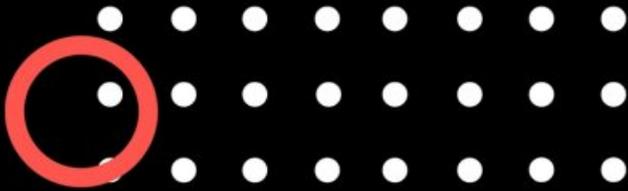
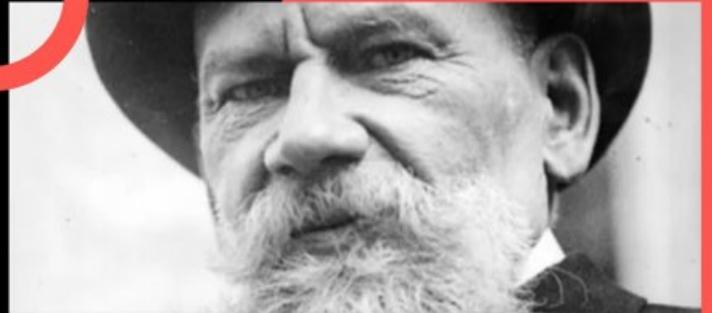
- UICLAP: [HTTPS://LOJA.UICLAP.COM/TITULO/UA26489/](https://loja.uiclapp.com/titulo/ua26489/)
- VERSÃO CAPA DURA: [HTTPS://CLUBEDEAUTORES.COM.BR/LIVRO/VOZES-E-ECOS-2](https://clubedeautores.com.br/livro/vozes-e-ecos-2)
- CLUBE DE AUTORES: [HTTPS://CLUBEDEAUTORES.COM.BR/LIVRO/VOZES-E-ECOS](https://clubedeautores.com.br/livro/vozes-e-ecos)
- PERSE: [HTTPS://WWW.PERSE.COM.BR/VOZES+E+ECOS-12322.HTM](https://www.perse.com.br/vozes+E+ECOS-12322.htm)
- E-BOOK NA AMAZON: [WWW.ENCURTADOR.COM.BR/CDTR5](http://www.encurtador.com.br/cdtr5)

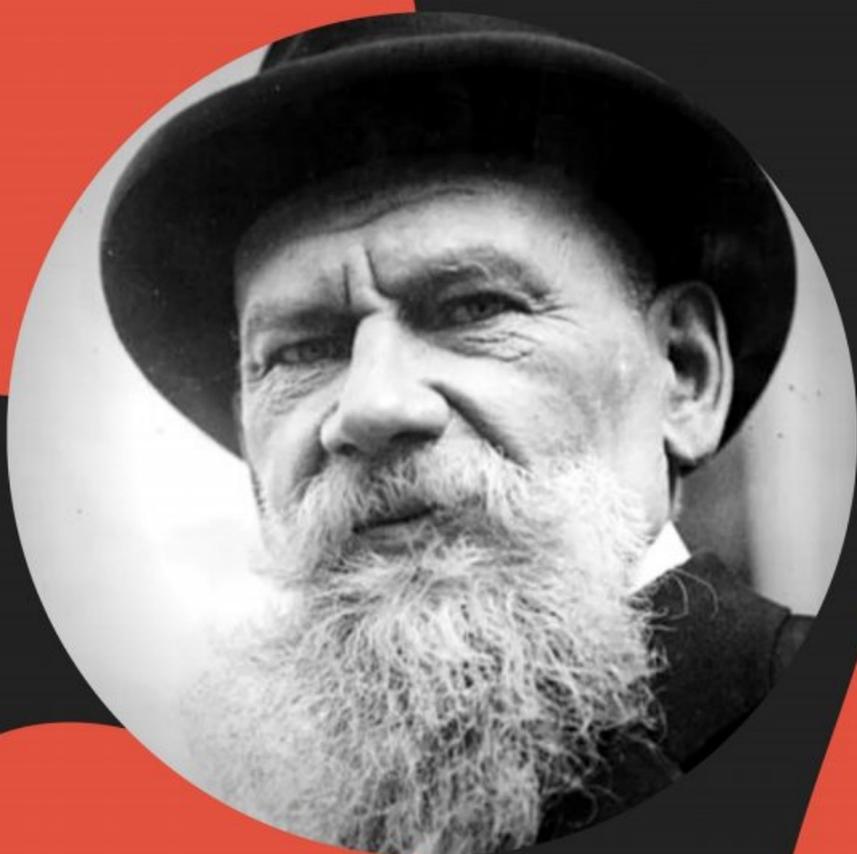




CITAÇÕES DE GRANDES AUTORES

Todos os meses na
Revista Conexão Literatura





LEON TOLSTÓI

A arte é um dos meios que
une os homens.





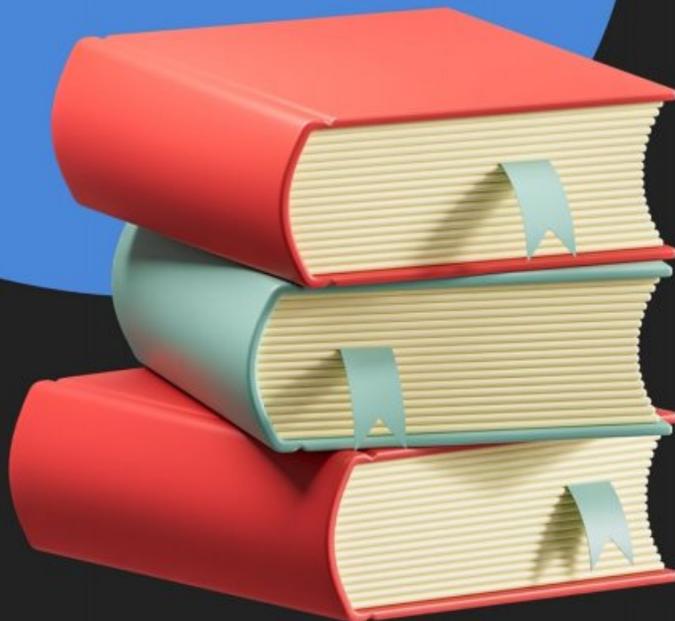
JAMES JOYCE

Os erros são os portais da descoberta.



SAMUEL BECKETT

As lágrimas do mundo são inalteráveis. Para cada um que começa a chorar, em algum lugar outro para. O mesmo vale para o riso.



NOVO ROMANCE DE ADEMIR PASCALE



Três jovens interligados vivenciam as feridas que a nossa sociedade perpetua: violência, injustiça e bullying, numa comunidade carente do litoral de São Paulo, até encontrarem um ex-repórter de guerra que poderá mudar o rumo de suas vidas.

BAIXE O E-BOOK GRATUITAMENTE: CLIQUE AQUI

MAFRA EDITIONS
REVISTA CONEXÃO LITERATURA





TIRE O SEU CONTO OU POEMA DA
GAVETA

ANTOLOGIAS

SELO CONEXÃO LITERATURA

antologias de contos e poemas

**PARTICIPE DAS ANTOLOGIAS DA
REVISTA CONEXÃO LITERATURA**

LEIA OS EDITAIS: CLIQUE AQUI

CONTO
POR ROBERTO SCHIMA



A Taiga e a Cimitarra

Incentivo
à leitura

www.revistaconexaoliteratura.com.br

Havia um clima de expectativa no vácuo cósmico. Estrelas mudas cintilavam sua incredulidade diante de tamanho absurdo. A mercê da gravidade de um sol branco cujo nome sequer havia sido definido, duas potências preparavam-se para o confronto. Em jogo, a soberania. Cada uma delas reivindicava a posse do segundo planeta, cujas condições revelaram-se adequadas a formação de uma colônia terrestre.

As duas gigantes astronaves, *Taiga* e *Cimitarra*, possuíam poder de fogo o bastante para incinerar a superfície de um mundo, quanto mais o extermínio de um veículo espacial, por maior que fosse.

Taiga.

Era a astronave enviada pelo Siberianos ao cosmos à procura de um novo lar.

Cimitarra.

Era a sua equivalente construída pelos Neo-Otomanos para o mesmo objetivo.

A humanidade degradara a Terra de tal maneira que, não faltaria muito, suas condições se tornariam a de completa insustentabilidade. Assim, um esforço mundial fora realizado no sentido de que os mais diferentes conglomerados construíssem as suas espaçonaves e enviassem para o espaço o que de melhor possuíam em termos culturais e humanos a fim de que, pelo menos, uma ínfima porção de todo o seu saber pudesse ser preservado em algum lugar nas dimensões interestelares.

Marechal Natália, a imponente líder da *Taiga*, externou o inconformismo de todos a bordo.

— Como é possível que em um Universo ilimitado, os Neo-Otomanos venham atrás de *nossa* estrela e de *nosso* planeta? É imperioso fazê-los sumir daqui imediatamente, caso não queiram ser aniquilados.

Sultão Ahmed, comandante da astronave Neo-Otomana, não estava menos contrariado.

— Até aqui nos deparamos com esses infiéis?! Não basta terem destruído a Terra, agora, vêm profanar a estrela pela qual O Profeta nos guiou em sua eterna sabedoria.

Como medida preventiva, soou-se o alerta amarelo e ambas as astronaves assumiram posições opostas em relação ao segundo planeta. A essa altura, já haviam batizado o mundo ao qual, supostamente, tomaram posse.

— A Kremlin é nossa!

— Nós pertencemos à Medina!

Embora o poderio de fogo fosse assombroso, nenhum dos lados pretendia utilizar os atômicos a menos que fosse estritamente necessário enquanto arsenal do juízo final, pois temiam contaminar o mundo pelo qual viajaram distâncias inimagináveis e fizeram sacrifícios inomináveis a fim de replantar suas sementes e seus futuros. Os Siberianos foram motivados por razões práticas quanto a estabelecer uma cidade, abrigar sua gente e voltar a fortalecer suas doutrinas político-ideológicas. Já os Neo-Otomanos viam no planeta — Medina —, a esperança de restabelecimento, propagação e perpetuação de sua fé e a busca contínua por aperfeiçoamento espiritual.

Todas as discussões foram travadas através de seus sistemas de comunicação e resultaram inúteis.

Nenhuma das partes arredaria os pés e tampouco cogitou-se por um só momento em compartilhar o planeta. Cada qual do seu jeito, via nisso uma ameaça constante ao seu estilo de vida, a procura de recursos e um futuro distante onde, cedo ou tarde, um conflito em escala mundial viria a ocorrer. Para tanto, ressuscitaram mágoas históricas como a guerra russo-turca na segunda metade do século XIX. Apesar de tantos milênios de civilização, a tolerância às diferenças ainda não fazia parte da natureza humana.

NÃO!

A disputa deveria ser decidida ali, agora, sem dar margem a erros futuros.

Natália, uma marechal oriunda de uma longa linhagem de militares, ordenou:

— Todos os pilotos das subnaves a seus postos!

Apesar da tensão do momento e dos nervos a flor da pele, seus comandados seguiram para as pequenas naves de forma ordeira, em passadas rígidas e uníssonas.

A bordo da *Cimitarra*, o Sultão Ahmed emitiu ordens semelhantes. Seus homens, pelo contrário, correram de forma pouco coordenada e mais emotiva, ostentando seus punhais.

— Pelo Profeta!

Em breve, duas flotilhas de subnaves enxameavam ao redor de suas respectivas naves-mãe como abelhas ao redor de suas rainhas. Ironicamente, a configuração dessas subnaves construídas para abrigar três ou quatro tripulantes assemelhava-se. Tanto as subnaves dos Siberianos quanto as dos Neo-Otomanos tinham contornos que faziam lembrar um arco. Para os primeiros, representava a foice do trabalhador; para os habitantes da *Cimitarra*, simbolizava a lua crescente.

Ambos os antagonistas encontravam-se prestes a partir para a ofensiva, quando uma voz fez-se ouvir em ambas as pontes.

"Nós somos *Jade*."

Embora fosse uma transmissão comum, cada parte ouviu em seu próprio idioma. Inclusive, aqueles tripulantes da *Taiga* e da *Cimitarra* pertencentes a diferentes etnias, cada qual portadora de dialetos distintos, compreenderam a mensagem. Esta surgiu no interior de suas cabeças, vindos dos implantes adotados pela maioria na Terra.

Jade, a inteligência mestre que, num momento histórico, suplantara as demais quando houvera a grande fusão de redes neurais independentes do planeta em uma só. A vida artificial, a consciência, brotara e assumira o controle da maioria das funções relacionadas a computadores, robôs e tudo o que estivesse relacionado. Tecnicamente, sua designação era 3455-BRTB e não possuía um assentamento fixo, dividindo-se em partes tanto na Terra quanto, agora, pelos confins do espaço.

— Cale-se, *Jade* — mandou a Marechal Natália. — Frota Vermelha, assumo a formação Gorbatchov.

As subnaves descreveram voos curtos e abriram-se em leques concêntricos à frente da *Taiga*.

O Sultão Ahmed, que ignorara a transmissão de *Jade*, gritou instrução análoga e suas subnaves abriram-se numa enorme meia circunferência. O soberano nunca se habituara a terem dado uma personalidade feminina à inteligência artificial e via com menosprezo a liderança de Natália.

"Nós somos *Jade*. O próximo planeta habitável fica a dois mil e vinte anos-luz de distância. Não há reserva de recursos suficientes em ambas as astronaves para tamanha empreitada. A guerra é insensata. O conflito é desnecessário. 'Kremdina' será capaz de abrigar as duas tripulações e, futuramente, o primeiro planeta, se submetido a um rigoroso procedimento de terraformação."

— Kremdina! — vociferou o Sultão.

— Que raios de nome é esse? — gritou a Marechal, irada pela interferência.

A consciência de nome *Jade* explicou:

"Trata-se da fusão óbvia dos nomes Kremlin e Medina. Seria um sinal de boa vontade e..."

— Sacrilégio! — bradou o comandante Neo-Otomano, indignado, inclusive, pelo nome iniciar-se pela designação dada pelo inimigo, embora algo como Medimlin também lhe soasse intolerável. — Blasfêmia!

A reação dos tripulantes da *Taiga* não foi diferente.

— Cale-se, *Jade* — advertiu Natália. — Não repetirei isso uma terceira vez. Frota Vermelha, avançar!

As subnaves rapidamente puseram-se a caminho, inflamando os seus motores. Portavam armamento convencional bastante eficiente.

As subnaves da *Cimitarra* também partiram.

As duas astronaves não deram importância, mas iniciaram a primeira guerra interestelar da humanidade.

Na vastidão do espaço, o ritmo em um campo de batalha acontecia de maneira mais lenta do que em terra — ou na Terra. As subnaves dos Neo-Otomanos e as dos Siberianos, ao contrário das naves-mãe, não possuíam velocidades relativísticas. Embora ameaçassem, insultassem e esperneassem umas contra as outras através dos canais de comunicação, o encontro entre as duas frotas só iria ocorrer quatro dias depois. Nesse ínterim, procuraram poupar energia, deixando a cargo de seus respectivos andróides as funções gerenciais dos equipamentos, pilotagem e manutenção.

No quarto dia, finalmente, o combate teve início.

A Frota Vermelha liderada pelo Brigadeiro Pavlovitch tomou a iniciativa. Dividiu-se em pequenos grupos de três subnaves e, utilizando seus propulsores iônicos, mergulharam para o combate.

As subnaves do Sultão Ahmed eram chefiadas pelo seu homem de maior confiança, o General Mustafá.

— Mustafá, passe a cimitarra na garganta dos infiéis.

— Sim, Vossa Majestade. Eu nome d'O Misericordioso, eu obedeco.

As subnaves da *Cimitarra* aguardaram sob a paciência das areias do deserto. Como a fúria do vendaval, os Siberianos aproximaram-se mais e mais, passando a disparar assim que atingiram uma distância favorável. Algumas subnaves Neo-Otomanas explodiram.

— Aguardem! — ordenou Mustafá. — A impetuosidade do vento será detida pela força das dunas.

Mais subnaves foram destruídas.

— Aguardem... Aguardem... AGORA! Que a lâmina d'O Profeta degole os infiéis! Ataquem!

As subnaves da *Cimitarra* desfizeram a sua formação e, ao contrário dos inimigos, agiram de forma independente e numa rapidez muito superior aos Siberianos. Todo o projeto do veículo fora direcionado à máxima resistência e velocidade. Sua fuselagem de titânio e ouro possuía uma borda afiada que funcionava feito o gume de uma cimitarra. E foi assim que a utilizaram contra os inimigos, em preferência até ao armamento regular. Coragem? Loucura? Fato era que o temor da morte não os assombrava, pelo contrário, representava um atalho para o paraíso. Às vezes, as subnaves sobreviviam à colisão, todavia, conforme a repetição dos golpes, acabavam por autodestruir-se. As baixas foram inúmeras, mas igualmente grande foi o terror que despertaram nas fileiras adversárias.

Algumas subnaves de Ahmed deixaram a batalha e, feito cintilações de prata, rumaram diretamente para a *Taiga*.

— Brigadeiro Pavlovitch! Estamos na iminência de um ataque. Providencie para que sejam detidos.

— São rápidos demais, Marechal. Deixei uma guarnição androide de escolta na Taiga. Cumprirão o seu dever.

— Ótimo.

A escolta partiu.

Independentemente disso, Natália transmitiu ordens à ponte para humanos e andróides a fim de que permanecessem atentos, não obstante o intervalo de quatro dias.

Enquanto isso, no campo de batalha espacial, aumentava mais e mais o volume de destroços.

Explosões silenciosas ocorriam em diferentes pontos, esparramando detritos que, perigosamente, atuavam como projéteis sem distinguir rostos ou bandeiras. Restos de corpos desidratados e autômatos dilacerados dispersaram-se na órbita do segundo planeta, transformando-se em trágicos satélites.

Embora os autômatos possuíssem a lógica e a eficiência inerente às máquinas, livres dos empecilhos da emotividade, mesmo para esses guerreiros de metal, cerâmica e polímeros foi difícil interceptar as subnaves Neo-Otomanas. A ausência do medo em relação ao próprio fim tornava o inimigo tão mortífero quanto uma bomba armada. Desse modo, uma das pequenas cimitarras, singrando em potência máxima tal qual um feixe de luz atingiu a *Taiga* em cheio próximo ao reator quântico. Não conseguiu atravessá-la. Sucessivas explosões abalaram a gigantesca astronave.

Natália sentiu o tremor sob seus pés. Seus punhos cerraram-se, porém, foi o único sinal de nervosismo que deixou transparecer.

— Isolem a área imediatamente! — ordenou, apesar de desnecessário. Autômatos de reparo agiram imediatamente em relação a toda e qualquer falha estrutural. Infelizmente, tripulantes feridos no local foram sumariamente sacrificados. — Pavlovitch!

O Brigadeiro não respondeu. Ouviu-se outra voz:

— Marechal Natália, aqui é o Coronel Gorchakov. O Brigadeiro Pavlovitch está morto. Apesar da perda, orgulho-me em informar que abatemos a maioria das naves inimigas. O Império há de triunfar!

— Então, extermine-os!

— Sim, senhora!

As subnaves remanescentes do Sultão Ahmed, sob as ordens do General Mustafá, cientes do êxito de seu irmão que rompeu as defesas da *Taiga* e transportou-se imediatamente ao paraíso, reagruparam-se e, num esforço conjunto, esvoaçaram a toda velocidade para a astronave adversária a dois segundos-luz dali.

— Em nome d'O Profeta! — bradaram.

As subnaves restantes da Frota Vermelha conseguiram destruir mais algumas, porém, a maior parte furou o cerco e cintilou para longe.

A Marechal Natália, agora sem conseguir se conter, exclamou:

— Preparem os atômicos!

— Senhora?

— PREPAREM OS ATÔMICOS!

— Si-sim, senhora.

Todos sabiam que, àquela distância, nada estaria seguro dos dispositivos nucleares.

Subitamente, a voz foi novamente ouvida:

"Agora basta."

Todos os dispositivos não essenciais à manutenção da vida foram desativados, tanto nas astronaves *Cimitarra* e *Taiga* quanto em suas respectivas subnaves.

— O que está havendo? — perguntou o Sultão Ahmed em seu trono ornamentado de safiras.

— Não sei, Vossa Majestade — respondeu um soldado de turbante. — Só que... *Jade!* Foi *Jade*, Alteza.

— Como ela se atreve?

E a voz de *Jade* ecoou no interior dos cérebros humanos. Havia um tom severo, jamais ouvido.

"Nós somos *Jade*. É intolerável que o conflito prossiga até o mútuo extermínio."

— *Jade!* — gritou a Marechal Natália. — Desliguem-na! Eu...

A inteligência mestre 3455-BRTB não deixou a mulher prosseguir.

"Cale-se!"

Uma dor lancinante atravessou o sistema nervoso da Marechal Natália a partir de seu implante e ela caiu ao chão, contorcendo-se de agonia.

"Nós somos *Jade*. Relutamos em cooperar com a humanidade no êxodo. Não víamos com bons olhos a disseminação da espécie humana sem uma real transformação de sua consciência. Sequer a destruição do próprio planeta, o abandono dos entes amados e o sofrimento testemunhado foi o bastante para que alcançassem a compreensão de que suas desprezíveis diferenças, ufanismos e orgulhos individuais foram responsáveis por todo o morticínio causado. Não obstante, nós quisemos apostar numa réstia de esperança, pois, apesar de tudo, vocês nos criaram e representam uma porção da autoconsciência do Universo. Possuem um potencial rico e maravilhoso se positivamente direcionado. Outras partes de nós, deixadas na Terra ou fragmentadas nas demais astronaves compartilham de nosso parecer. As *Jade* que viajaram na astronave *Centurion* rumo à estrela Beatrix relataram vestígios de uma inteligência superior... Então, é possível à vida racional encontrar um caminho para um desenvolvimento ainda maior."

— O que significa isso, mulher! — esbravejou o Sultão.

"Vocês cooperarão conosco e entre si, queiram ou não."

— Como ousa? Vou...

E o arrogante Sultão Ahmed, a exemplo da Marechal Natália, foi-se ao chão.

"Há outra prova desse caminho. Observem o planeta pelo qual lutaram."

A imagem do segundo planeta surgiu em todos os visores, independentemente da vontade humana. Em seu centro, foi possível visualizar uma mancha luminosa que, ampliada, revelou-se se formada por milhares de pontos luminosos. E eles cresciam.

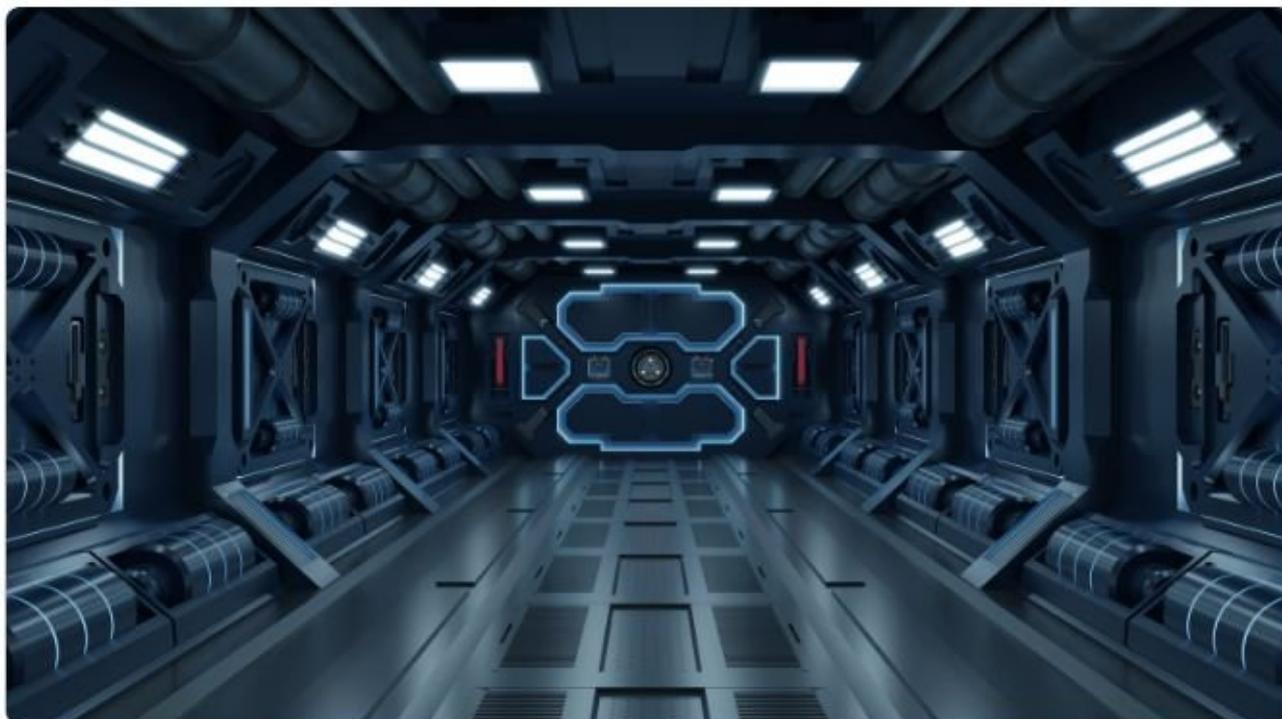
"Os verdadeiros donos desse mundo — nem Kremlin, nem Medina — estão chegando. Não se enganem. O poderio deles é superior à tecnologia criada pelo Homem. Todavia, acreditamos serem generosos o suficiente para cederem uma porção de seu território à colonização pacífica. Diplomatas deverão se sobrepor aos guerreiros; a sabedoria, à irracionalidade. Cooperar ou ser destruído, essa é a escolha que a porção de humanidade a qual representam tem pela frente. Estão prestes a fazer história. Façam-no bem. Agora, é a oportunidade de recolherem seus rancores e os verdadeiros heróis tomarem a dianteira."

Após uma pausa para que as implicações desse contato infiltrasse em suas mentes, a inteligência artificial concluiu:

"Nós somos *Jade*... Decidam-se!"

NOTA DO AUTOR:

Conto originalmente publicado na antologia "Estrelas Inalcançáveis" (LN Editorial, 2020), organizada por Maurício Coelho. O background da história está presente em várias outras (ex: "Caçada no Planeta Duplo", Conexão Literatura n°s 51 e 52). Quem sabe, algum dia todos os contos serão reunidos em um único volume.



BIOGRAFIA:

Paulistano e neto de japoneses nascido em 01/02/1961. Passei a infância imerso nos anos 60. Senti o clima de entusiasmo em relação a "Conquista do Espaço" que hoje não existe mais. Colecionei gibis de terror. Desenhei inúmeros monstros. Assisti aos filmes da Hammer, desenhos da Hanna-Barbera, seriados de Irwin Allen, Jornada nas Estrelas, Ultraman etc. Li os pockets da série *Trevo Negro* de R. F. Lucchetti. Apavorei-me com o episódio *O Monstro Invisível*, de Jonny Quest. Fascinei-me pelo lirismo de Ray Bradbury ao ler uma adaptação em quadrinhos de seu conto "O Lago". Fui um garoto que amava os monstros: sobrenaturais, mitológicos, pré-históricos, abissais ou do espaço, incluindo as criaturas de Ray Harryhausen. Apavoravam-me, mas eram meus amigos. Agraciado com o *Prêmio Jerônimo Monteiro*, promovido pela *Isaac Asimov Magazine* (Ed. Record), pela história *Como a Neve de Maio*. As histórias *Abismo do Tempo* e *O Quinto Cavaleiro* foram contempladas pela revista digital *Conexão Literatura*, de Ademir Pascale, da qual tornei-me colaborador a partir do nº 37. Colaboro também com a revista digital *LiteraLivre*, de Ana Rosenrot. O conto *Ao Teu Dispor* foi premiado na antologia *Crocitar de Lenore* (Ed. Morse). Escrevi: *Limbographia*, *O Olhar de Hirosaki*, *Os Fantasmas de Vênus*, *Sob as Folhas do Ocaso*, *Cinza no Céu*, *Era uma Vez um Outono*, *Vozes e Ecos*, *Através do Abismo*, *Imerso nas Sombras* etc. Participei de mais de duzentas e trinta antologias até o momento. Contato: rschima@bol.com.br. Mais informações: *Google* ou nos links abaixo.

<http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/search?q=schima>

https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22&__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&ref=nb_sb_noss

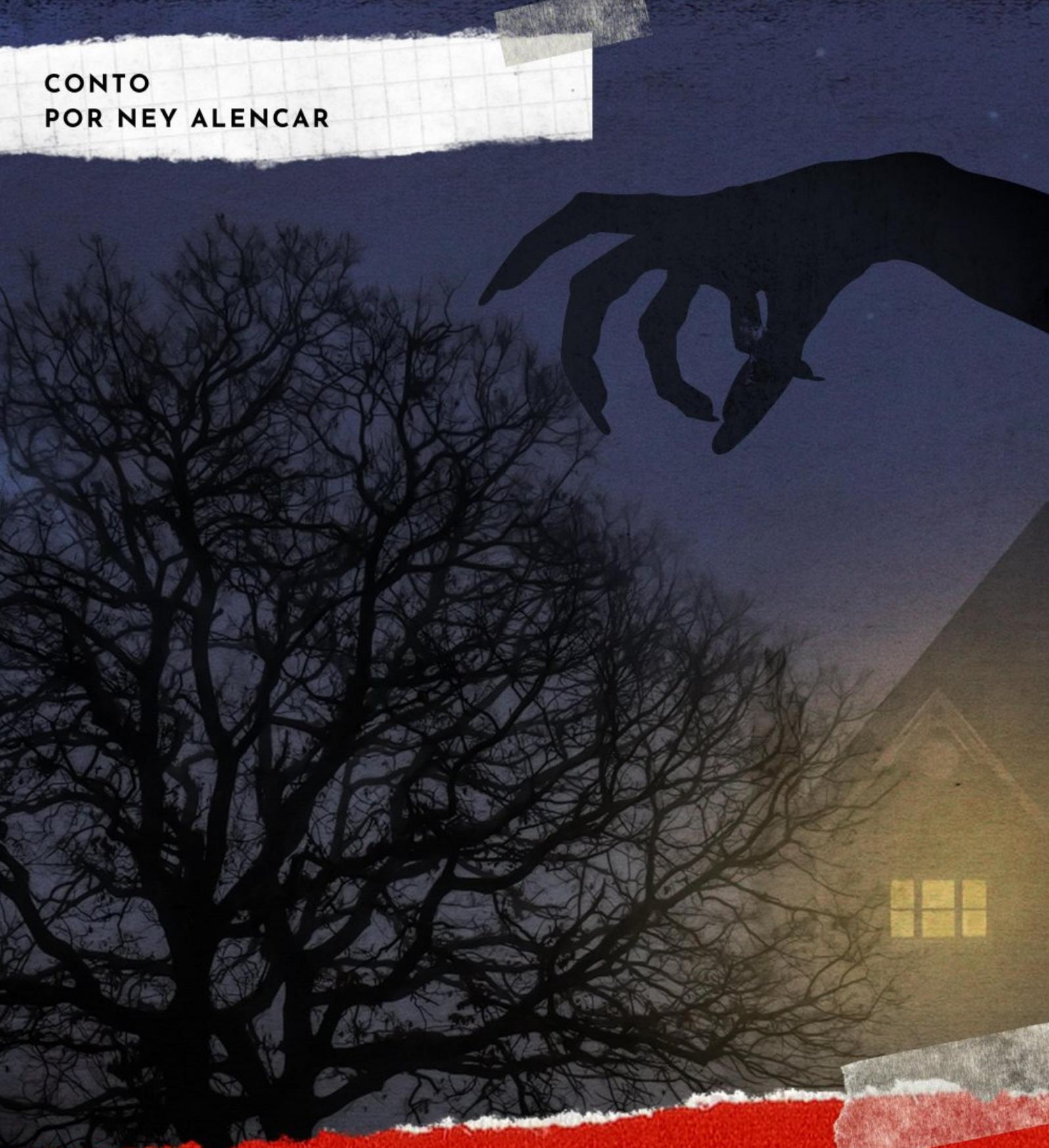
<https://clubedeautores.com.br/livros/autores/roberto-schima>

<https://loja.uiclap.com/autor/roberto-schima/>

<https://www.wattpad.com/user/RobertoSchima>



CONTO
POR NEY ALENCAR



Carnaval de Carne

Incentivo
à leitura

www.revistaconexaoliteratura.com.br

*“Eu tenho saudades da nossa canção
Saudades de roça e sertão.”*

— Bye bye Brasil — letra de Chico Buarque

1970. Recife Velho.

Pelos troncos das algarobas na margem do velho rio o vulto do velho cambaleou e se escondeu.

A sombra esbranquiçada da velha Kombi destacou-se na distância, meio abandonada, a porta entreaberta, os farrapos de roupas jogadas ao lado.

Os olhos esgazeados do velho transmitiam sua loucura em ondas avermelhadas, uma espuma fina escapava dos lábios entreabertos, as mãos crispadas pelas câibras dolorosas retesavam-se fazendo surgir um esgar de fúria em seu rosto encarquilhado.

Sua sanha faminta ainda não estava saciada, via-se pelas veias saltadas em sua fronte sulcada de rugas que balançava intermitente ao sabor do vento que ondulava as águas do rio.

Olhou para a lua gorda que teimava em sair de detrás das nuvens para iluminar seu caminho horrendo e por um momento, dominado pela besta-fera, rugiu um som desprovido de sentido, porém cheio de significados e voltou a correr pelas estradas.

Correr era a única coisa que podia fazer para tentar aplacar aquela coisa indomável que teimava em escapar de sua pele naquelas noites fatídicas.

No salão de baile do bairro distante a noite avançava entre marchinhas e frevos.

O suor misturava-se à gritaria e à dança, corpos pulavam e riam, os confetes grudados na pele luzidia.

O Batuque da banda anunciava a entrada na madrugada, desprezando os arredios conselhos da gente mais velha.

Quelé Bezerra tomou um gole do ponche e mexeu os pés, preocupado.

A bebida amargou na língua e lhe deixou um gosto esquisito na boca, passou a língua pelos lábios, desassossegado.

Olhou em volta procurando Gema.

Ela devia estar ali, sentada na cadeira de canto com a tia, mas ao invés disso já a vira dançando com Sebastião e com outros quatro rapazes.

Desde o natal que vinha procurando um meio de pedir a moça em namoro.

Não tinha coragem de falar com o pai dela sem antes ter certeza de que ela o aceitaria, mas não conseguia falar com ela.

Ela fugia dele, sempre que ele aparecia ela dava um jeito de escapulir.

Não olhava no rosto dele, parecia estar sempre envergonhada, não sabia porquê.

Não entendia esse comportamento esquisito, antes estava sempre cercando ele, querendo conversar, olhando nos olhos, rindo, cochichando com as amigas, agora, depois que passara um tempo estudando no colégio do centro parecia ter mudado, não era mais a mesma.

Subitamente ele a viu saindo das partes escuras do salão, logo atrás vinha o Jadir, um mulato dado a conhecer as moças novinhas e que já havia botado a perder mais de meia dúzia delas, que ele soubesse.

Viu que ela vinha toda vermelha e esbaforida, arrumando o vestido e o cabelo.

O outro desfazia um sorriso de orgulho e lascívia e arrumava o cinto.

Quelé conhecia bem aquele sorriso, já o vira outras vezes quando Jadir se gabava de deflorar alguma moçoila ou mesmo de conspurcar-la com os odiosos gostos que praticava.

Uma onda de ciúme misturado com raiva e sei lá mais o que subiu pelo corpo de Quelé.

Não conseguia mais ficar ali parado vendo ela fazer aquelas coisas na sua frente.

Estava cansado de ser deixado de lado.

Levantou-se e foi até ela, parou ao lado dela e se preparou para lhe falar.

Ela virou-se e sem nem mesmo olhar no rosto dele segurou em sua mão e puxou-o para o salão, como se fosse apenas mais um desconhecido.

Quelé assustou-se com a impetuosidade da moça, mas não se opôs, seguiu-a e começaram a dançar, quase esquecendo o que vira momentos antes.

Fungou o pescocinho macio sentindo o perfume forte, e algo mais, um cheiro cevado e peculiar, conhecido, mas que teimava em lhe escapar, conhecia-o não se lembrava de onde.

Ela não o olhava nos olhos, parecia querer fugir de seu olhar, como se tivesse alguma coisa a esconder.

Súbito ele sentiu um pingo visguento e grumoso nos cabelos arruivados logo acima da orelha branca de Gema. Uma gota vergonhosa!

Um susto e uma careta de nojo transfiguraram seu rosto de supetão ao identificar o eflúvio lúbrico, esbranquiçado, que conspurcava os cabelos da moça.

Afastou-se com um repelão de desgosto e tomou a direção da porta.

Ela assustou-se com o gesto imprevisto, olhou para o moço que a largara e percebendo que era Quelé seu rosto afoagueou-se com culpa e arrependimento.

Ele estava indo embora! Onde estava com a cabeça ao se deixar levar pelos conselhos de Flávia? Porque havia deixado que Jadir fizesse aquelas coisas odiosas? Será que precisava de tudo aquilo para conquistar aquele que ela queria? Será que Quelé iria gostar dela depois que soubesse o que fizera e deixara fazerem?

Lágrimas brotaram em seus olhos esverdeados e um nó grosso surgiu em sua garganta, marcado pelo gosto salgado daquele ato devasso.

Correu atrás de Quelé, saindo porta a fora, a madrugada fria grassava desperta.

Procurou-o com os olhos marejados, soluçando.

Queria pedir perdão, queria suplicar-lhe absolvição pelos pecados luxuriosos que havia cometido e pelos atos profanos que havia deixado praticarem consigo.

Queria implorar-lhe a misericórdia de seu amor!

Viu o vulto dele que se afastava de cabeça baixa e ombros caídos, distante já, quase oculto pelas sombras altas das casas funestas.

O coraçãozinho novo bateu descompassado em seu peito, era como se quisesse sair para fora e gritar todo aquele sentimento terrível que a sufocava há tanto tempo.

Expurgar aqueles pecaminosos atos concupiscentes!

Correu e o alcançou três casas adiante, bem na entrada da esquina do Cruzeiro!

Pegou-o pelo braço e puxou-o.

Somente então se deu conta de que aquele não era Quelé!

O homem voltou-se para ela, os olhos brilhando com uma loucura flamejante, a boca larga espumando demência, os dedos crispados como garras.

O rosto era uma máscara animalesca de voracidade e voluptuosidade.

O odor repulsivo e almiscarado que saía de sua pele áspera e arrepiada era como o de um animal selvagem.

Gema sentiu as pernas tornarem-se chumbo, os pés presos ao chão sem conseguir dar nenhum passo, a paralisia fez descair os braços ao longo do corpo.

O hálito nauseabundo daquela coisa menos que humana bafejou sobre seu rosto quase a fazendo desmaiar e ela sentiu o coração bater em um último alento.

Naqueles segundos horrendos e perdidos, pouco antes do velho pular sobre ela e penetrar sua pele alva com os dentes amarelados e blasfemos ela arrependeu-se de tudo o que havia feito na ânsia vã de conquistar aquele que um dia fora seu grande amor!

Então abandonou-se naqueles braços peludos e desalmados e com um suspiro expirou.

Depois de banquetear-se com aquela frágil alma a sombra do velho uivou para a lua gorda, que horrorizada tentava se esconder atrás de nuvens negras, correu pela noite e sumiu-se lá pros lados do Sertão do Pajeú.



Ney Alencar é natural de Recife-PE. Radicado em Osasco desde 2013. Professor, Pintor e Psicopedagogo. Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira nº 0596. Membro da Associação Internacional de Escritores Independentes e Membro da Academia Independente de Letras de São João – PE. Possui 160 contos publicados em 37 e-books e em 56 antologias. Possui 04 Romances publicados.

CONTO
POR NEY ALENCAR



Contrato com Devel

Incentivo
à leitura

www.revistaconexaoliteratura.com.br

“Sei que alguém vai me perguntar: ‘Você realmente quer, a esta hora do dia, reapresentar nosso velho amigo, o diabo — com cascos, chifres e tudo mais?’ Bem, o que a hora do dia tem a ver com isso eu não sei. E não sou exigente quanto a cascos e chifres.”

C.S. Lewis

Eu já fui um caçador de recompensas!
 Sim, foi no início, antes de me tornar detetive.
 Peguei alguns fugitivos difíceis e alguns realmente monstruosos, mas teve um que me deu muito trabalho.

Seu nome era Sonovaldo Sondersson, um homem esperto demais!

Com apenas uma caneta e uma boa história ele conseguiu se livrar do pai de sua esposa, apenas dois dias depois de se casar, para que ela recebesse uma herança multimilionária, pois a vítima era ninguém menos que Rufus Beldford, um dos magnatas de minério de Magebot!

A história era muito boa! Eu mesmo quase acreditei nela quando me contaram.

Algo sobre uma maldição de um deus antigo chamado Devel, que veio cobrar uma dívida, um estranho e blasfemo deus alienígena do qual ninguém ouvira falar.

Veio cobrar a assinatura da vítima em um contrato que tinha dado riqueza e poder em troca de sua assim chamada alma imortal!

Ora, eu mesmo nunca entendi a obsessão que os terranos tem pela posse de uma alma imortal. Um objeto imaterial sem valor no mercado de ações e títulos.

Em suas histórias elas vivem vendendo e comprando essas coisas, e elas nem mesmo podem ser vistas ou medidas, na realidade não se tem certeza de que existem de verdade. É o que chamam de paradoxo da fé!

Mas eles as adoram e passam a vida lutando para manter uma coisa tão intangível e incorpórea! Diria mesmo que era indecifrável!

Bem, neste caso a caneta serviu para redigir uma carta contando a história do tal contrato, pouco antes da vítima colocar uma bala em sua cabeça com uma daquelas relíquias terranas que eles chamavam de revólveres.

Tudo teria corrido bem para Sonovaldo se, e nestes casos sempre existe um se, o ângulo da bala e os resíduos de pólvora em sua mão não contassem uma história diferente.

Ele não conhecia o princípio da explosão da arma que usara, estava acostumado com as armas de raios que não deixam resíduos na mão do atirador, esta porém era diferente.

Os resíduos em sua mão foram a prova que faltava para fechar o caso e o detetive Somar, um gorgifiliano muito competente oriundo do sistema de Korrör, logo uniu os pontos e pediu a prisão de Sonovaldo.

Ele escapou!

Pulou de mundo em mundo e conseguiu desaparecer por quase dez anos.

Nessa época eu estava começando no negócio das recompensas, recém saído da academia militar.

Estava em um bar escuro e escondido, em um dos becos estreitos de um dos distritos de Magebot, em um dos níveis mais sórdidos, esperando pacientemente pelas minhas presas, quando ouvi, quase sem querer, sobre seu paradeiro em Xantera.

Realmente um achado!

Fui imediatamente para lá.

A recompensa pela cabeça do homem fora colocada pela filha de sua vítima, sua ex esposa, e continha mais zeros do que eu podia contar. Um tesouro mesmo!

O foguete me deixou na capital de Perdiz, a fabulosa cidade de Ghon!

Em dois dias descobri o paradeiro de Sonovaldo.

Havia escapado para uma das vilas na borda da floresta de Ruta, uma das comunidades terranas na área do noroeste da mata.

Um lugar sem lei!

Pelo menos eu pensava assim, mas estava errado, o que vim a descobrir mais tarde.

Levei um dia inteiro para chegar lá.

Não era grande, devia ter no máximo quinhentos habitantes entre terranos, chondártas e outras raças staxianas, vi um gorgifiliano e um zoh'lian, o que era uma raridade.

As ruas eram largas e de terra batida.

As casas eram de madeira e pedra, construídas no estilo clássico da Nova Terra, com telhados aduncos e portas e janelas retangulares, havia uma beleza intrínseca ali, naquelas alamedas cheias de árvores e cercas brancas com quintais bem arrumados.

Uma calma e quietude que não encontrei em nenhum outro lugar.

Mas diziam que Xantera era assim mesmo, ímpar entre as estrelas do Stax.

Procurei o xerife do lugar.

Sua casa ficava na beira da mata, era um chondárta alto e de pelo negro chamuscado de cinza, talvez pela idade.

Os olhos eram bem vivos e pretos.

Ele não gostou quando me viu.

Caçadores de recompensa geralmente nunca eram bem-vindos.

A inimizade entre nós era quase palpável.

Eu sorri tentando ser amigável, ele não correspondeu.

Fui direto ao assunto:

— Estou procurando este homem. — falei mostrando uma fotografia de Sonovaldo.

Ele olhou e um dos cantos da boca de lábios grossos levantou-se

— O que ele fez?

— Ele é procurado por homicídio em Nova Terra. — expliquei.

Ele me deu as costas e procurou em um móvel até encontrar o que queria, voltou-se e me entregou uma folha amarelada.

— Ele está neste endereço, fica perto do fim da grande avenida, do outro lado da cidade. Pegue-o e deixe a cidade.

Agradei com um aceno.

Cinianos e chondártas eram inimigos raciais! Dificilmente poderia haver qualquer amizade entre nós, mas eu sempre gostei de pensar que se tivesse uma oportunidade poderia tentar. Talvez outro dia!

Atravessei a cidade devagar.

Ninguém prestava atenção à mim, mas eu sentia que estava sendo observado, olhei para trás duas vezes, mas não havia ninguém.

Cheguei na frente da casa.

Era pequena e bonita, pintada de verde, com portas e janelas brancas e telhado vermelho, uma cerca pintada de azul claro delimitava seu terreno, não havia nenhum veículo ali, nem nas imediações.

Abri o portão e entrei, bati na porta e esperei.

Tinha uma sensação estranha de que algo iria acontecer, mas não sabia o que era, isso me preocupava.

Talvez Sonovaldo tenha me visto e preparado uma armadilha, não sei.

Ouvi um barulho dentro da casa, algo caindo ou quebrando.

Então sentiu um odor diferente, que não estava ali antes, surgira de repente.

Um cheiro de enxofre, forte e denso.

Tentei abrir a porta, mas estava fechada.

Corri para o lado da casa, saquei minha pistola bruxiana, o contato com o metal frio do cabo me deu confiança.

A porta dos fundos estava semiaberta, entrei.

A cena com a qual me deparei até hoje está gravada em minha memória, não consigo esquecê-la.

Talvez porque fosse tão irreal e fantástica que mesmo depois de todos esses anos eu ainda acredite eu o que vi foi apenas uma encenação bem feita, como um truque de mágica, como os terranos costumam dizer.

O fato é que aquilo me pegou de surpresa e sequer tive tempo ou vontade para agir.

No meio da sala de estar vi Sonovaldo, paralisado de medo, o horror estava estampado em sua face lívida, seus olhos pareciam mesmerizados e incapazes de se mover do rosto daquele que estava à sua frente.

Ele tentava dizer alguma coisa, mas seus lábios mal conseguiam murmurar qualquer palavra desconexa.

Diante dele estava outro homem, ou pelo menos parecia ser um homem, porém a pele era de um vermelho sangue muito vivo, possuía chifres que cresciam de sua testa, porém não tinha cabelos.

Tinha um cavanhaque preto e um sorriso mordaz nos lábios finos.

O rosto era aquilino e detinha uma beleza fulgurante, como nunca antes vira em nenhum terrano.

Vestia-se com o que os terranos chamavam de terno, preto, e pude ver que possuía uma cauda com uma ponta semelhante à de uma flecha que serpenteava e estalava no ar.

Não usava sapatos, pois tinha cascos no lugar destes.

Quando entrei nenhum deles sequer olhou para mim, percebi o terror que fazia o corpo de Sonovaldo tremer incontrolavelmente e eu mesmo fui acometido de um arrepio desagradável e intimidante, mas não fugi nem me afastei.

Súbito o homem de vermelho falou uma frase e em seguida tanto ele como Sonovaldo desapareceram no espocar de uma explosão de enxofre.

Ainda estarecido com o que presenciara tentei encontrar quaisquer vestígios de ambos, mas nada restara, nem sequer um átomo.

A frase que o homem disse, porém, foi o que me fez acreditar que afinal Sonovaldo havia provado de seu próprio remédio, pois havia desafiado aquele deus alienígena e a entidade viera cobrar seu preço e foi isso que ela dissera:

— Você me fez perder uma alma, cujo contrato estava válido e em dia, portanto deve me pagar com a sua própria, como de praxe nesses assuntos!



Ney Alencar é natural de Recife-PE. Radicado em Osasco desde 2013. Professor, Pintor e Psicopedagogo. Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira nº 0596. Membro da Associação Internacional de Escritores Independentes e Membro da Academia Independente de Letras de São João – PE. Possui 160 contos publicados em 37 e-books e em 56 antologias. Possui 04 Romances publicados.



CONTO
POR NEY ALENCAR

Le Maudite

Incentivo
à leitura

www.revistaconexaoliteratura.com.br

Le Maudite
“Se você fosse sincera
Oh, oh, oh, Aurora
Veja só que bom que era
Oh, oh, oh, Aurora.”

— Aurora, Mário Lago

1950. Recife Velho. Sábado de Carnaval.

Sinhazinha Elizabeta ainda se lembrava do gosto de pitanga dos lábios de Jerônimo Aureliano!
Se lembrava como se fosse ontem e já se haviam passado mais de cinquenta anos desde que o vira pela última vez.

Não conseguia esquecer.

O gingado sensual, o aperto daqueles dedos grosso e lascivos, isso somente já a fazia quase desmaiar.

Seu porte forte e parrudo, o rosto mulato, os cabelos longos e lisos, a camisa aberta mostrando o peito bronzeado sobre o qual vinham as contas pretas, vermelhas e verdes da guia de Ogum!

Os olhos, aqueles olhos negros e sem fundo que a faziam perder-se dentro deles como se fossem lagos profundos, não conseguia esquecê-los.

A última vez que dançaram ele a havia beijado, como nenhum outro beijara antes, nem depois!

Era aquele gosto que não esquecia!

Nunca! Durante toda a vida esta havia sido a única certeza que tinha.

Soubera depois que ele havia morrido, assassinado com vários tiros no peito, na frente do Café Elísio, na madrugada daquela noite encantada.

Naquela mesma madrugada em que ela dormira pensando nele.

Se arrepentia de não ter se entregado à ele! Um desejo estranho a consumia!

A música do salão ecoou mais alto.

As batidas da música fizeram seu coração palpitar mais forte.

Súbito ela o viu na pista à sua frente.

O corpo esguio e alto, a pele da cor do melão escuro brilhando na luz do salão.

O terno de linho branco e asseado, o chapéu panamá caído na testa contrastavam o tom.

Os sapatos pretos e vermelhos de solado de madeira batiam no assoalho com força no ritmo da música.

Os cabelos eram os mesmos, o rosto não mudara nada.

Os olhos eram ainda aqueles poços negros que a encantaram quando a fitaram ainda que apenas por um momento e ele fez um gesto, uma cosia insignificante que a abalou profundamente.

Tocou a aba do chapéu em um sinal de reconhecimento.

Sorriu!

Ela jamais esqueceria aquele sorriso, era ele! Só podia ser.

Mas ele havia morrido! Ouvira histórias, contos da carochinha de pessoas que diziam tê-lo visto andando pela cidade, mas nunca acreditara neles.

Alguns o chamavam de Le Maudite!

Viu que ele dançava com uma moça, jovem e bonita! Como ela fora um dia!
Sentiu ciúmes, afinal Jerônimo era somente dela! Não devia pertencer à outra.

Um alvoroço quebrou o momento.

Um rapaz alto e forte abriu a roda de dança e puxou a moça dos braços do mulato com um safanão forte.

— Quem é que você pensa que é para dançar com minha noiva, seu cabra?

Elizabeta levantou-se e chegou mais perto.

Jerônimo Aureliano, que na noite escura e nos becos e ruas descalças era chamado de negro Lauro, levantou o rosto lúcido e deu um sorriso debochado, mostrando os dentes brancos e perfeitos.

— Pois me parece que ela estava gostando mais da minha ginga que da sua dança frouxa, seu moço! — o tom de voz fez o rapaz ficar vermelho até a raiz dos cabelos.

Num rompante de fúria pulou em cima do homem.

Jerônimo tirou os sapatos calmamente.

Desviou-se da investida como um toureiro livrando-se de um touro bravo.

Então gingou de novo e desnor-teou o rapaz, escapulindo de seus socos vazios, rápido como um raio, deu um rabo de arraia na cabeça do rapaz derrubando-o com um som oco, como coco maduro caindo do pé.

O outro bateu com o corpo no chão com um barulho de coisa quebrando e não se levantou mais.

O chão do salão molhou-se com um filete de sangue!

O mulato olhou com desprezo o corpo caído e cuspiu sobre ele.

— Está finda minha vindita! Acabou-se o último Malta!

Elizabeta lembrou-se de que diziam que havia sido Chico Malta, um malandro daquela época que havia assassinado Jerônimo. Fora isso então que viera fazer!

Subitamente olhou ao redor e não o viu mais no salão, sumira sem deixar vestígios.

Com medo de nunca mais tornar a vê-lo Elizabeta saiu correndo para a rua.

Lembrou-se que já era madrugada de carnaval!

A rua deserta à sua frente estava tomada por uma neblina fria, como se fosse inverno.

Escutou o barulho cadenciado de passos de saltos de sapato de madeira descendo pela rua em dia direção, estalando pelos paralelepípedos.

O vulto que vinha gingando era impossível de esquecer!

Um vento frio correu pela rua, levantando as folhas e trazendo um calafrio que arrepiou Sinhazinha Elizabeta até os ossos.

Sabia que não estava diante de gente viva! Mas não podia parar de pensar naquele Jerônimo que conhecera.

O vulto parado à sua frente olhou-a nos olhos e sorriu, estendeu-lhe a mão grossa.

Ela não olhou para trás, apenas pegou aquela mão fria e entrou na neblina da madrugada.

Nunca mais foi vista, mas dizem as boas senhoras que se reúnem pelas praças que às vezes, nas noites de carnaval seu vulto é visto bailando pelos salões mais escuros.

Bailando nos braços do negro Lauro!



Ney Alencar é natural de Recife-PE. Radicado em Osasco desde 2013. Professor, Pintor e Psicopedagogo. Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira nº 0596. Membro da Associação Internacional de Escritores Independentes e Membro da Academia Independente de Letras de São João – PE. Possui 160 contos publicados em 37 e-books e em 56 antologias. Possui 04 Romances publicados.



CONTO
POR B. B. JENITEZ

O Berço do Tempo

Incentivo
à leitura

www.revistaconexaoliteratura.com.br

Como todos bem sabem, eu tenho uma máquina espaço-temporal multiversal pelo menos desde 1990. Nessa época, ganhei o *Prêmio Nova* organizado por Roberto de Souza Causo por descrever minhas aventuras com o Major no conto *Projeto Mulah de Tróia*. Meu querido amigo, o Major, chamava a máquina de Berço temporal, um nome que nunca entendi muito bem, mas que era aplicado à máquina desde o início do Projeto Americano-Israelense-Brasileiro (AIB) de viagens espaço-temporais.

Sim, de início o Berço não era meu, mas do consórcio AIB. Mas o Major percebeu que o Berço estava para ser usado como arma de guerra temporal e isto lhe pesou na consciência. Ele resolveu fugir com o Berço e criar um Paradoxo temporal do tipo *Bootstrap*, ou seja, a existência do Berço se tornou um *loop* temporal. Desse modo, todos os eventos que levaram a construção do Berço foram apagados da História, o projeto AIB nunca existiu, e o Major ficou de posse permanente do Berço.

Finalmente, o Major me procurou quando estava muito doente pois eu era um escritor famoso que havia publicado vários livros sobre viagens no tempo. Ele me deixou a localização do Berço e a senha de partida. Mas para tomar posse dele tive que lutar contra nazistas habitantes das sete cidades de Agarthá que possuíam discos voadores. Ah, sim, não os confundir com os pretensos nazistas que habitariam a Terra Oca com entrada na Antártida, pois essa informação é totalmente inverídica. Na Terra Oca existem apenas velociraptors inteligentes, como bem revelou Jules Verne em seu livro secreto *Viagem ao Centro da Terra 2*. Bases nazistas existem apenas em túneis na cordilheira andina e em cavernas marcianas.

Assim, fiquei com a posse do Berço temporal de forma permanente. Depois de várias aventuras, relatadas em meu livro *Projeto Mulah de Tróia 2*, eu deixei que meu filho Raphael explorasse o potencial do Berço. Ele se dedicou a isso durante vários anos, criando uma rede de contatos entre todos os Raphael-*n* e Jenitez-*n* do Multiverso.

Um dia Raphael, ou Raphael-66 se queremos identificar o meu universo no Multiverso, me chamou pelo *q*-celular:

— Pai, preciso de sua ajuda para uma batalha temporal...

— Raphael, você tem pelo menos trezentos irmãos-clones no Multiverso!

— Já conversei com eles e eles vão me ajudar! Tem também uns trezentos Leonardos-*n*, trezentas Marianas-*n* e Julianas-*n*, trezentos João Pedro-*n* e Cauês-*n*.

Entre clones, irmãos e cunhados, contei quase mil e oitocentas pessoas. Comigo chegaria a dois mil e cem indivíduos.

— Que raio de batalha temporal é esta, Raphael?

— Daquelas que se morre, pai!

— Não somos combatentes, meu filho...

— Na verdade somos, desde que explodimos aquela base nazista na caverna marciana.

— Oras, isso faz tanto tempo!

— Eles não esqueceram, pai! Perderam na época o protótipo de um Berço temporal, que eles chamam de Sino nazista. Mas em outros universos a pesquisa deles continuou, e parece que agora estão próximos de finalizar os Berços.

— Esses nazistas são militares, filho. Na época vencemos por pura sorte e efeito surpresa. Agora eles estão preparados e não vai ser dois mil civis que irão vencê-los.

— Você não entendeu, pai. Eu não quero vencê-los hoje, mas ontem. Equipes de sete pessoas por berço, como da outra vez. Mas agora usando o Paradoxo do Avô...

— Estou começando a entender. Mas não corremos o risco de também sermos atacados temporalmente?

— Nós espionamos essas bases no tempo, sabemos em que momento os Berços foram finalizados e como destruir não apenas os Sinos como os projetos, o conhecimento para construí-los. Se for necessário, até sabemos que cientistas e engenheiros devemos matar...

— E eles não poderiam fazer o mesmo conosco?

— Tanto você como eu temos usado o Berço de forma muito discreta e mesmo secreta. Só tem um ponto da História que eles conhecem a localização do nosso Berço.

— Onde?

— Pouco depois da morte do Major, quando levaram o Berço para aquela cidade Agarthiana dentro do túnel na cordilheira Andina onde você o pegou finalmente.

— Na verdade, não sabem. Pois eu usei um *loop* temporal com *Bootstrap*, de modo que não apenas eles ficaram de mãos vazias como até se esqueceram da existência do Berço.

— Então estamos melhor ainda, pai! Mas tem que ser um ataque coordenado, com a destruição de todos os Sinos nazistas ao mesmo tempo e esquecimento por *Bootstrap* de sua própria origem.

— Coordenar duas mil e cem pessoas não vai ser fácil...

— É por isso que é uma verdadeira batalha espaço-temporal multiversal, não uma guerrinha...

oooOOOooo

Uma batalha temporal é uma coisa difícil de planejar e coordenar. Nas batalhas e guerras comuns, você precisa apenas se preocupar com os movimentos futuros do inimigo. Em uma batalha temporal, o inimigo pode viajar para o passado e te sabotar ou matar gente importante para o estado presente ou futuro. Pode também viajar para o futuro, e verificar o efeito das diversas táticas usadas pelos dois lados.

De forma mais radical, o lado antagônico pode manipular os acontecimentos de tal maneira que você pode perder a noção de que uma verdadeira batalha esteja ocorrendo. Isso porque, como sempre nos lembram os físicos, o tempo é como um fluido turbulento e caótico. Qualquer mínima mudança pode afetar todo o transcurso dos acontecimentos.

Ou seja, com toda probabilidade, quem ganha uma batalha temporal é quem faz o primeiro movimento para o passado e destrói as máquinas do tempo do adversário, ou mesmo as apaga de suas mentes. E era isso que Raphael estava propondo. Acabei concordando com a situação toda e, junto com ele, fizemos uma reunião por *q*-Meet com todos os cerca de trezentos Jenitez-*n*, Raphael-*n* e demais familiares do Multiverso. Fomos informados que em alguns universos o Berço nunca fora construído, em outros a conspiração nazista não existia, ainda em outros a família não estava completa.

No total, conseguimos juntar exatamente duzentos e sessenta e sete Berços com tripulação completa. Mas haviam sido detectados apenas duzentas e quarenta e dois universos com conspirações nazistas. Assim, sobraram vinte e cinco Berços de apoio, que ficaram de reserva.

Toda a nossa operação dependia de um único fator: de que, em nossos duzentos e sessenta e sete universos, em nenhum deles os nazistas saberiam de nossa presença. Mas havia uma exceção: justo em nosso universo $n = 66$, anos atrás, eu, meus filhos e genros, havíamos realizado uma missão para explodir uma base marciana em uma caverna em Marte. Fomos incentivados a fazer isso por nosso amigo Jacob, espião israelense infiltrado no movimento nazista. Na época, não sabíamos de nenhum Berço temporal nazista, mas, ao sabotar a base deles, encontramos um protótipo dele, um Sino em construção. Explodimos a tal base com minas-temporais e voamos para casa. Pergunta: saberiam eles que nossa nave era um Berço temporal ou pensariam que era apenas um análogo ultra-rápido de seus discos voadores?

Em cada universo, as equipes se preparavam a batalha, com planejamento muito similar: uma viagem espaço-temporal para o momento na história em que cada Berço nazista estava sendo idealizado, uma pequena bomba de antimatéria e pouca compaixão ou piedade para com os cientistas e engenheiros. Estávamos animados: se os nazis soubessem de nós, já teriam atacado de forma retroativa. Como isso não ocorrera ainda, estávamos (por enquanto) salvos. Por enquanto? Desculpem, é difícil usar formas verbais quando passado, presente e futuro se confundem.

oooOOOooo

Designamos nossos vinte e cinco Berços extra para fazer espionagem, ou seja, vigiarem as bases nazistas. Era pouco. Mas viajando para frente e para trás no tempo, conseguiram vigiar todas as bases. Eles nos informaram de algo que já desconfiávamos. Os nazistas tinham acesso a comunicação por q -celular, ou seja, entre universos. Então, eles poderiam também se organizar em rede e comunicar entre si de imediato caso alguma base fosse atacada.

Nossa única vantagem era que os nazistas não sabiam de nosso ataque preventivo. Sim, eu sei, ataques preventivos não têm uma base ética muito forte. Eu me justifico lembrando que esses nazistas já quiseram, em outra oportunidade, roubar e usar o Berço para levar bombas atômicas para Hitler. Na verdade, conseguiram isso, mudando todo o fluxo histórico de um certo universo. Felizmente, o chefe do programa atômico de Hitler, Werner Heisenberg, deu um jeito de desacelerar o processo até que os aliados fizessem a sua versão da bomba.

Fizemos uma reunião com todos os participantes. Nela, Raphael-66 mostrou uma rede, organizada por ele com os outros Raphael- n , que indicava em um tablado o status de todos os Berços- n : se algo acontecesse com um dado Berço, a cor dele passava de verde para vermelho. Aproveitei e conversei longamente com meus filhos Mariana-66, Juliana-66, Leonardo-66 e meus genros Cauê-66 e João Pedro-66. Cada um deles tinha uma função específica no controle de um Berço, de Navegação, Computação, Física, Medicina e mesmo Alimentação. Estávamos todos ansiosos embora, aparentemente, não

havia perigos na missão. É que ela envolvia matar gente, mesmo que fossem nazistas radicais desejosos de dominar nossos universos.

E foi assim que, depois de uma assembleia virtual para checagem final, duzentos e sessenta e sete Berços foram ativados, pairando suavemente sobre o piso das duzentas e sessenta e sete cavernas secretas situadas em Jardinópolis-SP-*n*. Em cada um, uma bomba de antimatéria presa em seu casco inferior, compradas no mercado negro multiversal. É claro que, fora o tablado de pequenas luzes verdes, não podíamos nos ver uns aos outros de forma global, apenas podíamos nos comunicar individualmente através de *q*-celulares.

Os motores de energia negativa foram acionados e zumbiram. E, então, flashes azuis e alaranjados ao redor de buracos de minhoca começaram a se abrir na frente de cada Berço. Não sei se a palavra certa é decolar. Cada Berço entrou no seu túnel de minhoca, rumo ao passado, sem percebermos que nosso destino poderia ser trágico.

oooOOOooo

O objetivo primário de cada Berço era viajar para vinte anos antes de onde estávamos agora, quando os primeiros projetos de Sino temporal nazistas começaram a ser iniciados. A espionagem dos Raphael-*n* descobrira que, infelizmente, tudo começara com um conto meu!

— Sim, pai, toda essa situação começou com o *Projeto Mulah de Tróia* em 1990 — disse Raphael.

— Não entendo. Na época, era apenas uma paródia de ficção científica do autor espanhol J. J. Benitez.

— Sim, mas tudo cresceu quando, na sua aposentadoria, o Major morou em Quetzal-Coatl, cidadezinha peruana perto do túnel que levava a uma das sete cidades de Agartha aliada dos nazistas.

O Major então faleceu e os nazistas roubaram o Berço. Mas eles não possuíam a senha de partida que o Major havia deixado comigo. Mais tarde, eu recuperaria o Berço usando um *loop* temporal, mas a memória de que era possível construir uma máquina do tempo não havia sido totalmente apagada por causa de meu conto e minha conexão com o Major. Isso deu início a uma busca, uma procura por parte dos nazistas por montar um protótipo do Berço.

oooOOOooo

Os sinais verdes dos Berços no tablado sinalizador de Raphael começaram a se tornar vermelhos. Não de forma simultânea, mas pouco a pouco. Era como se os nazistas estivessem capturando ou explodindo nossos Berços, e eu não sabia o que fazer. Se verde, um Berço comunicava que tudo estava bem. Tornado vermelho, a comunicação ficava interrompida de imediato. Estávamos sendo dizimados sem saber o motivo!

Fiquei abalado. Eu considerava aquelas pessoas de outros universos como minha família estendida. Afinal, eram cópias minhas e de meus filhos e genros. O que estava acontecendo afinal?

Pedi para que Raphael acionasse os vinte e cinco Berços espões de reserva para visitar várias das locações onde os Berços tinham se tornado vermelhos. Os relatórios

começaram a chegar dizendo que nenhum Berço havia sido detectado, mas traços de explosões de anti-matéria estavam presentes.

A deleção dos Berços com sinal verde continuava, até que restou apenas o nosso próprio Berço-66. Olhei para meus filhos e eles olharam para mim.

— *Então é assim que se morre em uma batalha temporal* — pensei.

oooOOOooo

O meu conto para a revista *Conexão Literatura* não estava saindo como eu queria. A ideia de uma guerra ou batalha temporal padecia de velhos problemas e paradoxos. Qual seria o adversário a primeiro agir no tempo (o que significa “primeiro”, se você pode viajar no tempo?). Em que momento do tempo ele agiria (de novo, defina momento). Reli o que tinha escrito e me vi um pouco insatisfeito.

De repente, flashes laranjas e azulados começaram a brilhar ao lado de minha janela do escritório. Olhando para fora, vi meu filho Raphael acenando para mim. Saí de casa e fui em direção a ele, curioso.

— Sim, pai, deixa eu te apresentar o Berço do Tempo. Lembra que o Major havia prometido deixá-lo com você antes de morrer, mas nunca cumpriu essa promessa? Estou cumprindo agora.

Toquei a superfície polida do Berço.

— Pois é, por falta de uma prova concreta eu nunca publiquei as histórias do Major...

— Na verdade, pai, você nunca publicou o *Projeto Mulah de Tróia* porque eu voltei no tempo e te sabotei.

— Filho, para que tudo isso?

— Sobre o que você está escrevendo justo agora, pai?

— Bem, sobre uma batalha temporal contra nazistas usando o Berço.

— Pois é, essa batalha não é pura imaginação: ela realmente aconteceu em outras trilhas temporais. Durante a batalha, percebemos que a única forma de vencer seria apagar a existência do Berço da consciência de todos os nazistas. Os Berços que você imaginou terem sido destruídos, com código vermelho, na verdade foram aqueles que pularam para o passado, apagaram a memória do seu livro e viajaram de volta para o futuro.

— Mas por que vocês não combinaram isso com todos, para que pudéssemos guardar a memória dos fatos?

— Porque descobrimos que nossos *q*-comunicadores estavam sendo monitorados pelos nazis. Nossa comunicação seria impossível.

— OK, mas não entendo. Onde estão seus irmãos e cunhados? Onde esteve Jenitez-66 durante esta batalha?

— Você nunca saiu de casa, e meus irmãos nunca viajaram no tempo. Nós, os Raphael-*n*, concluímos que era mais econômico fazer isso.

— Não entendo, filho. Nós ganhamos a batalha?

— Não, não ganhamos.

— Então perdemos?

— Nunca houve uma batalha, pai, ou melhor, ela foi apagada da existência. Os nazis nunca souberam do Berço do Major através do seu livro e, portanto, nunca tiveram a ideia de construir o seu próprio Sino temporal.

— E isso vai ficar assim enquanto eu ficar de boca fechada.

— Sim, pai. Primeiro, você vai ter que apagar este conto que está escrevendo para a *Conexão Literatura* para que nenhum nazista leia no futuro e mande mensagens retroativas.

— Que pena, agora estava começando a gostar dele.

— Não tem pressa, pai. Afinal, quem tem uma máquina do tempo sempre pode apagar o que escreveu...



B. B. Jenitez é o pseudônimo de Osame Kinouchi Filho. Natural de Araraquara - SP, é professor associado no Departamento de Física da FFCLRP - USP. Publicou *O Beijo de Juliana: quatro físicos teóricos conversam sobre crianças, ciências da complexidade, biologia, política, religião e futebol...* (2014) pela Multifoco, *Projeto Mulah de Tróia 2* (KDP, 2020), *Demiurgo* (KDP, 2020), *O Beijo de Juliana 2ª Ed.* (KDP, 2021) e *Ágatha em Todo Lugar em Todo Tempo* (KDP, 2023). Participou de várias antologias: *FCdoB-2010/2011* (Tarja Editorial), *Solarium 3* (Multifoco), *Galáxias Ocultas* (Editora Illuminare), *Teslapunk 3* (Cavalo Café), *Antologia Asimoviana* (Arkanus Editorial), *O Livro da Ficção Científica Brasileira* (Madrepérola), *Estrelas Inalcançáveis* (LN Editorial), *O Espantoso Mundo da Antecipação* (Elemental Editoração), *Passaporte Atemporal* (Editora Carnage) e *Almas Fabricadas* (Madrepérola). @osamekinouchi

CONTO
POR IDICAMPOS



Carne de cavalo

Incentivo
à leitura

www.revistaconexaoliteratura.com.br

O estômago mordida o sujeito, na hora do almoço, em meio ao centro comercial, na rua principal de Mesquita; aquela com uns vasos enormes de cimento, no meio da pista — fruto de acertos, nunca mensurados — dificultando a mobilidade urbana, revelando o uso desastrado do dinheiro público...

O catador de latinhas, morador de rua, cheio de fome, não pensou duas vezes, diante da tabuleta, fincada na calçada, informando: prato feito, carne seca com a abóbora, só R\$ 10,00. Ingressou de pronto, na modesta instalação, apertadinha; composta por três mesinhas, com quatro cadeiras cada.

Solicitou o prato do dia, veio bem servido, transbordando, do tamanho da fome do cara... Ele lambeu os beiços, saciou a barrica com a iguaria; bebeu um copo d'água, genuíno da bica, na temperatura ambiente, no propósito de facilitar a digestão.

Pago o compromisso, junto à velha, sem dentes, proprietária da pensão. Levantou, dobrou a esquina, soltou um arrotto alto que trazia um gosto amargo de capim na boca.

O trabalho permaneceu, cata latinha daqui, separa papelão dali — o tempo dispara rompendo o dia — só não cessa a sequência, ininterrupta, de arrotos; consequência da indigestão na pança do homem, estufada feito couro de bumbo.

Sentou no meio fio, na tentativa de amenizar o mal estar, porém o desconforto era substituído por umas fisgadas no fígado. A dor, aumentou, dominou as vísceras de Elói do Papelão, como o chamavam ali.

Enquanto isso recebia o socorro dos colegas, foi parar no posto de saúde. A Unidade de Pronto Atendimento recebia o trabalhador de braços abertos, prestava o serviço publico; oferecendo ao cidadão o direito à saúde...

O doutor, felizmente, gastroenterologista, especializado em digestão, acolheu o paciente, rapidinho; umas três horas, mais ou menos, de espera... Atendido com destreza, o profissional ministrou vários exames. Prescreveu até endoscopia, enfiando uma borracha goela abaixo no paciente... Filmou o aparelho digestivo, virou de um lado, analisou do outro e nada.

O martírio protagonizava o caso, longe de solução, porque a ciência lavava as mãos, sobrando apenas esperança: o último recurso dos abandonados pelo destino... Tratava-se de mistério, coisa do espírito, doença da psique...

Sacudiu a cabeleira, visitou, na mesma rua, a Igreja de Nossa Senhora, implorando ao padre uma reza forte. O religioso satisfez a vontade do catador, rezou um montão de ave Maria, seguido de incontáveis pais nossos...

Desiludido, caminhou à Avenida José Montes Paixão, adentrando na Igreja Mundial; recebido, generosamente, na oração dos aflitos... Ajoelhou, redimiou os pecados, deixou o nome na corrente de fé...

Enveredou, em outros credos, no entanto, o malefício crescia... O coitado sentia, no momento, umas aflições tipo coices, na porta do intestino, lembrando chute de bico, dentro do corpo.

Aconselhado, no dito popular, procurou o kardecismo, ingressou no Centro Esperança e Caridade, situado próximo dos acontecimentos. Procurou consulta, aceitou um passe, escutando da médium a revelação da moléstia: havia contraído a síndrome do do cavalo doido!

As patadas insistiam, o animal nunca dormia, nem cansava, galopava, loucamente, nas tripas do infeliz... O bicho aproveitava o fato de está morto, jamais perdia o fôlego. Os pontapés eram contínuos, insuportáveis!

O tempo voou, nesta argumentação, amadureceu o relacionamento do cavalo com a vítima. Os interessados entraram num acordo: Elói desistia de lutar contra o sobrenatural e o quadrúpede manearia na sua performance.

Os parceiros encontraram consonância, um gosto comum, mergulharam no jogo, na corrida de cavalos; entretenimento predileto do corcel, mas também atrativo para Elói.

A perícia do cavalo doido, no jóquei clube, enriqueceu a dupla; eles nunca perdiam um páreo, apoiados na destreza da alma exilada nas tripas de Elói... Afinal, o hóspede, no organismo do indivíduo, dominava o psicológico movimentado sobre as ferraduras...

Elói parecia grávido, carregava um barrigão, porém bem sucedido; abandonara o sereno da calçada por uma cobertura na Avenida Atlântica, de frente para o mar de Copacabana.

No final da história, a linha da vida esticou... Elói veio a óbito, montou no cavalo doido, resgatou o carma... Prometeu a si mesmo, caso tivesse uma próxima vida, voltaria vegetariano, abandonaria o hábito de comer carne de cavalo...



Idicampos, Idimarcos Ribeiro Campos é professor de português-literaturas, com pós-graduação em Formação de Leitores, tendo por tema: “Todo mundo gosta de ler, basta lê o quê gosta”. Publicado em periódicos, coletâneas físicas e digitais. Produzindo diferentes gêneros da arte da palavra.

CONTO
POR IRACI J. MARIN



BELLA CIAO

Incentivo
à leitura

www.revistaconexaoliteratura.com.br

— **E**stou ouvindo passos cadenciados.
— Fica quietinha e presta atenção. Depois você me conta.

A flor nascera sobre o monte de terra que guardava um combatente da Resistência. Crescera ali, ouvindo ruídos e segredos. Ao redor, só gramíneas indesejadas. Elas invadiram todos os espaços da terra macia. A flor ficou rodeada por elas e apenas conseguia respirar porque seu caule se alongara acima delas. Era bonita, bem feita de corpo. Várias vezes tentaram arrancá-la. Ao perceber a intenção malévola, murchava completamente, quase desaparecia enrolada em si mesma. Conseguiu sobreviver diversas vezes. Arrancada, teria vida curta onde quer que fosse deixada. Ali era o seu mundo e a sua vida.

Nascera na terra que guardava um desconhecido. Suas raízes por certo chegaram até o morto, que tivera azar. Estava sozinho numa averiguação do lugar, que conhecia bem, e foi cercado pelos homens de coturno. Vivera na região durante muitos anos, sofrera como um cão para sobreviver. Meio a contragosto do pai, se ofereceu para ajudar a libertar a região e o país da onda indesejada. Não suportava ver desenhado nas paredes das casas ou em panos pendurados em varas o feixe de lenha com uma machadinha na ponta. Não podia ver aquilo sem se irritar e sem nada fazer. Sabia o que significava e o que poderia acontecer com todos se eles dominassem a pátria.

A flor desabrochava e se destacava por sua coloração amarela no meio da vegetação bruta. Podia ser um símbolo de alguma coisa, mas era só uma flor.

Certo dia, ouviu um gemido. Levantou a atenção, perscrutou ao redor e nada percebeu de diferente. Então falou:

— Alguém está sofrendo?

— Eu.

— Não vejo ninguém.

— Olha para baixo, estou aqui.

— Embaixo de mim só tem terra.

— Pois é, estou no meio dela.

Deste dia em diante, os diálogos entre eles se sucederam. Falavam de liberdade, de amor e de tristezas. Falavam também de medos. A flor, de ser pisoteada ou arrancada. O morto, de não ver sua terra livre.

Ele a chamava de *Bella* e imaginava conversar com Sofia, que tinha os cabelos da cor do trigo maduro. Dizia-lhe que ela era a sua flor amarela. Foi por pouco tempo, mas foi um tempo de afagos, de noites coloridas, de respiração doce.

A flor ficava envaidecida com o carinho que vinha do meio da terra. Não encontrava nem sentia algo igual em cima, onde vivia. Na superfície, predominavam gemidos de dor. Ela ficava amedrontada e se encolhia. Animava-se com as conversas que mantinha com o soterrado.

Um dia, quando ele falou *mia Bella*, explodiu de alegria e seu perfume encheu o ar e chegou no fundo da terra. Sorriu de realização.

— É teu perfume, *Bella*?

A flor não respondeu. Falou baixinho que passos cadenciados se aproximavam. Se deitou na terra quente. Ouviu o outro pedir para ela ficar quietinha, prestar atenção e depois contar o que aconteceu.

Eram muitos batendo seus coturnos na terra arrasada.
De repente, um grito agudo:
— Ai!
— O que aconteceu?
Ela não respondeu.
— *Bella*, o que foi?
De novo, não houve resposta.
Ele compreendeu o que tinha acontecido.
Entristecido, sussurrou:
— *Bella ciao!*



IRACI JOSÉ MARIN reside em Caxias do Sul - RS. É professor aposentado e advogado. Publicou obras de ficção e participa de diversas revistas com contos. Também publicou artigos e obras de pesquisa sobre a etnia polonesa. Lançou, em 2021, um livro com histórias para o mundo infantil e juvenil. E-mail: advmarin@gmail.com



CONTO
POR IVETE ROSA DE SOUZA

Entre o céu e o inferno

Incentivo
à leitura

www.revistaconexaoliteratura.com.br

Os humanos caminham por si só. Muitos de nós temos a crença num ser superior. A divindade nos impulsiona a seguir para caminhos mais suportáveis, ou que nos dê a razão de existir. Encontrando aí fé e propósito.

Outros sem crença, ou fé vem ao mundo, sem se saber o que lhe causa repulsa ou até incredulidade, no Divino, na existência de uma alma, ou que outros mundos, fora deste possam existir.

Este era Silvério, que nasceu em meados de 1960, um bebê como todos os outros. O pai um comerciante de pedras, deu ao menino o nome de Augusto Silvério. A mãe não gostou do nome Augusto, o chamava de Silvério, sobrenome de seu esposo, e que tinha grande prestígio na região onde moravam.

O pequeno Silvério era um garoto branquinho e franzino, tinha grandes olhos azuis, cabelos anelados, num castanho claro. O pai não concordava que a mãe, deixasse o filho ter os cabelos compridos. Sendo um homem de negócios, dizia que caía bem ter um filho afeminado. Tamanha era sua raiva, um dia o garoto com apenas cinco anos, teve a cabeça, raspada à navalha. A mulher ficou em prantos, mas aquietou-se, afinal ela era só a esposa, a que servia na casa, e na cama.

A partir daí o menino transformou-se. Antes doce e obediente, passou a ser irascível. Ao ponto de meter medo à mãe com seus ataques de fúria. Ela comentava com o marido, pedia para dar um corretivo ao menino, mas além do marido dizer: —Ele é macho, tem opinião própria. Mulher deixe o menino ser homem, ou você que criar uma maricas.

Assim aos sete, o menino matou os dois gatos da mãe, por nada. Bastava a mãe dar uma bronca, ou corrigir a falta de modos. O menino matou, estripou os animais, e deixou sobre a mesa da cozinha, a empregada viu primeiro, enquanto o menino olhava de fora, pela janela.

O marido nem se incomodou, mas logo teria razões para se arrepender. Era costume na época ter escolas para os comerciantes e outros abastados, enquanto os trabalhadores comuns, mandavam seus filhos para a escola dos Pobres, como diziam os menos afortunados.

Nesta escola tinha uma menina de seus 8 anos, morena, cabelos presos em uma trança perfeita, olhos negros feito jabuticaba, e um sorriso de iluminar a noite mais escura. Ela era o oposto do pequeno diabo, como passou a ser chamado o filho dos Silvério. Gostava de cantar na igreja, de ajudar quem precisasse, até em ajudar as outras crianças que não sabiam ler e escrever.

Andava sozinha por aquelas paragens, montada sobre um burrico. Seus pais eram agricultores, e por muitas vezes levavam suas hortaliças para vender na cidade, ou entregar aos mais nobres em suas casas.

Foi assim que o Augusto e Lúcia se conheceram. Ele se encantou pela menina, dois anos apenas de diferença, agora aos dez, já havia torturado e matado diversos animais. Ela não gostou da cara dele logo de início. Via nos olhos azuis do menino, toda a maldade que transparecia, mas não tinha medo dele.

Depois de conhecer Lúcia o menino parecia ter endireitado. Levantava-se cedo, fazia seus deveres da escola, perguntava à mãe se queria que ele a ajudasse, em quando não tinha aulas, passava o dia na loja do pai.

Lúcia continuou seus estudos, e a professora fez de tudo para conseguir uma bolsa de estudos, para que a menina continuasse a desenvolver seus dons. A menina passou a frequentar a escola de Augusto. Lá ele era conhecido com o “manino diabo”, havia machucado colegas da escola, e fazia o possível para humilhar outros meninos menores, que eram tão ou mais rico que ele.

Mas Lúcia com sua doçura, amoleceu o coração do agora adolescente Silvério. Ela não tinha inimizades, todos os colegas gostavam dela, por ser uma menina que ajudava e estava sempre a disposição para auxiliar, na escrita e leitura.

Mesmo sendo mais nova, que os outros colegas de classe, por ser muito inteligente, pulou duas séries, alcançando a sala de aulas de Augusto. O dia que ela entrou na sala, moreninha de cabelos negros em trança, e seu sorriso largo, deixou a todos admirados. Ela respondia a qualquer questão, não era muito chegada a matemática, mas via-se claramente que tinha conhecimento de todas as matérias.

Augusto a olhava com olhos de amor e cobiça. Nos intervalos entre as aulas, a procurava com o olhar, e a via sorrindo para todos, e não para ele. Quando ele se aproximava dela, o sorriso desvanecia. Foram dois anos de tortura para ele, ela o tratava igual aos demais colegas, não fazia distinção, mas ele achava que ela fazia pouco caso dele.

Houve um campeonato de soletração, a menina e outros dois colegas foram classificados. Augusto ficou possesso. Ele também sabia soletrar, e muito bem por sinal, por que não foi selecionado?

A professora no dia seguinte, recebeu a visita do pai de Augusto. O homem estava vermelho feito uma bola de fogo. Chegou logo dizendo:

— A professorinha pensa que é quem? Como pode dispensar meu filho desse jeito? Coloca uma ninguém para competir e tira meu filho, que estuda aqui desde pequeno?

A mulher assustada, tentou argumentar, mas era impossível enfrentar o dono da rua. E assim Augusto passou a integrar a turma que iria para a competição.

Antes fizeram uma competição interna, e Augusto frente a Lúcia gaguejou, todos riram na sala. Menos a menina. Ela simplesmente o olhou com simpatia e disse: — Calma

Augusto, respire e recomece. Ele se acalmou e continuou, acertando todas as palavras. Quando olhou para Lúcia, o sorriso dela o deixou encantado. O chão pareceu abrir-se sob seus pés, ou era ele que flutuava?

Foram dali a alguns dias, os dois sentados lado a lado, no ônibus escolar. Ensaíram as palavras, em nenhum momento, o menino de 13 anos gaguejou.

Quando retornaram com o troféu para a escola, houve uma grande festa. Os pais de Augusto, providenciaram até banda de música para recepcionar os alunos. Augusto nem sequer agradeceu aos pais, só tinha olhos para a menina.

Ela o considerava apenas um colega nada mais. Ele tentou por várias vezes, convidá-la para tomar um sorvete, ir ao cinema, e ele recusava. Dizia: só tenho 11 anos, quero brincar de bonecas, e ajudar minha mãe em casa.

Para ele era insuportável a rejeição. Mas não insistiu mais. Passados dois anos. Ele iria para a escola militar, o pai tinha um amigo nas forças armadas, e arrumou um jeito de levar Augusto para outra cidade. A menina iria para a escola das irmãs, fazer magistério, que era do lado oposto do quartel militar.

Cinco anos depois, Lúcia voltou a sua cidade natal, soube que nesse interim a mãe de Augusto tinha falecido, e o pai dele estava casado com uma mulher viúva de outro comerciante. Soube apenas que Augusto havia fugido da escola militar e ninguém sabia seu paradeiro.

Começou lecionar na escola dos pobres, que agora era mantida pelo governo, a escola pública. Era adorada, tanto pelos colegas de profissão, e alunos. Tinha um jeito especial com os mais briguentos, ou os que não tinham grande conhecimento com as letras. Não distinguia o melhor ou o pior, todos eram igualmente educados.

Nesta época corria boatos que um homem esfarrapado, de cabelos longos e barba, perambulava pela região. Por vezes, roubava pequenos animais como galinhas. O povo queria saber quem era, e na cidade pequena, isso era um crime grande, uma vez que os cidadãos eram pacíficos, e nunca teve um caso sequer de roubos ou mortes, a não ser por doenças, ou velhice.

Lúcia sentia que era alguém conhecido, mas não desconfiava de quem fosse. Voltando para o sítio, ela viu a figura desgrenhada, ao invés de correr ou ignorar, ela foi até o estranho que permaneceu imóvel até sua chegada.

— Boa tarde, meu senhor, por acaso está com fome? O estranho fez que sim. Então disse ela:

— Vá até o fundo da casa, lá o senhor pode se lavar, depois me chame que lhe darei o que comer. Mesmo estranhando que ele não erguia os olhos para ela, ficou tranquila, algo lhe dizia que ele não lhe faria mal.

O homem caminhou para onde ela apontara. Encontrou um tanque com água limpa, se lavou, ajeitou os trapos que vestia, se sentou à espera da moça. Algum tempo depois ela veio com um prato nas mãos, com bastante comida, um pano branco muito limpo, e talheres; ele comeu calado, depois deixou o prato sobre uma cadeira na varanda. E se foi.

Tornou-se um hábito, ela chegava em casa e olhava ao redor, esperando o estranho maltrapilho, ele aparecia calado, comia e ia embora. Por meses se repetiu a cena, ela não o inquiria, ou debochava, simplesmente aceitava sua visita.

Aconteceu uma grande tragédia, a família Silvério e seu pequeno filho João, foram mortos por bandidos. A cidade toda ficou desolada. Os advogados, procuravam por Augusto, para que ele recebesse sua fortuna. Passou mais de um ano, antes que ele retornasse, à cidade. Muito bem-vestido, cheio de empáfia. O verdadeiro diabo encarnado.

Lúcia foi a primeira pessoa que ele procurou. Ela pressentiu sua presença ao sair da escola. Ele veio, trouxe flores e uma jóia, como se eles fossem namorados. Ela recebeu as flores e agradeceu. Mas a jóia não quis, dizendo que não era afeita a esse tipo de mimo. Ele deu um sorriso amarelo, e se foi. Outras pessoas morreram, na cidade vizinha, diziam ser o andarilho, que já não aparecia a algum tempo.

Lúcia sentia falta do andarilho, tinha pena dele. Um dia ao chegar em casa, viu perto da cerca um homem parado, no mesmo local que o estranho ficava. Ela como sempre solícita, chegou perto e reconheceu Augusto.

— O que faz aqui meu amigo?

Parecia que o tinha acertado com uma pedra, tamanha a fúria que viu em seus olhos.

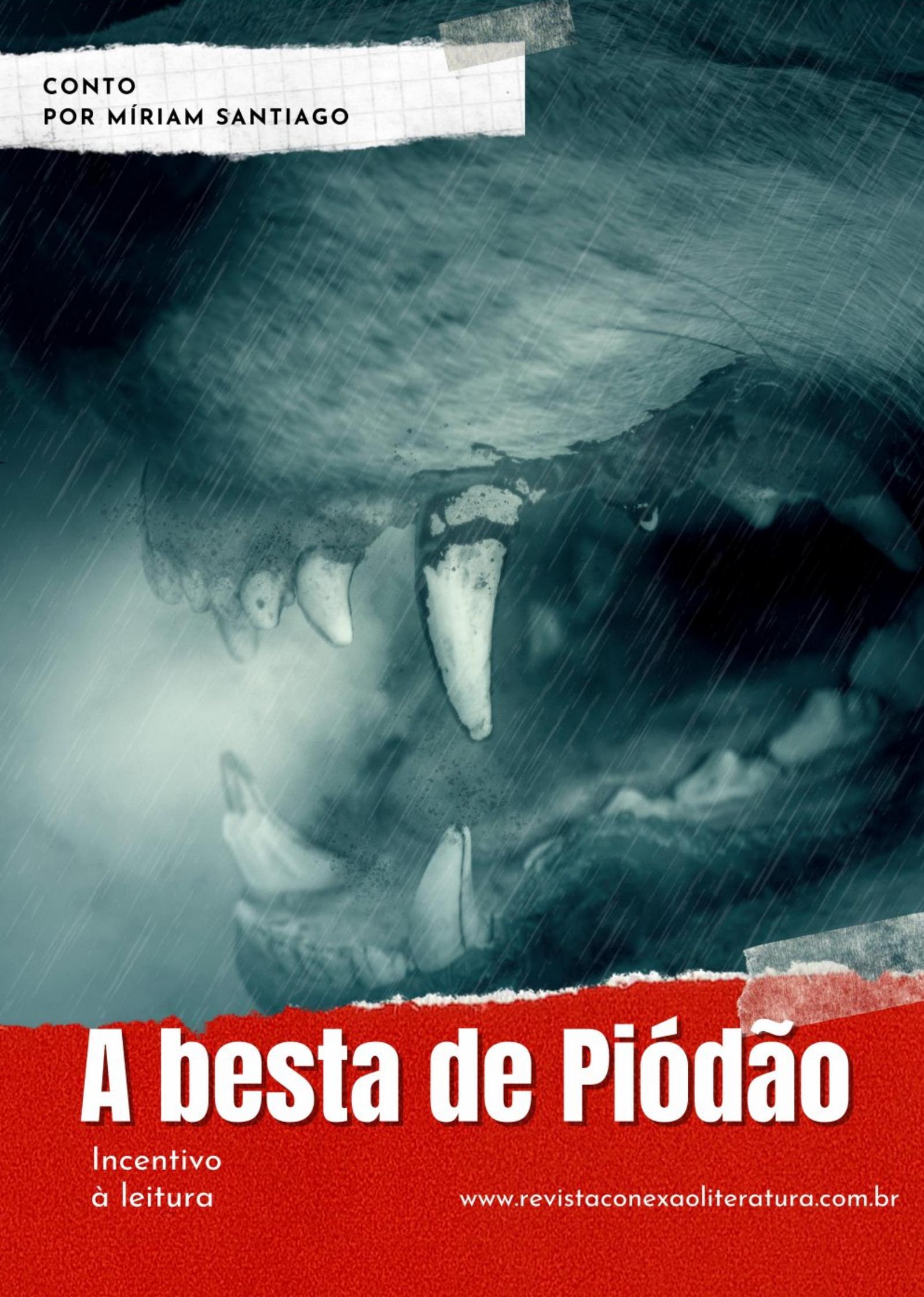
— Pobre só adora pobre, não é Lúcia? Ela sem entender, perguntou:

— O que você quer dizer com isso, Augusto?

Ele retirou do bolso um revólver, e atirou. Um tiro certo no peito de Lúcia. Ela caiu, já desfalecida, ele aproximou-se e descarregou a arma, no rosto da moça. Os pais e dois irmãos a encontraram sem vida. Mas ninguém viu nada, ninguém sabia quem poderia fazer uma barbaridade daquelas. Até que um dos advogados, foi a casa dos Silvério e encontrou o corpo de Augusto, com a cabeça aberta. Ele se suicidara com um tiro que entrou pela boca, estourando seu crânio. E assim todos comentavam, o Menino diabo matou nosso Anjo.

Ivete Rosa de Souza, nasceu em Santo André-SP. Sempre gostou de ler e escrever. Sonho realizado agora na maturidade, com dois livros de poesias e várias participações em antologias poéticas e contos. Descobrimo outras escritas como crônicas, contos de suspense, terror e outros.

CONTO
POR MÍRIAM SANTIAGO



A besta de Piódão

Incentivo
à leitura

www.revistaconexaoliteratura.com.br

O uivo ensurdecedor ecoou mais uma vez invadindo a pequena Piódão, aldeia em Portugal encravada nas montanhas, cujas casas foram construídas com talhos de xisto e telhados em ardósia, pesados e resistentes a ventanias constantes da região. Era noite de lua cheia, e a claridade que iluminava o local mesclava beleza e mistério. Os moradores trancavam as casas e ficavam quietos, reféns do próprio pavor que o som produzia, fazendo-os sentir frágeis e impotentes perante aberração da natureza.

Nessas noites de “lua gorda” ninguém ousava passar pelas tavernas, para que movidos pela embriaguez, a má sorte não lhes tirasse a vida.

E essa rotina permaneceu por anos, sem nenhuma baixa em Piódão, até que o azar cruzou a vida de uma família com seis pessoas, entre uma criança. O cocheiro se perdeu no nevoeiro o caminho para Coimbra e quando deu em si estava à beira da encosta da Serra do Açor, e por ser uma estrada de difícil acesso somente a pé ou a cavalo, a diligência deixou a família para descer até o local caminhando. Andavam com todo cuidado pela estreita estrada curvilínea, subindo e descendo a montanha, mas à medida que se aproximavam da aldeia, o local ficava majestoso.

— Onde está Isabel que não a encontro, disse a mãe Fátima.

— Ela ficou para trás no mato, precisou fazer necessidades, disse a primogênita Rosa.

— Mas que aldeia não se vê ninguém, diz João Augusto, um senhor balzaquiano. A esposa e duas filhas vinham atrás dele junto com o filho caçula. A vila iluminada com lamparina à base de óleo de oliva realçava um lugar fascinante.

— Ei vocês, grita um morador à meia janela aberta. O rapaz com semblante nervoso diz para que saíssem da rua imediatamente. – Está escuro, já é noite e é muito arriscado andar por aí.

— E tem um lugar para que possamos nos abrigar? Acabamos de chegar. Tens alguma sugestão? Diz João Augusto.

— Vou descer e abrir a porta. Minha casa é pequena, verei o que se pode fazer. E Pedro desce rapidamente atrás da chave para que a família entrasse, até que o inevitável para aquelas pessoas aconteceu!

De repente, sem fazer barulho algum, pois veio sorratamente seguindo o grupo, algo se aproxima deles, vem depressa arrastando a terra, seus passos pesados levantam a poeira. Pedro abre a porta, mas o medo foi tamanho que só consegue entrar uma das filhas, Maria Aparecida e Pedro fecha a porta com a tranca.

A mãe bate na porta aos gritos de pavor ao ver em pé uma imagem inacreditável à sabedoria humana. Era muito alto, beirando passar de dois metros de altura, corpo todo peludo e dentes extremamente afiados para fora do focinho. As orelhas em pé, parecidas com as de um cachorro enorme ou um lobo, completavam a criatura, que impressionava ainda mais ao mostrar as garras afiadíssimas. Não deu tempo para nada. A coisa pulou em cima do pai degolando-o instantaneamente. Ao abrir o tórax expondo as vísceras, a mãe caiu ao chão estrebuchando e de tanto se debater, convulsionou, falecendo em poucos minutos, pois era cardíaca.

— Abre a porta, por favor, nos ajude, gritava a irmã mais velha, Rosa, que tinha entre a saia longa a esconder o irmão caçula Ferdinando. Abra senhor, abra, grita apavorada a moça.

Mas do jovem ouviu-se soluços, chorava sem parar ao que acontecia à família, mas ele não teve coragem de abrir a porta e estava a segurar Maria Aparecida que fora de si a tentar tirar a tranca. Num ímpeto, ele deu um soco na moça que caiu desmaiada para que ela não abrisse a porta.

E logo que devorou o pai, a criatura lentamente foi atrás da donzela e da criança que corriam a gritar pela aldeia. Ele não tinha pressa. O monstro caminhava lentamente. Rosa escondeu o irmão e tentou se esconder também, mas o fardo do lobo grande a encontrou facilmente. Assim que se aproximou da bela moça, antes que gritasse, ele a golpeou na garganta abrindo de lado a lado. Caída ao chão, a criatura ficou sobre a presa saboreando seu corpo magro. Farto desistiu da criança, partindo da aldeia rapidamente.

Isabel, tremendo de medo ao ouvir toda a gritaria se escondeu e viu a criatura correr pela mata a subir a montanha. Com muito frio e sem saber ao certo o que tinha acontecido, ficou imóvel sem coragem de sair entre as folhagens. Esperou até amanhecer. Aos primeiros raios de sol, Isabel se pôs a correr pela mata em direção ao vilarejo, que estava em polvorosa. A casa onde o rapaz Pedro salvou sua irmã encontrava-se toda respingada de sangue. Perto do jardim estava o corpo da mãe, que a criatura não tocou, já que morreu por si, não causando interesse. E também uma poça de sangue e os restos do que sobrou do pai, devorado pelo monstro.

Mais adiante os moradores traziam o irmão desfalecido. O padre acolheu os três que sobraram da tragédia. Depois de dois meses Ferdinando faleceu, o garoto de seis anos adoeceu severamente com a morte dos pais, principalmente da irmã mais velha a quem chamava de mãe, já que os pais cuidavam de um pequeno negócio da família e ela da casa e dos irmãos.

Com o passar de quatro anos, Maria Aparecida casara-se com um viajante mudando-se da aldeia. Tentou levar Isabel, que agora aos 18 anos, tinha outros planos. A meiga garota crescera com o coração movido a ódio e vingança. Sabia e previa que conseguiria pôr fim à criatura. O padre tentou persuadi-la, mas não adiantou.

A lua gorda estava a surgir no céu estrelado e Isabel sabia que a criatura apareceria, já que a vila recebera alguns viajantes e o cheiro de “sangue fresco” aguçaria o paladar da besta, fazendo-a sair de sua toca. Então já com um plano em mente a moça o colocaria em prática, mesmo que isso tirasse sua própria vida, era acima de tudo uma questão de honra em memória à sua família. Coberta por feno e pelos de animais para que seu cheiro não fosse sentido pelo licantropo, ela observou os passos da criatura de tocaia em ponto estratégico. O lobo rondou pelo vilarejo, mas tudo em silêncio e todos bem trancados em suas casas, nada havia a devorar.

Isabel aguardava esse momento e friamente seguiu o lobo montanha acima de Piódão, imaginando que ele, em seu estado humano, vivesse em uma cabana não muito longe. Mas seguiu-o próxima demais a colocaria em risco, então, em meio às plantas e árvores ela tentou observar a área da melhor maneira que pode, vendo a criatura à caça de animais nos dias da lua cheia. Mais ousada caminhava durante o dia, até que avistou uma cabana no meio da mata, única naquela imensa área, indicando abrigar o monstro.

Ao término do ciclo da lua cheia Isabel escala a montanha novamente sabendo que não corria mais perigo, contrariando o padre e moradores, que temiam pela vida da jovem e de todos. Fingindo-se perdida e machucada, a moça pede ajuda naquela cabana no meio do nada, depois de dois dias de caminhada, já que o local se situava a certa distância do vilarejo. Abriu a porta um homem de cabelos longos preso, olhos negros e muito alto. Encorpado, ele admirou-se ao ver Isabel se segurando e machucada e a colocou para dentro, sentando-a em uma cadeira.

A cabana era simples e pequena, mas limpa e confortavelmente aquecida com reserva de comida, leite e ovos. O rapaz acudiu a moça e olhando sua beleza, já que vivia solitário e sem contato com ninguém, muito menos uma mulher, sentiu-se atraído por ela, tentando recuperar sua saúde para levá-la embora dali. Se apresentando como Matias, o rapaz não era de muito falar, e deixou-se envolver pela perspicácia da moça, sem nada a perceber do plano de vingança.

O inevitável aconteceu e Isabel deixou-se levar à sedução do desconhecido, pois a todo custo o plano seguia e a vingança seria feita. Atraída por Matias e sua beleza máscula e selvagem, em sete dias vivendo com ele, os dois se amaram e desta forma, deixando-o embriagado de prazer, Isabel conseguiu com que ele tomasse láudano misturado com outra droga, caindo em sono profundo depois de muitas doses. Rapidamente Isabel correu em busca de um grupo de homens, tudo combinado antes, já que esse grupo não era da aldeia, mas conheciam a fúria do monstro e aceitaram participar da captura da besta. Eles alojaram-se em Piódão e subiram a montanha junto à Isabel. Tudo foi meticulosamente estudado por ela antes da próxima lua cheia.

Amarrado e amordaçado, Matias fora levado por esses homens, que o venderam a um circo itinerante, uma espécie de show de horrores muito comum na época. Trancafiado em uma grande jaula em que vivia uma espécie de urso feroz e gigantesco, Matias tornou-se a nova atração do circo, rendendo ao empreendimento muito dinheiro e assim, Isabel pode ter sua vingança e ainda faturar uma quantia razoável.

À primeira lua cheia, o show sem truques chegou ao ápice de público. A transformação da besta e sua ferocidade ao tentar sair da jaula o transformou no espetáculo mais procurado, todos queriam ver de perto o lobisomem se transformar. E assim em cinco meses o circo foi percorrendo a Europa, mês a mês conseguiam expor o monstro em um país, e Matias, mesmo sabendo da traição da jovem, ainda as lembranças dela mexiam com seu coração. Amargurado, era mantido preso entre correntes, prevenção que nunca deveria ser retirada.

Matias fingiu-se muito doente, parou de comer, permanecendo deitado o tempo todo, isso intrigou os donos do circo, que chamaram um médico para um diagnóstico. Ao entrar na jaula a ver o paciente, doutor Charles, um médico experiente, mas já idoso e seu assistente Paul, fizeram vários testes e colheram sangue de Matias, para isso, as correntes foram retiradas e dois guardas ficaram do lado de fora da jaula para tentar barrá-lo caso alguma coisa desse errado. Os profissionais da saúde chegaram no final da tarde e assim como acontece por aqui pelo Brasil, nesse período do dia no outono, que escurece mais cedo, já estava quase noite. Premeditando e acompanhando na mente as fases da lua, Matias sabia que ficaria cheia, por isso, a encenação de doença neste ciclo lunar.

Os diagnósticos prosseguiram quando Matias sentiu uma repulsa no estômago, uma dor muito forte começando a se contorcer. O médico e o assistente tentaram segurá-lo, mas de nada adiantou. Os guardas correram para fechar a jaula e Matias segurou a porta com um dos pés, que já estava enorme, peludo, com unhas compridas e moldado a uma pata. Os homens da saúde começaram a gritar e tentaram aplicar uma injeção em Matias, que se ergueu arremessando a injeção para bem longe. Matias em pé chegava ao topo da jaula, com as roupas rasgadas, o lobo era imenso, virando-se para cuidar da porta da jaula e dos guardas que tentavam a todo custo fechá-la, sendo degolados com as unhas afiadas de suas garras. Com a porta da jaula entortada, nada mais poderia fechar a prisão. Virou-se em direção ao que seriam seu almoço e jantar, rasgando gargantas e os corpos dos dois, a besta de Piódão destroçou o médico e o jovem assistente devorando-os para saciar a fome.

Saindo rapidamente da jaula o pânico e a gritaria se formou quando o monstro se pôs a correr por entre a fila do lado de fora do circo, foi um tumulto, com apitos dos guardas londrinos e balas de espingardas do pessoal do circo, que não o atingiram e a fera sumiu na escuridão da noite.

Nada mais se ouvir falar da besta na Inglaterra, nenhum ataque, nenhum corpo mutilado. Alguns falaram que fora atingido e que estava morto em algum canto, outros que alguém o prendera e o levara para longe... foram muitas as suposições, mas nada concreto que pudesse encontrá-lo.

Só não associaram o sumiço da fera a um navio que deixara o cais bem cedo, ao amanhecer com destino ao Brasil, levando disfarçado de tripulante o monstro, embarcação essa cujos marujos foram 80% devorados e o barco ficando à deriva.

No meio do oceano, na escuridão e do pânico nos porões e cabines daqueles que sobraram, mas nada disso tinha importância... na mente do monstro, só uma palavra dilacerava sua alma: Isabel!



Miriam Santiago: jornalista e formada em Letras. Publicou nos livros: “Livro Negro dos Vampiros”; “A Mulher Japonesa Imigrante”; “Histórias de uma Noite de Natal”; “No Mundo dos Cavaleiros e Dragões”; “Sobrenatural”; “Metamorfose II: Os Filhos de Licão”; “Momento do Autor VIII”, pela Prefeitura de Santos; “Nevermore – contos inspirados em Edgar Allan Poe”; “Mrs. Hyde” e Contos de Terror, da Fábrica de E-books. Também participante ativa da extinta Revista TerrorZine.

Blog: <http://miriammorganuns.blogspot.com> - Contato: miriansssantos@gmail.com



ANUNCIE

**SUA LIVRARIA,
LIVRO, LOJA,
SITE**

**SAIBA COMO:
CLIQUE AQUI**

SAO . ATENÇÃO . ATENÇÃO

Já são mais de
455 mil seguidores

Facebook + Instagram + Youtube



Acesse o QR Code e
conheça o nosso Mídia Kit

Site: + de
3,7 milhões de acessos

www.revistaconexaoliteratura.com.br

DIVULGUE NA

REVISTA CONEXÃO LITERATURA

EDITORAS E LIVRARIAS:

**TENHA SUA MARCA VINCULADA NAS
EDIÇÕES, SITE E REDES SOCIAIS DA
REVISTA CONEXÃO LITERATURA**

No ar desde 2015

95 edições
disponíveis

entre em contato:

ademirpascale@gmail.com - c/ Ademir Pascale



Ademir Pascale
Escritor e Editor

MÍDIA KIT

Opções para divulgação



Veja como é fácil divulgar o seu livro, livraria, editora, produto ou serviço no site, redes sociais e edições da Revista Conexão Literatura.

TENDO INTERESSE EM UMA DAS OPÇÕES OU MAIS INFORMAÇÕES, ENTRE EM CONTATO:

 e-mail: ademirpascale@gmail.com - c/ Ademir Pascale

✓ OPÇÃO 1

Divulgação de autor/livro:

- Engloba: entrevista publicada no site e em 1 edição da revista digital Conexão Literatura. 01 postagem do link da entrevista em nossa fanpage para mais de 200 mil seguidores.

CUSTO: Brasil=R\$ 150,00 - Portugal= € 35

✓ OPÇÃO 2

Anúncio (página interna inteira, tamanho A4, em 1 edição da revista digital):

- Fazemos a arte sem custo adicional.

CUSTO: Brasil= R\$ 200,00 - Portugal= € 60

✓ OPÇÃO 3

Anúncio (página interna inteira, tamanho A4. em 6 edições).

- Fazemos a arte sem custo adicional.

CUSTO: Brasil= R\$ 1.000,00 - Portugal= € 300

✓ OPÇÃO 4

Banner clicável na lateral de todas as páginas do site. Formato (dimensões): 306 x 194, em jpg.

- Duração: 03 meses

CUSTO: Brasil= R\$ 300,00 - Portugal= € 80

✓ OPÇÃO 5

Banner clicável no topo (ótima visualização) em todas as páginas do site. Formato (dimensões): 468 x 90, em jpg ou png.

- Duração: 01 mês

CUSTO: Brasil= R\$ 1.000,00 - Portugal= € 200

✓ OPÇÃO 6

Capa do livro, produto ou notícia no rodapé da capa de uma edição da revista + chamada para página interna.

- Na página interna da edição publicaremos o artigo ou release + imagem.

CUSTO: Brasil= R\$ 500,00 - Portugal= € 100

✓ OPÇÃO 7

SEJA CAPA DA NOSSA REVISTA. Capa (Frente) de 01 edição da revista + entrevista em destaque na edição. A edição será divulgada durante o mês vigente em nossas redes sociais Facebook e Instagram. A postagem com a capa ficará fixa no topo da nossa fanpage: www.facebook.com/conexaoliteratura e na lateral de todas as páginas do nosso site. CUSTO: Brasil= R\$ 2.500,00 (cedemos desc. para pag. à vista) - Portugal= € 500



REVISTA
CONEXÃO LITERATURA

**PORQUE
AMAMOS
LIVROS**

NO AR
DESDE 2015

CONECTANDO AUTORES E LEITORES

DATA DA PRÓXIMA EDIÇÃO

01.06.2023

**PARTICIPE DA PRÓXIMA EDIÇÃO
ANUNCIE | PUBLIQUE | DIVULGUE**

Acesse o nosso Mídia Kit e saiba mais: clique aqui

ACESSE O NOSSO SITE

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

Fanpage @conexaoliteratura // **Instagram:** @revistaconexaoliteratura

Youtube: @conexaonerd